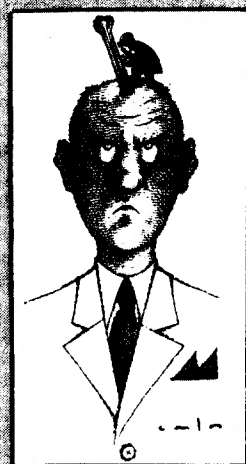


Actividade febril no Governo e na AD visa «apagar» resíduos da crise É a guerra dos 100 dias! — comentava um informador da maioria

A «ofensiva de Outono», anunciada e adiada pelo PS, acaba afinal por ser executada pelo Governo, pela CIP e pela CAP, com as determinações do FMI. A «Guerra dos Cem Dias», como lhe chamou um membro da AD, ou «tratamento de choque», como já foi anunciado, não augura nada de bom para os próximos meses. A pensar nas próximas eleições das autarquias locais, a AD terá de viver — tal como o Governo de Sá Carneiro — em clima eleitoralista.

Simultaneamente, realiza-se esta tarde uma cimeira AD. A maioria dos presentes são membros do Governo, esta manhã reunidos em Conselho de Ministros. A acompanhar esta «actividade febril» já foram mercados os Conselhos Nacionais dos três partidos da AD. Entretanto, na próxima semana será discutido o Programa do Governo e votada uma Moção de Confiança apresentada pelo Executivo.

Pág. 5



- Conselho de Ministros examinou Programa do Governo
- Cimeira da AD reunida na sede do PPM
- CIP e CAP agitam-se
- CDS, PSD e PPM marcam reuniões das cúpulas



Presumível autor da morte e violação da jovem Fátima detido em Lagos

Foi ontem à tarde preso em Lagos, onde reside, um indivíduo sobre quem recaem fortes suspeitas da autoria do homicídio e violação da menor, Fátima da Caridade Lopes de Brito, de 12 anos, residente em Armação de Pêra. O indivíduo capturado pela Polícia quando seguia no seu automóvel vermelho, tem 28 anos, é casado e exerce a profissão de mecânico na cidade onde foi detido. Após interrogatórios na sede da PJ de Faro, que se prolongaram até ao princípio da madrugada de hoje, terá admitido a prática dos crimes de morte e de violação, este último, ao que parece, praticado já depois da morte da jovem. A Judiciária, que por enquanto se recusa a fornecer mais pormenores, procede a diligências tendentes a aferir as declarações prestadas pelo suspeito. Pág. 8



Sporting contra «amadores»

Pior é impossível

Uma companhia de futebolistas amadores, sob o emblema luxemburguês do Red Boys, veio até Alvalade funcionar como teste n.º 1 ao futebol sportinguista que tenta viagem uesteira. O êxito (4-0) dos leões acabou por ser ínfima parcela das oportunidades desbaratadas: e foi este trio (Manuel Fernandes, Jordão e Oliveira) que conseguiu, com o belo trabalho de Freire e Alberto, evitar o percalço do ano. Comentário de Neves de Sousa

Pág. 17

Cumprindo promessas eleitorais

Mitterrand decreta nacionalização da Banca Cinco importantes grupos industriais também abrangidos

O Conselho de Ministros francês aprovou ontem um programa de nacionalizações que a imprensa de Paris considerava esta manhã como o mais audacioso da Europa nos últimos vinte anos. São nacionalizados 36 bancos (que representam 95% do crédito), mas excluem-se desta me-

diada os bancos sob controlo estrangeiro, os de tipo mutualista ou cooperativista e os que no dia 2 de Janeiro deste ano tinham depósitos de montante inferior a mil milhões de francos. Cinco dos maiores grupos industriais ficam totalmente nacionalizados: a CGE, Saint Gobin, PUK, Rhone-

-Poulenc e Thomson Brandt. As empresas fabricantes de armas — Dassault e Matra — ficarão para já com 51% do capital estatal, prevendo-se, para a primeira citada, que, dentro de cinco anos, o Estado a controlará inteiramente.

Págs. centrais



«Guernica» voou para Espanha

Rodeada de excepcionais medidas de segurança, a «Guernica», o célebre fresco de Picasso, com 7,82 por 3,15 metros foi expedida ontem de Nova Iorque para Madrid, onde chegou hoje. Na capital espanhola um dispositivo especial de segurança aguardava o quadro que foi escollado até a um anexo do Museu do Prado, o «Cason del buen retiro», seguindo um

trajecto previamente delineado e mantido em segredo até à última hora. O valor da tela, até agora vista por qualquer coisa como 30 milhões de pessoas, é praticamente incalculável. O quadro constituirá o motivo central das comemorações do centenário do nascimento de Picasso que passa no dia 25 de Outubro.

Pág. 24



Fundou e dissolveu a Escola Freudiana de Paris

Jacques Lacan morre aos 80 anos

Pág. 24

Serviço Especial

Le Monde

Diário de Lisboa

Inundação

A fotocópia torna-se japonesa

Dezasseis biliões! É o número de fotocópias efectuadas, no ano passado em França. Um número que ainda deve aumentar já que se prevê a instalação ainda este ano de mais trinta mil copiadore, contra vinte e quatro mil em 1980. Actualmente um estabelecimento, em três está equipado, pelo menos com uma máquina e o parque global é quase de meio milhão de unidades o seu crescimento é de 6 a 7% por ano, mas de 20% para os fotocopadores em papel vulgar — ainda chamados P.P.C. (Plain Paper Copiers) — que poderiam passar de cento e cinquenta mil a duzentos e oitenta mil entre 1980 e 1984.

Estes últimos, pelo seu preço de compra, sempre decrescente, pela qualidade mais atraente das suas reproduções e o menor custo das folhas virgens, estão quase a destruir os termocopia-

dores de mesa do tipo Scotch 3 M e os copiadores sobre papel electrostático elaborado com óxido de zinco. Segundo a técnica empregue, a rapidez e o formato das reproduções, um fotocopador custa hoje, entre 500 francos e mais de 500.000 francos.

A este mercado heterogéneo mas florescente abrem-se ainda novas perspectivas, sendo considerado o domínio da tecnologia da fotocópia como estratégia para o desenvolvimento da «bureautique» de amanhã. No escritório do futuro que nos apresentam os peritos, encontrar-se-á uma espécie de unidade de impressão de todos os azimutes. A mesma máquina — que ainda não tem nome mas a que muitos já chamam uma «impressora-copiadora inteligente» (I.C.I.) — permitirá transmitir por linha telefónica um documento a vários

destinatários. É o correio sem o carteiro. Terá ainda por papel, como a impressora actual reproduzir informações elaboradas sobre um microordenador ou um sistema de tratamento de textos de recopiar a imagem do écran de um terminal informático. Poderá, enfim, servir para fazer... as clássicas fotocópias.

Desastre nacional
Todos os especialistas estão de acordo em reconhecer a razão da aposta na fotocópia e ainda mais na impressão sem impacto. Excepto aparentemente os responsáveis das empresas francesas. Não existem fotocopadores fabricados no nosso país. A excepção que confirma a regra: S.C.E.M., pequena sociedade que contruiu algumas unidades especializadas em papel electrostático em Richardville (Ensonne) — cidade menos provada que uma grande fábrica de fotocopadores.

Assim, os estrangeiros não podiam sonhar com um paraíso industrial melhor que a França. Mais grave ainda, os postos estão tomados. Todos os grandes países europeus têm as suas unidades de produção: a Holanda (Océ e Rank Xerox), Alemanha (Agfa-Gevaert, Canon, I.B.M., 3M, Olympia), a Dinamarca (Rex-Rotary), a G.B. (Gestetner e ainda Rank-Xerox) e mesmo a Itália (Olivetti).

A França, nada. É verdade que tem uma fábrica em Neuville-em-Ferrain (Norte) mas

somente para aí arranjar as máquinas usadas.

Xerox sofre!

As sociedades multinacionais estão a tentar avançar os seus peões no xadrez do escritório automatizado. Depressa compreenderam que, com a máquina de escrever, a fotocopadora era o produto mais bem adaptado para introduzir as suas equipas comerciais no escritório de hoje, antes de aí vender os materiais de amanhã. Assim, a Rank Xerox, número um mundial da cópia não foi a última a lançar-se nas máquinas de tratamento automático de textos.

O gigante americano é incontestavelmente maioritário em número de fotocópias feitas no mundo sobre as unidades da sua fabricação. Quanto ao parque de máquinas, recentemente instaladas já não é assim. A sua parcela de mercado reduz-se, está a reduzir-se rapidamente sob pressão de uma concorrência extremamente agressiva. Sobre tudo por parte dos fotocopadores mais pequenos. A estagnação, leia-se baixa de lucros, em várias filiais europeias é disso o sinal tangível. A multinacional encararia o contra-ataque mandando fabricar máquinas de baixa qualidade no próprio Japão pelo expediente da sua filial Fuji-Xerox (50 % Fuji, 50 % Xerox).

Jean Jacques Malwal

Maré japonesa

Desde que se trate de mercados de envergadura, de futuro certo e de alta tecnologia, pensa-se logo nos japoneses. Segundo a Dataquest, uma sociedade americana de estudos de mercado, os copiadores japoneses somente representariam em 1972, 6% da produção mundial e... 73% em 1979. (E mesmo 79% contando com os aparelhos Canon e Ricoh construídos fora do Japão). Apesar da sua tardia chegada a França, os nipónicos forneceram, no ano passado mais de metade dos fotocopadores em papel vulgar. No último Sicob, em vinte cinco novos aparelhos, dezanove seriam de origem japonesa. Por fim, cúmulo do sucesso, as empresas europeias, tais como a S.M.O., Copystat, Regma, Agfa-Gevaert, Kalle-Infotec, Olympia, e mesmo americanas (Nashua, 3 M) revendem em França copiadores japoneses. A própria I.B.M., infringindo os seus sacrossantos princípios, vai distribuir minicopiadores comprados à Minolta. Made in Japan.

Logo, ao lado da Rank-Xerox, a luta pelo mercado destas unidades de baixa qualidade limita-se cada vez mais a uma concorrência entre os próprios japoneses, principalmente Ca-

non, Copyer, Kip, Minolta, Mita, Ricoh, Sharp, Toshiba e U-Bix. Nas outras direcções do mercado mundial da cópia, o parque de unidades de tamanho médio está em regressão, sendo o das máquinas de alta qualidade monopolizado pelos americanos (I.B.M., Kodak que está a chegar à Europa, Xerox). Mas os protótipos nipónicos apercebem-se no horizonte: a Canon tem já uma máquina, a Super X mais rápida que as mais rápidas da Xerox!

Este sucesso japonês levou a uma grande baixa de preços (um copiadore P.P.C. teria como preço desde esse ano, 10.000 francos).

Como explicar esta inundação, imprevisível há somente dez anos? «A fotocópia tornou-se uma quase necessidade no Japão: a escrita — uma mistura de alfabetos e de ideogramas — é a maior parte das vezes manuscrita, logo reproduzível unicamente por máquinas baseadas no princípio do fac-símile, logo do tipo fotocopiadore», explica um engenheiro da C.G.E.

Estratégia francesa

Desde que as licenças da Xerox são do domínio público,

Continua na pág. 4

A fotocópia sobre papel vulgar em França...

Evolução do parque total de máquinas instaladas	1973	1975	1977	1979	1980	1984
	43 000	62 000	86 000	132 000	150 000	280 000

Fonte: Instituto Remy Ggenton (*) — Estimativas do autor

... e o mercado mundial dos copiadores PPC

Parque mundial instalado p/ano	1979	1980	1981
	889 000	1 127 000	1 330 000
Exportações japonesas (2)	464 000 (52%)	668 000 (59%)	875 000 (66%)

Fontes: Dataquest e OEP

(2) A estes números já impressionantes, torna-se necessário acrescentar as fabricações de firmas nipónicas fora do Japão assim como a produção para o mercado interno japonês, para conhecer a parte da indústria nipónica no mundo da fotocópia, avaliada globalmente em 79% em 1979 por Dataquest.

Le Monde

**RACISTAS
FORA
DE
ANGOLA**

CONCENTRAÇÃO

DIA 11-9-1981 - ÀS 19 HORAS

NA AVENIDA LUIS BÍVAR

JUNTO À EMBAIXADA DA ÁFRICA DO SUL

A S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA - LISBOA



**ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE
PORTUGAL-REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA**

Concurso "DL"/81

**DATA LIMITE:
17 DE SETEMBRO**
**...mas envie hoje mesmo
as suas colecções!**

Em face do atraso da correspondência resultante da greve dos CTT, e para que nenhum dos nossos leitores fique prejudicado, foi decidido alterar a data limite de envio pelo correio (única forma de entrega das colecções) para 17 DE SETEMBRO, passando a data do sorteio para 13 de Outubro. Mas não espere pelo último dia: envie hoje mesmo as suas colecções!

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8\$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar — não use fita gomada, não agrafe e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 17 de Setembro de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

**DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA**

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento.

**Os números atrasados
poderão ser adquiridos na Rua Luz Soriano, 17**

política de A a Z

A confissão da autoria da crise e outros equívocos



A cerimónia de posse do Governo AD de liderança tripartidária, o Primeiro-Ministro confessou, claramente, que a crise que levou à constituição desta segunda versão do Governo de sua presidência tinha sido, na origem e no desenvolvimento, uma crise no seio da Aliança Democrática. Com efeito o dr. Francisco Balsemão disse: «a verdadeira razão da crise governativa, que com esta posse fica definitivamente ultrapassada, residia na consciência de que, num país carenciado e expectante pela efectivação do programa eleitoral da Aliança Democrática, não parecia legítimo que permanecessem dúvidas, de qualquer natureza, acerca da solidariedade do comprometimento de todos os sectores políticos da Aliança Democrática em relação ao Governo por ela constituído».

E reconhecendo que «em termos meramente formais», são condições suficientes para a sobrevivência de um Governo que lhe estejam asseguradas a confiança política do Presidente da República e a confiança maioritária da Assembleia da República, o dr. Francisco Balsemão defendeu que um «Governo necessita de apoio político, claro, inequívoco e permanente de todos quantos politicamente se comprometeram para com o Povo português em torno do programa que ele se obriga a executar».

Esta cândida explicação dá-nos um triste testemunho de maquiavelismo político. A manobra resultou. Confrontados com a perspectiva de uma ruptura, os rebeldes do PSD submeteram-se, desistiram ou adiaram as suas reivindicações contestatárias, os críticos exteriores trocaram a conspiração pelo diálogo cooperativo, o distante Freitas do Amaral aceitou (formalmente) ser o «segundo» do Governo, a guerrilha institucional abrandou, as conversações relativas às eleições para as autarquias vão entrar numa fase mais realista. O caminho do Governo AD parece desanuviado, pacífico. Francisco Balsemão ganhou o seu jogo. Colocou as suas pedras. Está satisfeito com o sucesso.

Nas palavras do Primeiro-Ministro «critérios éticos», que não tiveram em conta os critérios políticos, a regra democrática, teriam inspirado a abertura da «falsa crise». Apercebeu-se, subjectivamente, que lhe estavam a ser recusadas, no seu partido e nas forças componentes da AD, as «condições de eficácia e de credibilidade do Governo para a execução de um programa corajoso e renovador de efectiva mudança da sociedade portuguesa». Inspirado por Maquiavel doméstico estabeleceu um plano de manobra envolvente. Os rebeldes, os críticos, os contestatários, os rivais, deixaram-se prender nas malhas da rede. Francisco Balsemão disse que a «crise governativa», por obra e graça do acto de posse ficava «definitivamente ultrapassada». Definitivamente é uma longa palavra. Definitivamente, até quando? Por quantos meses, semanas, dias?

O carácter artificial da crise política no plano nacional e o carácter fulanístico da crise no interior da Aliança Democrática, e, com particular gravidade, no interior do PSD, não deixam margem

a que atribuamos toda a extensão que lhe cabe ao advérbio «definitivamente» que o Primeiro-Ministro com tranqüilo triunfalismo empregou. Triunfalismo, propensão afirmativa, auto-satisfação, que traem no discurso a consciência de ter ultrapassado uma crise e deixam adivinhar a ilusão de que, para Francisco Pinto Balsemão, o caminho está desbravado.

Mas — perguntar-se-á — caminho para onde?

Quando na cerimónia repetitiva de posse deste VIII Governo Constitucional, o Primeiro-Ministro vem afirmar que «valeu a pena o compasso de espera suscitado», não podemos furtar-nos ao exame das suas palavras e a concluir, com malícia mas sem maldade, que nada o impedia de se ter preocupado logo que assumiu a «sucessão» de proceder a um «aprofundamento do programa da aliança» e de ter diligenciado prevalecer-se, logo na primeira versão do seu Governo, de um «empenhamento mais directo na acção do Governo, por parte dos outros líderes da aliança». Não é o Governo da Nação o lugar propício para fazer experiências. Não é o Governo da Nação um lugar de treino de políticos.

No discurso depara-se-nos um pensamento central. Este Governo tem força. Este Governo vai governar. Este Governo vai criar «factos políticos». Ou na síntese de Francisco Balsemão: «O Governo apresenta, à partida, condições reforçadas para mudar Portugal».

De mudança era o «projecto Sá Carneiro-Soares Carneiro». Será este nebuloso «projecto» que permanece válido para o Primeiro-Ministro, ou as referências de fidelidade são meramente defensivas, e tendo compreendido a rejeição de Dezembro, a actual liderança da AD, pensa, em termos de «reformismo social», da «aceleração do desenvolvimento económico e da justiça social», da «promoção da modernidade cultural, científica e tecnológica»? Será que a mudança se reduz à «revisão constitucional» ou nela se concretiza? Será que se diz mudança e se concede espaço político e atribui autoridade ao «restauracionismo»?

O horizonte de um «reformismo social» participado pelo CDS, acolitado pelo PPM, para além dos lirismos ecológicos, tem por limites naturais o «desenvolvimentismo marcelista». E este assenta — seria interessante recolher as livres opiniões de João Salgueiro e de Nascimento Rodrigues, acaso diferentes, acaso complementares — numa política de contenção, ou de repressão das reivindicações dos trabalhadores.

Para justificar essa política, e a necessidade de imprimir mais acelerado ritmo à revisão constitucional, falou o Primeiro-Ministro nos «dados essenciais e permanentes do País que somos». Mas, os resultados das eleições de Dezembro são, também, um dado.

Se do «essencial» e do «permanente» é fácil falar e difícil definir a contento de historiadores, sociólogos, economistas e políticos, do dado de conjuntura, que os resultados das eleições presidenciais nos oferecem, é fácil concluir que uma maioria nacional, sem a correspondente maioria parlamentar, rejeitou o seu projecto de mudança a que Francisco Sá Carneiro ligara o seu nome e destino político. Este dado não pode ser ignorado pelo Primeiro-Ministro. Francisco Balsemão não pode ficar a gozar o seu pequeno triunfo. Terá de enfrentar, vencida a crise da Aliança, a falta de «projecto» e a grave crise nacional.

Joaquim Manso morreu há 25 anos

«Tolerância» — tónica do fundador do «Diário de Lisboa»

Completam-se hoje vinte e cinco anos sobre a morte de Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa» e seu director até ao dia em que se foi de entre nós: 10 de Setembro de 1956. Norberto Lopes, que lhe sucederia no cargo de director, no elogio que fez de Joaquim Manso, escreveria que tinha desaparecido uma personalidade que, durante mais de meio século, exercera «com a maior dignidade a suprema magistratura da Imprensa». E isso porque, para além de «um verdadeiro mestre do jornalismo», Joaquim Manso pertencera «àquela galharda geração que, saída dos bancos universitários de Coimbra, pouco depois da proclamação da República, pela pena e pela palavra, deu ao novo regime um corpo de ideias e de pensamentos, divulgando-o entre o povo».

Joaquim Manso (e respeitando o retrato que dele nos faz Norberto Lopes, tocado de emoção, mas correcto nos seus traços essenciais), «distinguiu-se sempre pela viva tolerância, o respeito pelas opiniões alheias, a equanimidade do espírito». E, assim, «nunca se desviou da linha ética que traçou, nem dos princípios da sua confissão religiosa, quaisquer que fossem os acontecimentos». Quanto aos princípios professados por Joaquim Manso, merece se transcrever na íntegra o seguinte juízo

emitido por Norberto Lopes: «(...) Proclamava-se sempre, mesmo quando os homens desviados pela política, ou negando as verdades espirituais, o ameaçavam ou perseguiram com clamores de ódio e gestos de violência».

Numa altura em que pelos órgãos de comunicação social (Imprensa, Rádio e TV) impera, com raras excepções, uma grande arbitrariedade, um despudor que afecta a ética profissional, um certo egoísmo que dilacera (por vezes de maneira irreversível) o espírito de classe, é justo e oportuno que se lembre um nome que fez do «Diário de Lisboa» uma escola de jornalismo, caracterizada «pelo respeito absoluto da personalidade humana». O «DL», efectivamente, e por obra de Joaquim Manso, e de todos quantos o acompanharam (ou o souberam acompanhar), desde o primeiro número que rompeu com uma política de círculo fechado. O jornal não era só uma política, só uma defesa ou unicamente os seus redactores. Chamou-se o leitor para que a unidade de ler e escrever se concretizasse. Atenhamos nas palavras (mais uma vez) de Norberto Lopes: «O leitor, que até então era uma entidade passiva e desconhecida, passou, nas colunas deste jornal, a ter um nome, a emitir os seus juízos, a fazer as suas críticas. Conquistou mesmo antes disso estar legislado, o direito de

replicar (...)

Obedecia-se, enfim, ao espírito de que «se deviam recolher todas as opiniões, num exemplo magnífico do que é a verdadeira liberdade de Imprensa». Mas significava isso que se aceitasse todas as opiniões, como se o jornal fosse um espelho que por inércia tudo reflectisse...? De maneira nenhuma. Prevalecia também o princípio de discussão dessas múltiplas opiniões. Como hoje, aliás, apesar de situações complexas e entusiasmos generosos que se foram vivendo de 25 de Abril de 74 até à data. Assim, logo a partir dos primeiros números, o «DL» (lembra Norberto Lopes), face a essas múltiplas opiniões, marcava o seu ponto de vista, em «fundo», cumprindo ao público «distinguir o trigo do joio, seguir o melhor caminho, ver de que lado estava a verdade».

Durante quarenta anos, Joaquim Manso e a sua equipa, assim se norteando, cumpriram, dentro dos limites do possível (e refira-se aqui a existência da Censura oficial, como obstáculo à livre expressão das ideias), o papel que tinham assumido de esclarecedores da opinião pública. Com erros...? Com lapsos...? Com, por vezes, uma certa retórica...? Sem dúvida. Mas sempre com aquela sinceridade que distingue os verdadeiros jornalistas dos mercenários da escrita. Essa foi, em certa

medida, a pedrada lançada ao charco de qualquer possível escrita oficial.

Após a morte de Joaquim Manso, e com Norberto Lopes como director, o «Diário de Lisboa», ao longo dos anos, soube herdar essa pedrada lançada ao charco. E hoje, com outros directores, com outros jornalistas, com outros trabalhadores, este vespertino continua a distinguir-se pela sua «viva tolerância», pelo «respeito pelas opiniões alheias», pela «equanimidade do espírito». Com erros esporádicos...? Com lapsos momentâneos...? Sem dúvida — e ainda bem: que se fora sempre rígido, sempre perfeito, sempre sem um deslize, não era, certamente, um jornal vivo e generoso. Seria, em suma, um jornal arquivado, arrumado numa biblioteca, destinado tão-só à consulta. E os leitores, neste ou naquele quadrante, ou até nos quadrantes todos da actual vida portuguesa, desejam é que o «DL» lhes proporcione uma leitura que os ponha em contacto com todos os problemas, com todas as opções, com a sinceridade, enfim, que habita em todos nós, os que escrevem e os que lêem. Porque só assim (e retomando traços do perfil de Joaquim Manso feito por Norberto Lopes) o público distinguirá «o trigo do joio», e seguirá «o melhor caminho» e verá de que «lado está a verdade».



● O Governo dinamarquês contribuirá com 800 mil coroas (6,96 milhões de escudos) para um programa de repatriação de africanos, vivendo actualmente em Portugal — anunciou o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Os africanos em causa são oriundos de Cabo Verde, Angola e Moçambique. Segundo o Ministério, estes países precisam muito da capacidade laboral e comercial desses africanos.

O programa de repatriação está a ser conduzido pela Comissão Intergovernamental para a Migração (CIME), em colaboração com o Alto Comissariado da ONU para os refugiados e com o Governo português — segundo o anúncio dinamarquês.



● A partir de hoje e a convite do Partido Comunista Português, visita o nosso país uma delegação do Partido Comunista sul-africano composta por Yusuf Dadoo e Moses Mabhidla, respectivamente presidente e secretário-geral do partido.

● O ministro da Cultura de Omã Sayyed Bin Ali, e o ministro português dos Negócios Estrangeiros, André Gonçalves Pereira, assinaram ontem um acordo de intercâmbio cultural entre os dois países.

O ministro da cultura de Omã disse que se pretendia com a assinatura do comento o estreitamento de reacções entre os ovos dos dois países no seguimento da visita de Pinto Balsemão a Omã.

Antes da assinatura do acordo, o ministro da Cultura de Omã avistou-se em S. Bento com Pinto Balsemão.

O ministro de Omã fazia-se acompanhar do embaixador do seu país em Paris, encontrando-se também presente o ministro português da Cultura, Lucas Pires.



● O secretário de Estado da Cultura desloca-se ao Algarve nos dias 12 e 13 a fim de assistir ao Quinto Festival Nacional de Folclore.

Gomes de Pinho, que representará naquele certame o ministro da Cultura e Ciência, Lucas Pires, terá no decorrer da visita, uma reunião de trabalho com o delegado local da sua Secretaria de Estado.

No encontro deverão ser abordados a problemática da Acção Cultural daquela delegação e ainda algumas questões relacionadas com a actividade do Teatro Lethes, em Faro.



● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Melo Egídio, recebeu ontem, em visita de cortesia, o embaixador de Israel em Lisboa, Dov Halevy Milman.

comunicação social

Anop sob inquérito

Alegada conspiração contra João Jardim analisada pelo CI

O Conselho de Informação para a ANOP decidiu abrir um inquérito a factos relacionados com o presidente do Governo Regional da Madeira e referidos em Agosto numa edição do semanário «Tal & Qual».

Além do PPM, que propôs o inquérito, votaram a favor os restantes Partidos da AD: PSD e CDS (15 votos). O PS, PCP, ASDI e UEDS votaram contra (13 votos).

Aquele semanário, com título a toda a largura da primeira página, anunciava: «Conspiração contra Alberto João Jardim».

Nas páginas interiores, divulgada extractos de um rascunho elaborado na Assessoria da Direcção de Informação, onde se apontavam hipóteses de solução para um diferendo entre a agência e o presidente do Executivo da Madeira.

Tratava-se de documento de carácter privado, desviado de uma gaveta da secretária do director de Informação da ANOP e posteriormente fotocopiado.

O conselho de gerência daquela agência mandou imediatamente instaurar um inquérito (que decorre) às circunstâncias que rodearam o incidente.

O PPM justificou a sua pro-

posta com a necessidade de apurar a veracidade do texto divulgado no semanário «Tal & Qual» pelo «facto de o conselho ser aí directa ou indirectamente posto em causa».

«Torna-se pois absolutamente necessário aclarar em toda a extensão a trama definida, salvaguardando a idoneidade da ANOP ou remensionando-a para a única linha de acção legítima: a agência noticiosa do Estado» — acrescenta aquele partido nos considerandos.

Os monárquicos referiram ainda a necessidade de «manter intocável a dignidade» com que o Conselho de Informação tem exercido as suas funções constitucionais.

O PS, que votou contra (com a UEDS, PCP e ASDI), considerou como «fora das atribuições do CI» o apuramento da veracidade dos factos levantados pelo semanário.

«Só após o resultado do inquérito que actualmente decorre dentro da ANOP é que devemos pronunciar-nos» — acrescentam ainda os socialistas. O PS afirmou ainda «estar-se a dar demasiada importância ao que uma folha de um jornal diz».

Orçamento inferior ao pedido pelo conselho de gerência

Entretanto, José Alfaia, secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para a Comunicação Social, que assistiu à reunião do CI para a ANOP para se inteirar dos seus problemas, anunciou ser de 160 milhões de escudos, menos 40 milhões do que o conselho de gerência propunha a dotação orçamental para a agência para o ano corrente. Em 1980, o orçamento foi de 120 milhões de escudos, e em 1979, de 70 milhões.

Alargamento de quadros, extensivo às delegações regionais e autónomas, e melhoria das instalações da sede, com vista à entrada em funcionamento de material já adquirido, foram algumas das medidas que José Alfaia anunciou.

No âmbito do melhoramento e alargamento da agência, o secretário de Estado acrescentou irem sendo criadas delegações na Europa, África e Próximo-Oriente, «para apoio à emigração». Alfaia comunicou ainda estar a ser estudados os novos estatutos da ANOP e as taxas de exploração (venda de serviços) para a agência.

Liber 25

Está publicado o N.º 3, referente aos meses de Julho e Agosto, da revista bimestral **LIBER 25**, dirigida pelo coronel Luís Vicente da Silva e que conta com a colaboração de Pezarat Correia, Piteira Santos, Daniel Sampaio, Pereira de Carvalho, Fernando V. Pinheiro, Júlio Pinto, Alberto Freire, Martins Guerreiro, João Rui de Sousa, Miguel Urbano Rodrigues, António Vitorino, Luís Quintino, Rito Canedo, José Pinto Ferreira, Vasco Gonçalves, Beja Santos, P. Ramos de Almeida, H. Lopes de Mendonça, Margarida Calado, Vítor Alves, José Pinto Figueiredo.

São variados os assuntos abordados dentro das características de uma publicação que se define como uma «revista militar para civis — revista civil para



militares». O editorial intitula-se: «Ecos acerca da revisão constitucional no âmbito militar».

Pasta perdida no Simpósio da Gulbenkian

Ao participante da UNEP (Programa das Nações Unidas para o Ambiente) no Simpósio Internacional de Gestão dos Recursos Hídricos, a decorrer na Gulbenkian até ananã, desapareceu uma pasta com documentos importantes, agenda de telefones e o bilhete de avião.

O secretariado do Simpósio solicita a quem encontrou a pasta que a faça chegar à Fundação Gulbenkian ou que para lá telefone.

Amanhã em Lisboa, a favor de Angola

Manifestação de protesto contra a África do Sul

A Associação de Amizade Portugal-Angola anuncia para amanhã ao fim da tarde em Lisboa uma concentração popular de protesto contra a recente invasão do território do sul de Angola por tropas da África do Sul.

A iniciativa, no dizer de um elemento da associação, situa-se no âmbito de uma campanha de solidariedade com o povo angolano, em conta dos «laços de grande amizade» que existem entre este e o português.

A concentração far-se-á, com início cerca das 19 horas, na Avenida Luís Bivar, a S. Sebastião da Pedreira, nas proximidades da Embaixada da África do Sul.

A iniciativa da AAP-A está a merecer apoios. Ontem, o Comité Português para a Paz e a Cooperação anunciou que estará na manifestação, associando-se ao protesto contra Pretória.

Também o PCP, através da DORL, emitiu um comunicado exprimindo o seu apoio à manifestação.

Jornalista ferido passou por Lisboa

Entretanto, passou ontem por Lisboa o jornalista da BBC, Michel Woolridge, que a semana passada foi ferido num ataque aéreo sul-africano quando seguia, com outros jornalistas e em missão de reportagem, na companhia de um destacamento de tropas angolanas pelo território sul da RPA.

«A minha sensação, pelo que auscultei, é que a África do Sul está a querer transformar o sul de Angola em terra de ninguém — afirmou o jornalista em declarações à ANOP, no aeroporto, em escala do voo que depois o levaria a Londres.

Michael Woolridge referiu-se ao «despovoamento de toda a zona», frisando que o Governo de Luanda fala de 130 mil refugiados — que fugiram das localidades onde viviam para se esconderem no mato, com receio de novos ataques aéreos da África do Sul.

«Pessoalmente, apenas posso confirmar que, dia após dia, chegam imensos refugiados às localidades que oferecem

maior segurança» — afirmou, acrescentando crer que haverá, proximamente, graves problemas, com a chegada desses refugiados às cidades e às vilas mais protegidas.

«Quanto à possível existência de militares soviéticos a combater ao lado das forças angolanas, Woolridge afirmou: «Nunca vi. Há bastantes soviéticos e cubanos, mas nunca os vi envolvidos em combates ou em condições que me pudessem levar a pensar isso».

Michael Woolridge disse ainda não haver quaisquer indícios da formação de uma frente, a norte, movida pela Frente Nacional de Libertação de Angola: «Tudo se passa a sul, e, aí, sim, segundo o Governo de Luanda, a Unita está a tirar proveito da situação».

Quanto aos efectivos militares a tipo de armamento utilizado pelas forças sul-africanas nos ataques, o jornalista da BBC não pôde confirmar, nem a versão de Luanda (segundo a qual estariam a ser usadas armas soviéticas), nem a da África do Sul, «Apenas vi — disse — o Impala (avião), que nos atacou. E desse não me esqueço».

FAUL considera o novo Governo uma «saída institucional» para a crise

PS define-se como «oposição frontal» e põe em causa críticas do PCP

A Federação da Área Urbana de Lisboa do PS emitiu um comunicado acerca da situação política actual. O texto, que se refere também às eleições intercalares em Loures, aponta para a necessidade de uma vitória socialista neste conselho, reconhece que a formação do actual Executivo foi «uma saída constitucional para a crise» mas denuncia o agravamento, em perspectiva, da situação, que a política do novo Governo vai produzir, e rebate críticas do PCP ao PS, feitas por Álvaro Cunhal no passado domingo na festa do «Avante!».

O actual Governo foi uma saída constitucional para a crise, uma vez que — diz a FAUL — «a AD dispunha de uma maioria na AR e o primeiro-ministro indigitado dispôs da confiança do PR». É por isso que acrescenta o documento — «as afirmações do dr. Cunhal, ao invectivar o PS, como se este fosse responsável por esta situação de facto, representam, ou a transferência para o PS de responsabilidades que cabem a órgãos de soberania, ou o que é mais grave — um convite à subversão do regime democrático».

O PS — lembra a FAUL — afirma-se como «oposição fron-

tal e alternativa global à AD, mas no respeito do regime constitucional vigente» — lembra a FAUL acrescentando que «é com natural apreensão que tem seguido as declarações de sectores governamentais que anunciam uma política restritiva do crédito e uma política social que põe em causa a legislação do trabalho liberalizando os despedimentos e modificando as leis que regulamentam a contratação colectiva».

UDP critica Cunhal

Não só o PS criticou Álvaro Cunhal pelas suas declarações na Festa do «Avante!» no passado domingo: também a UDP — embora, neste caso, de uma óptica diferente — num texto do seu secretariado nacional ontem divulgado.

A UDP põe em causa as críticas do PCP ao PS, considerando que, se o PS faz «concessões» à direita, o PCP não tem alternativa para apresentar à actual situação e à AD.

«A direcção do PCP hipotecou a defesa das conquistas e liberdades populares à vontade arbitrária de um Mário Soares virado para o PSD e de um Presidente

da República que está de acordo com a ofensiva reacção da direita contra as conquistas de Abril» — diz o documento.

Segundo a UDP, «a direcção do PCP não tem qualquer alternativa para fazer estoirar a AD, no caminho da mudança a favor do povo e do País, a favor do verdadeiro socialismo».

O POUS contra a AD

Também o POUS tomou ontem posição extremamente crítica em relação ao actual Executivo, em conferência de imprensa dada por representantes daquela organização.

Para esta, o terceiro Executivo da AD é «um desafio brutal ao movimento operário», vai tentar levar a efeito o alargamento do conteúdo político do 25 de Novembro à economia, «liquidando na prática as conquistas do 25 de Abril».

A gravidade da situação — segundo os dirigentes do POUS — «exige e impõe aos que falam em nome do 25 de Abril, a constituição de um bloco unido com os trabalhadores para impedir a contra-revolução da AD de passar».

O POUS vai concorrer às eleições para a Câmara de Loures.

A fotocópia torna-se japonesa

Continuação da pág. 2

um grande número de industriais envolveram-se na cópia sobre papel vulgar. Ora a tecnologia do copiator está perfeitamente adaptada ao contexto industrial japonês, o mesmo que produz com o maior à-vontade magnetoscópios, aparelhos fotográficos ou calculadoras. Diríamos, como um especialista de mercados da «bureautique» Sr. Genton, «o que gira à volta de unidades produtivas em grande quantidade integrando uma certa máquina associada a uma máquina electrónica».

Enfim, o modo de se instalar no estrangeiro é muitas vezes idêntico — o produto é testado por um revendedor local, que em seguida é absorvido quando as vendas tomam uma certa proporção. Foi o caso de Daniel Paillet S.A. que se tornou Canon-France.

O imenso défice da balança comercial francesa não parece preocupar o sr. Bellanger, encarregado da «bureautique» no seio da Direcção das indústrias eléctricas e da informática (DIELI) do Ministério da Indústria: «não

estão excluídos os acordos entre sociedades japonesas e francesas para os pequenos copiatores. Devido a medidas proteccionistas, os japoneses têm cada vez mais tendência para instalar fábricas na Europa, como a Canon fez na Alemanha».

Insiste na tomada de participação de Saint-Gobain-Pont-à-Mousson e da C.G.E. em duas sociedades respectivamente a italiana Olivetti e a inglesa Roneo «Todas as empresas francesas, acrescenta, trabalham sobre o problema dos

aparelhos inteligentes de impressão sem impacto, quer se trate de impressoras de escritório, de máquinas de dupla acção de impressor e de fotocopiador, ou telecopiadores». E cita Benson, uma P.M.E. bem francesa, que domina esta tecnologia de impressão sem impacto sobre os traçadores gráficos.

CIT-Alcatel, por outro lado prepara um telecopiador sobre papel vulgar. E as ambições da Matra no domínio da «bureautique», incluindo a reprodução de poderiam em breve ser apoiados

pelos poderes públicos.

O CODIS (Comité de Orientação para o Desenvolvimento das Indústrias Estratégicas), organismo interministerial de recente criação tem exactamente por fim seleccionar os projectos de empresas francesas e ajudá-los financeiramente nos domínios considerados cruciais para a economia nacional. Quer o orçamento do organismo quer as próximas intervenções são secretas. Um grupo de trabalho defende a «bureautique» e chegou-se a um consenso para

considerar como estratégico o sector dos impressores-copiadores multifuncionais. «Existem algumas propostas de sociedades neste domínio», observa o Sr. Nicolet, porta-voz do grupo de trabalho.

Assim, sem poder contra-atacar a concorrência estrangeira por parte dos fotocopiadores clássicos, os poderes públicos poderiam ajudar eficazmente toda a firma que apresentasse um dossier sólido sobre os copiatores mais sofisticados esperados para amanhã.

Enquanto o PS adia... Governo AD, a CIP, a CAP e o FMI, fazem a «ofensiva de Outono»

Enquanto na área governamental da Aliança Democrática se assiste a uma actividade febril, a oposição mantém-se numa atitude de expectativa. O Conselho de Ministros estava reunido ao fim da manhã para apreciar o Programa do Governo. Segundo fontes próximas da maioria, irá haver a «Guerra dos Cem Dias»: durante os próximos três meses sairá legislação, decisões, medidas governamentais para «impressionar» o eleitorado para as eleições das autarquias locais. O VIII Governo da AD — agora com Freitas do Amaral — também aqui vai tentar «imitar» o Governo Sá Carneiro, mantendo-se em clima eleitoralista. Só que, agora, as condições económicas e as negociações com o FMI poderão fazer «naufagar» este projecto.

Para além do Conselho de Ministros, a AD tem agendada para esta tarde uma cimeira, e já marcou três Conselhos Nacionais: o do PSD será no dia 19, o do PPM a 7 e 8 de Novembro e o do CDS já no próximo fim-de-semana.

Na cimeira desta tarde que, como ontem dissemos será discutida a institucionalização da AD, estarão presentes Pinto Balsemão, Fernando Amaral, António Capucho e Nascimento Rodrigues, pelo PSD; Freitas do Amaral, Oliveira Dias, Ribeiro e Castro e Luís Beirão, pelo CDS e Ribeiro Teles, Borges de Carvalho, Luís Coimbra e Portugal da Silveira pelo PPM.

Para além da Cimeira AD desta tarde assume particular interesse os Conselhos Nacionais dos três partidos. No PPM será apresentada uma proposta de política económica da autoria do Gabinete de Estudos dos monárquicos. A diferença entre o que o PPM gostaria e o que o PPM apoia. Quanto aos centristas, no

próximo fim-de-semana, elegerão o novo presidente da Comissão Executiva do partido, cargo deixado vago pela demissão de Rui Oliveira. Anacoreta Correia é o nome apoiado para o cargo pelo prof. Freitas do Amaral.

Finalmente, no Conselho Nacional do PSD, a 19 deste mês será discutido e votado o regimento para o Congresso antecipado dos sociais-democratas que se realiza em fins de Outubro. Após a derrota dos «duros» no último Conselho Nacional, será curioso saber como actuará a «oposição interna» a Pinto Balsemão.

É perante toda esta actividade que se aguarda a «resposta» da Oposição... para além do voto contra a Moção de Confiança ou de rejeição ao Programa do Governo, na próxima semana na Assembleia da República. A «ofensiva» socialista a esta «Guerra dos Cem Dias» parece adiada, enquanto a CIP reafirmará esta tarde em conferência de imprensa a sua atitude desfavorável à restrição de crédito — dominante da política monetária deste Governo. A CIP quer reduzir o subemprego (o que vai ao encontro das previstas alterações à legislação laboral) combater o abstencionismo — aumento da produtividade, corte nas despesas públicas, nomeadamente no investimento. A CIP apresentará esta tarde um verdadeiro «Programa Económico» para o Governo, como aliás já tinha sido publicitado no Congresso das Actividades Económicas pelo dr. Ferraz da Costa, actual presidente da Confederação da Indústria. «Baixa produtividade, salários crescentes e lucros decrescentes» é a leitura que a CIP faz da conjuntura económica e com base nessa apreciação exigirá a

alteração da situação. Assim: «alta produtividade salários decrescentes e lucros crescentes». Quanto à CAP, amanhã também em conferência de imprensa, dará a sua perspectiva sobre a política agrícola do Governo.

Presidente procura-se

Leonardo Ribeiro de Almeida, actual Presidente da Assembleia da República, poderá dirigir os trabalhos plenários, pela última vez nesse cargo, na próxima semana, no debate sobre o Programa do Governo.

No acordo PSD/CDS, o cargo de Presidente da Assembleia da República é rotativo, pelo que caberá a um dirigente centrista a presidência na próxima sessão legislativa que principia a 15 de

Outubro.

Esta questão, pacífica entre os dois partidos (apenas Leonardo Ribeiro de Almeida e Moura Guedes, presidente do Grupo Parlamentar do PSD estão contra), está a provocar uma série de candidatos centristas ao cargo, o 2.º na hierarquia oficial do Estado. Moraes Leitão, ex-Ministro das Finanças e Sá Machado, ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros foram dos nomes primeiramente apontados. Azevedo Coutinho, ex-Ministro das Finanças e João Porto, ex-Ministro das Obras Públicas, surgiram agora com possibilidades.

Moraes Leitão, no entanto, parece afastado da «corrida» ao ter aceitado substituir Lucas Pires na direcção do Centro de Estu-

dos do CDS. Moraes Leitão irá agora fazer a «tarimba» partidária que não teve até agora.

Confiar no quê?

Apenas um partido da Oposição, o Partido Socialista, votou ontem favoravelmente na Comissão Permanente da Assembleia da República, a decisão de manter o plenário em funcionamento logo a seguir ao debate sobre o Programa do Governo, para votação de uma Moção apresentada pelo Governo.

Partido Comunista, ASDI e UEDS votaram contra esta deliberação, enquanto o MDP/CDE e a UDP se abstiveram. Na declaração de voto, o «leader» do grupo parlamentar do PCP, Carlos Brito sublinha que esta ati-

tude do Executivo «exorbita manifestamente a Constituição. Acresce que, quanto a nós, é muito duvidoso que um Governo que ainda não apresentou o seu Programa à Assembleia da República esteja constitucionalmente em condições de formular a esta um requerimento para apresentação de uma moção de confiança».

Para além disso, a Comissão Permanente decidiu autorizar a Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional a recomeçar os seus trabalhos a partir de 15 de Setembro. Os trabalhos de revisão do texto constitucional estão manifestamente atrasados, não tendo sido até agora aventada qualquer data para a conclusão dos trabalhos em Comissão.

Eanes vai a Elvas inaugurar a FACIPE

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, desloca-se no próximo dia 20 a Elvas, onde inaugura a Feira Agrícola Industrial e Pecuária, FACIPE.

A notícia é da ANOP, citando fonte camarária da-quele concelho da raia alentejana, acrescentando que ha-

verá uma sessão de boas-vindas durante a qual falarão o presidente do município elvense e o PR.

Do programa da Feira consta uma exposição de pintura de artistas do Alentejo, que Eanes irá inaugurar, assim como a Feira do Livro da cidade, que consta igualmente do programa.

Mário Soares em S. Paulo

«Sem pleno emprego não existe justiça social»

«Para os socialistas, o desemprego é o principal problema. Sem pleno emprego não há justiça social» — afirmou ontem em S. Paulo o líder socialista português, Mário Soares.

Soares falava aos jornalistas depois de um encontro (durante mais de uma hora) com o conhecido sindicalista brasileiro Luis Inácio da Silva «Lula». Na circunstância, o secretário-geral do PS pronunciou-se sobre a situação no Brasil, considerando que «o elevado índice de desemprego pode prejudicar o processo de abertura política do presidente João Figueiredo».

No Brasil o índice de desemprego é actualmente de 8,22%, nas seis principais áreas metropolitanas. «Podem surgir conflitos sociais ou situações explosivas» — disse Soares.

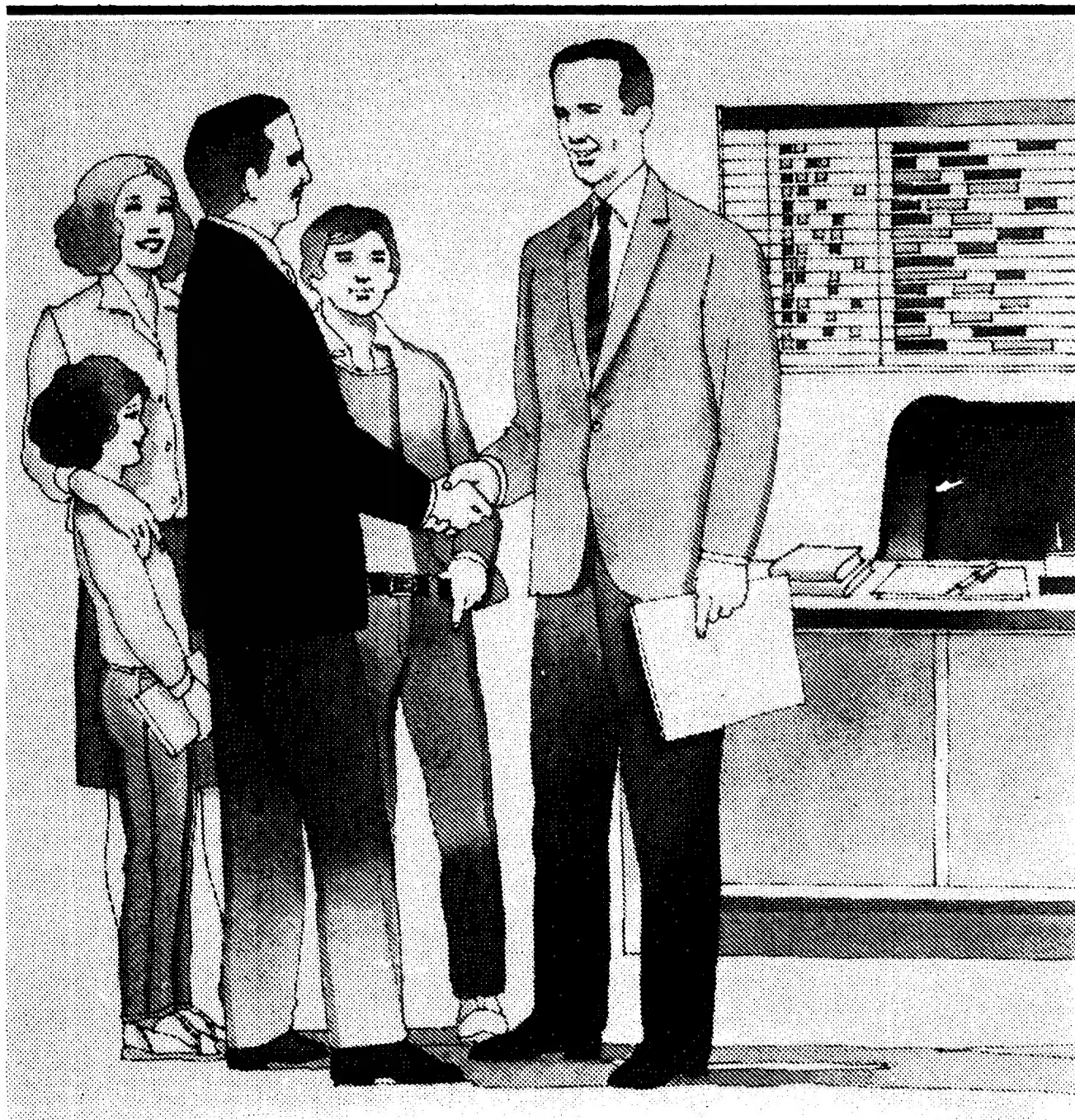
O encontro com «Lula» serviu para Soares manifestar aquela solidariedade da Internacional Socialista, e, como líder do PS português, convidá-lo a visitar Portugal. «Lula» só poderá aceitar o convite depois das eleições gerais de 1982.

tome nota

Morte aos analfabetos!

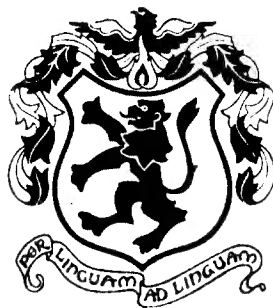
O ministro da Educação e das Universidades está satisfeito com os números relativos ao analfabetismo em Portugal. Parece que a Turquia tem mais analfabetos do que Portugal e que por essa Europa existem «bolsas minoritárias». O ministro citou números de 1970 e de 1971. Não estão actualizadas as estatísticas que utilizou, nem será de grande nível pedagógico e da melhor inspiração social humanitária e democrática o método em que se mostrou confiante: esperar que o factor etário elimine os analfabetos.

Muitos são idosos. O senhor ministro propõe que não ofendamos a sua santa ignorância, que, em paz, deixemos morrer analfabetos.



NA CAMBRIDGE SCHOOL OS SEUS FILHOS TÊM 8 ANOS DE CURSOS CONTÍNUOS

1st year children, 2nd year children, 3^o grau,
4^o grau, 5^o grau, 6^o grau, Cambridge First
Certificate, Cambridge Certificate of Proficiency
Cursos paralelos em francês e alemão



LISBOA: AV. DA LIBERDADE
GUERRA JUNQUEIRO
BENFICA
ALMADA
PORTO: TEL. 56 03 80 - 56 11 30

TEL -55 47 80 -55 47 89
TEL -88 45 44 -89 96 01
TEL -70 43 29 -70 36 38
TEL 276 02 34 -275 32 18

Peça brochura

IMPÉRIO

COMPANHIA DE SEGUROS

Relatório e Contas 1980

Relatório do Conselho de Gestão

1. INTRODUÇÃO

Cumprindo o preceituado, apresentamos o Relatório da actividade da Companhia de Seguros IMPÉRIO, E.P., e respectivos Balanço e Conta de Ganhos e Perdas, referentes ao exercício de 1980. Pensamos que o esforço por todos desenvolvido encontrará compensações:

- porque o resultado do exercício — embora não muito elevado — foi positivo;
- porque este Relatório é mais uma forma de contacto com o público, interessado em saber como estão solidamente constituídas as reservas que garantem o cumprimento das nossas obrigações;
- porque os resultados já obtidos durante os primeiros meses de 1981 confirmam a expansão da Companhia, auguram a obtenção de melhores resultados, e demonstram que somos um motor da economia nacional, em acção.

É certo que alguns factores externos — já oportunamente explanados — têm condicionado a nossa acção. Aprezamos o ano de 1980 registar que, internamente, tal não aconteceu: todos os que trabalham na Império mantêm um alto espírito empresarial, competitivo e competente.

O ano de 1980 foi caracterizado por reagrupamentos das Companhias do Sector Público. No nosso caso, podemos considerar ultrapassados os problemas suscitados pelos necessários reajustamentos daí decorrentes, nomeadamente ao nível administrativo e humano.

Durante o mesmo ano foram tomadas medidas legislativas que influenciaram fortemente os ramos Acidentes de Trabalho e Automóvel, que, só por si, representam cerca de 60% da actividade global de Seguro Directo. Aguardam-se outras medidas que influenciarão decisivamente os ramos com maior incidência na captação e aplicação das poupanças, actuando como polo de dinamização e inovação nos ramos pessoais.

2. ANÁLISE DA CONJUNTURA ECONÓMICA 1980

Em 1980 verificou-se uma desaceleração do ritmo de crescimento dos preços. Conseguiu-se, assim, alcançar um dos objectivos prioritários, que era o de fazer baixar a taxa de inflação. Para este efeito tomaram-se, durante o ano, uma série de medidas que visavam atenuar o aumento dos preços, nomeadamente a revalorização do escudo em 6%, a diminuição da desvalorização mensal programada para a moeda nacional, o controle do défice global a atingir pelo sector público, o aumento dos subsídios a atribuir no âmbito do «cabaz de compras» e o controle dos preços administrativos. É de notar que das diversas classes do Índice de Preços no Consumidor, em termos de preços médios, só no comportamento da «Alimentação e Bebidas» se verificou uma desaceleração significativa. Em todas as outras classes verificou-se um crescimento superior ao registado em 1979 e em relação à média geral de 1980, sobretudo na classe das «Despesas de Habitação», que duplicaram relativamente de 1979.

No que respeita aos salários deu-se, de uma forma geral, um aumento em termos nominais, mais acentuado que em 1979, o que, dada a desaceleração do ritmo de crescimento dos preços no consumidor, originou um certo acréscimo de poder de compra em termos reais.

Os indicadores disponíveis para análise da situação na Indústria demonstram um abrandamento do ritmo de crescimento da produção.

No que diz respeito à construção civil verificou-se a manutenção de um certo clima recessivo relativamente aos empreendimentos privados.

Quanto aos principais agregados monetários verifica-se uma aceleração generalizada ao longo do ano devido à diminuição do ritmo de aumento de preços. Por seu lado, o crédito apresenta uma evolução similar à dos principais agregados monetários, enquanto que o crédito interno total acusa uma forte desaceleração, em termos reais, em resultado da diminuição do crédito líquido concedido ao sector público.

3. ACTIVIDADE DA IMPÉRIO EM 1980

3.1 A Império e o mercado

3.1.1. No País

A Império, como empresa de âmbito nacional, está implantada em todo o país. A oferta de um serviço actuante, competente e adaptado, de que nos orgulhamos ser portadores, vem reclamando cada vez mais o apoio directo regionalizado, através de abertura de novas dependências, em ligação permanente com todos os nossos colaboradores e clientes.

Assim, possuímos já cinquenta e cinco dependências, espalhadas pelo Continente e Regiões Autónomas, estando em curso a abertura de novas implantações. É oportuno referir o esforço e a dedicação dos nossos agentes e colaboradores em geral, suprimindo, não raras vezes, as mais variadas dificuldades.

Pretendemos caracterizar-nos no mercado como uma empresa que encara a rápida regularização do sinistro como uma oportunidade de demonstrar a qualidade do seu serviço — e desta óptica é prova o baixo índice de reclamações pendentes em contencioso e a notoriedade da Empresa, neste campo.

Por razões já citadas o mercado global de seguros registou em 1980 um crescimento excepcional — o maior de sempre — cerca de 37%, em termos de prémios de Seguro Directo, atingindo um encaixe de prémios da ordem dos 32.4 milhões de contos.

Neste ano, a Império cresceu quase 40% em relação a 1979, obtendo um volume de prémios de seguro directo de 5 235 milhões de contos, a que corresponde uma quota de mercado de 16.2%, ganhando assim 0.33% em relação à sua quota do ano anterior (valores consolidados IMPÉRIO+ALENTEJO+AÇOREANA, esta no Continente e Madeira); a que corresponde um crescimento de 1 485 milhões de contos.

Este aumento global foi suportado por um ganho de quotas de mercados, na generalidade dos ramos, com especial destaque, em termos percentuais, para Aéreo, Marítimo, Vida e Fogo.

O volume de prémios de Resseguro Aceite cifra-se em 1 670 milhões de contos, mantendo-se a Império numa posição única no mercado. É de salientar que a relação: prémios de resseguro aceite/prémios de seguro directo, regista um decréscimo de 41.7% em 1979, para 31.9% em 1980, a que não é alheia a cautelosa política seguida nesta matéria.

A taxa de Resseguro Cedido diminuiu de 19.5%, em 1979, para 18.1%, em 1980, tendo por base os negócios de Seguro Directo e Resseguro Aceite. Esta diminuição reside essencialmente na política de máxima retenção da Empresa e no incremento do ramo Automóvel, que pouco influencia as nossas cedências.

3.1.2. Implantação no estrangeiro

Já de há muito tempo que é política da Empresa a diversificação dos serviços oferecidos e dos mercados a que se dirige. Nesta óptica, temos vindo a procurar conquistar mercados no estrangeiro.

Para além das participações que mantemos na Império Reinsurance Co. Ltd. (Reino Unido) e na Império Rückversicherungs-AG (Alemanha), de 50% e 33 1/3%, respectivamente, temos expandido a actividade dos nossos escritórios e sucursais na Grécia, Espanha, França e Macau, cuja posição no mercado estamos procurando consolidar.

3.2. Acções desenvolvidas

3.2.1. No País

a) Processos administrativos e formação

Face ao reagrupamento das Companhias coube-nos a tarefa de integração de carteiras e enquadramento de pessoal, o que conduziu a uma natural sobrecarga administrativa e desenvolvimento paralelo de diversificadas acções de formação. Graças ao esforço de quantos trabalham na Empresa e à compreensão dos nossos colaboradores, clientes e utentes, podemos considerar satisfatoriamente ultrapassados os problemas daí resultantes. No domínio da Formação — tarefa permanente a que sempre dedicámos a maior

atenção tendo em vista as múltiplas solicitações de uma dinâmica empresarial moderna — o ano de 1980 saldou-se pelo cumprimento integral do programa inicialmente previsto, o que nos apraz registar.

Na verdade, as acções desenvolvidas em termos de chefias, cursos de iniciação a técnicas de seguros, bem como 26 cursos especializados, envolvendo cerca de 600 pessoas, o que se pode considerar bastante significativo.

b) Melhoramento de assistência

A rede de assistência privativa da Empresa envolve, além de uma Clínica e de um Hospital, Postos Médicos geograficamente dispersos, permitindo-nos, em 1980, dar uma cobertura a 63% do total dos sinistrados e fornecer perto de 100 000 consultas.

Desenvolveram-se, durante o ano, várias acções com vista ao melhoramento e ampliação de alguns postos médicos, nomeadamente no Norte do País.

No campo hospitalar e dentro de uma estratégia de desenvolvimento coerente no âmbito dos Seguros, a Império, através da sua associada ISU-Estabelecimentos de Saúde e Assistência, S.A.R.L., incrementou os seus apoios:

- no seguimento de diligências anteriores instalou no Hospital CUF uma Unidade de Tomografia Axial Computorizada (TAC-SCANNER) — a de mais avançada tecnologia no País — e um conjunto de Endoscopia Digestiva, também de muito alto nível.

Como apoio directo aos sinistrados de Acidentes de Trabalho e visando as melhores condições de recuperação médica, instalou um novo ginásio de Fisioterapia, com condições ímpares dentro da actividade seguradora:

- delineou as bases em que irá assentar o apoio aos seus segurados e público em geral, criando as condições necessárias à aquisição e reconversão do Hospital CUF e de uma nova unidade hospitalar. Aquela destinada a Acidentes de Trabalho, e esta garantindo instalações vocacionadas para o Seguro de Saúde.

c) Canais de distribuição. Divulgação

Tendo em conta a legislação recente sobre mediadores, tornou-se imperiosa a aceleração do recrutamento e formação de novos e antigos mediadores, com vista ao desempenho cabal das suas funções junto do público em geral e dos segurados em particular.

Presente que está a óptica da qualidade do serviço e de uma harmónica implantação em todas as regiões do País, desenvolveram-se também vários contactos para abertura de novos escritórios, como atrás se referiu.

Na divulgação pedagógica da actividade seguradora, junto do grande público, foram desenvolvidas várias acções, com especial incidência junto da juventude. A nível do estudante secundário uma participação criativa sob o tema «O Seguro e a Poupança», a nível universitário foi lançado um concurso de apresentação de trabalhos de investigação, nos campos de economia, engenharia, direito e letras.

d) Inovação

Conscientes da inadequação às necessidades do mercado de alguns produtos que a indústria vem comercializando e sobre os quais se aguardam decisões oficiais, terminaram-se estudos de novos produtos e coberturas, essencialmente nos domínios da segurança individual, familiar e profissional, dos quais se destacam o VIDA MAIS e o SEGURO DE SAÚDE.

No campo da segurança empresarial destaca-se o esforço que a Império continua a desenvolver no âmbito das coberturas de Doença, Invalidez e Complementares de Reforma e, essencialmente, na introdução junto dos empresários do conceito de *risk management*.

3.2.2. Novos mercados (desenvolvimento)

Ainda relativamente à expansão da Companhia no mercado internacional e mormente com vista a uma futura integração na CEE, efectuaram-se durante o ano várias acções de desenvolvimento relativas às nossas posições nesses mercados. Assim:

Espanha — Completou-se a obtenção de autorizações de exploração de diversos ramos e iniciou-se o relançamento do escritório de Vigo. Em Madrid, decidiu-se a instalação em escritório dimensionado condignamente para permitir a irradiação da Companhia a outras regiões do país vizinho.

França — Manteve-se o crescimento do ritmo da carteira de Vida. Consolidou-se a posição financeira, através de novas dotações de capital e da conversão das aplicações em títulos de maior rendimento e com maior segurança. Desenvolveu-se o crescimento da carteira adquirida e colocada no mercado francês de reusos I.A.R.D.

Grécia — O estatuto da Companhia foi alterado, passando a funcionar directamente no mercado grego, e iniciaram-se acções de implantação no mercado, que no final do ano se traduziram num substancial incremento da carteira, passando a ocupar um lugar preponderante entre as companhias estrangeiras que operam no país, tendo neste momento oito escritórios.

Macau — No final do ano foi conseguida a localização neste território. O mercado potencial parece-nos grande, o que permite augurar um rápido desenvolvimento.

3.3. Análise das principais rubricas, evolução 79/80

3.3.1. Seguro Directo

O volume de prémios de seguro directo processado em 1980 atingiu cerca de 5235 milhões de contos, a que corresponde um aumento de 1738.6 milhões de contos, determinando um crescimento de 49.7%. Note-se que esta comparação é feita pela consolidação de carteiras da Alentejo e Império e aquele aumento está influenciado pela integração da carteira da Açoreana (Continente e Madeira) em cerca de 253 milhões de contos, distribuída essencialmente pelos ramos Automóvel e Acidentes de Trabalho.

Na análise por ramos, devemos destacar crescimentos superiores à média da Companhia em Automóvel, Marítimo, Transportes Terrestres e Agrícola e, daqueles que apresentam crescimento inferior, os ramos Vida, Fogo e Aéreo logram taxas superiores às do mercado.

Em valor absoluto o ramo Automóvel apresenta, como em toda a indústria, um crescimento excepcional: 685 milhões de contos. Apresentaram crescimento superior a cem mil contos os ramos Acidentes de Trabalho, Fogo, Marítimo, Vida e Diversos.

As comissões em termos percentuais em relação à receita processada mantiveram-se, sensivelmente, ao nível do ano anterior.

A taxa global de sinistralidade rondou os 58.7%, o que representa alguma melhoria, mesmo tendo em atenção o crescimento excepcional da carteira. Na verdade, a taxa real de sinistralidade (indenizações corrigidas/Prémios corrigidos da variação de reservas) desceu de 75.6 para 73.0%, valor este ainda elevado mas que se justifica pela ocorrência de grandes sinistros nos ramos Incêndio e Marítimo, alta sinistralidade do ramo Automóvel e da tendência para o crescimento da sinistralidade manifestada já pelo ramo Acidentes de Trabalho, por força da permanente melhoria da qualidade do serviço e de legislação recente.

3.3.2. Resseguro

Os prémios do Resseguro Cedido proveniente de seguro directo cresceram a um ritmo inferior (28.5%) ao da Carteira Global, o que é inteiramente justificado pela influência do crescimento do ramo Automóvel (cuja cedência é insignificante) e da quase total retenção das carteiras integradas, aliás pouco significativas para este efeito.

A manutenção da política de retenção não permitiu, contudo, equilibrar os resultados de alguns tratados que se ressentiram da sinistralidade anteriormente referida e merecedora de toda a nossa atenção.

Os prémios processados de Resseguro Aceite cresceram 26.7%, passando a representar cerca de 133% do total de cedências, ou seja, um acréscimo de 423 000 contos. Continuamos no ano em curso empenhados numa política de diversificação de negócios e mercados, pelo que, neste domínio, procuramos privilegiar o equilíbrio e qualidade dos negócios, dentro de ritmos prudentes de expansão.

3.3.3. Outras rubricas

a) **Cobranças** — O saldo da Conta Prémios em Cobrança sofreu uma subida sensível, passando a representar 32.3% da receita processada, valor anormal para os padrões da Empresa. Para além de notórias dificuldades financeiras de alguns importantes segurados, devemos referir o enorme peso que naquele valor representa a receita processada no último trimestre do ano, bem como alguma turbulência nos circuitos administrativos, resultantes da integração das carteiras e da emissão excepcional do ramo Automóvel.

Está ao alcance da Empresa o regresso aos padrões normais de *performance* e até a sua melhoria a curto prazo. No entanto, o financiamento feito deste modo aos nossos clientes, mesmo com alguma contrapartida, tornou impossível a aplicação rentável de toda a nossa capacidade teórica de investimento.

b) **Investimentos e rendimentos** — Como tem vindo a ser referido já em relatórios precedentes, a situação não sofreu, infelizmente, grandes alterações, pois, apesar de estarem desbloqueados os aspectos das indenizações não foram ainda contabilizados quaisquer rendimentos e também se aguarda legislação sobre a mobilização para investimento, em condições favoráveis, dos títulos de Dívida Pública representativos de indenizações.

Por outro lado, a execução da legislação que visa a transferência das participações financeiras para o I.P.E. continua por desbloquear e determina uma considerável imobilização de capitais, com naturais reflexos na fraca taxa de rendimento gerada.

Por todas as razões anteriormente referidas, os rendimentos atingiram 191 300 contos, ou seja, um acréscimo de cerca de 15 000 contos, tendo que se ter rapidamente melhorada.

c) **Despesas de funcionamento** — As despesas globais de funcionamento (Despesas Gerais e de Aquisição) representaram, em 1980, 23.4% dos prémios e adicionais de seguro directo, contra 26.6% verificados no ano transacto em relação a IMPÉRIO+ALENTEJO e 25.4% se se considerar apenas a IMPÉRIO. As despesas com pessoal, incluindo as despesas de aquisição, atingiram cerca de 670 000 contos, ou seja, 12.8% da receita processada de seguros directos, e englobam já 50 000 contos de prémio de seguro de pensões constituídas a favor do pessoal da Empresa, o que dá continuidade ao especial cuidado sempre demonstrado pela Império neste domínio.

Nas restantes despesas, verifica-se um aumento substancial dos encargos fiscais que acompanham de perto o aumento da receita. Por outro lado regista-se que, não obstante as dificuldades de cobrança apontadas anteriormente, foi possível, através de um cuidadosa gestão dos capitais afectos à exploração, reduzir os encargos financeiros em cerca de 40%, passando a representar uma pequena parcela das despesas globais de funcionamento da Empresa.

d) **Receitas e encargos diversos** — Os encargos diversos, apesar de comportarem valores significativos, são justificados quase totalmente por taxas relacionadas com os ramos Acidentes de Trabalho, Automóvel e Agrícola. As receitas diversas estão largamente influenciadas pelo aumento das receitas do Fundap, comparticipação da Açoreana nas despesas com o pessoal e, em menor grau, pela mais-valia de imóveis e comparticipação nas despesas gerais pelas Delegações no estrangeiro.

e) **Delegações no estrangeiro** — O conjunto da carteira das nossas representações na Grécia, Espanha e França teve um crescimento superior a 50% nas moedas de origem, constituindo no final do ano um encaixe de prémios próximo dos 300 000 contos, o que bem traduz o esforço e empenho permanentemente colocados ao serviço da Empresa.

3.3.4. Resultados

Os resultados apurados após orientações superiormente definidas e uma vez constituídos amortizações e reintegrações e dotadas provisões e reservas é de Esc. 45 386 717\$80.

4. A IMPÉRIO E O FUTURO

A evolução da actividade seguradora está muito dependente não só das alterações conjunturais da economia, como ainda do quadro legislativo onde se inserem.

Face ao novo enquadramento do sector activizante de seguros, há que, dentro das exigências de uma concorrência activa, melhorar sucessivamente as condições de produtividade e rentabilidade, acelerando o dinamismo da Empresa, contribuindo para a expansão e modernização económica de que o País carece, e aplicando, criteriosamente, todo um conjunto de métodos sofisticados e de conhecimentos acumulados disponíveis.

A próxima adesão à CEE torna ainda os problemas mais urgentes e a adequação estrutural das empresas forçosa, quer em termos humanos quer em termos financeiros.

A função das seguradoras como agentes dinâmicos na captação de poupanças e sua criteriosa aplicação em investimentos produtivos exige a criação de condições que permitam realizar aplicações simultaneamente rentáveis e úteis, do ponto de vista económico e social.

Por sua vez, exigiremos de nós próprios a manutenção e implementação de um espírito empresarial activo, concorrente e inovador. Nesse sentido, e bem conscientes das nossas obrigações perante os nossos segurados e o País, foram lançadas, em 1980, várias acções de diversificação, das quais se destaca, pela sua importância futura, a constituição de uma Sociedade de Locação Financeira Imobiliária, em associação com instituições financeiras e outras, todas de primeiro plano. Esta Sociedade de Leasing, pelos seus reflexos a montante e a jusante, vai dinamizar um conjunto de actividades muito importantes para a economia nacional.

Assim, constitui política da Empresa a expansão dos negócios de forma equilibrada, para consecução de uma maior rentabilidade técnica, tanto no Seguro Directo como no Resseguro Aceite, e uma criteriosa aplicação em investimentos adequados à melhoria dos rendimentos financeiros.

No âmbito da gestão organizacional e administrativa procurar-se-á um aperfeiçoamento constante, numa perspectiva sistémica de planeamento, motivação e desenvolvimento.

No plano internacional prosseguiremos uma política de consolidação e de prudente expansão em novos mercados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este Relatório não queremos deixar de referir que, se os valores do crescimento e qualidade atingidos espelham o dinamismo da Empresa e as aplicações realizadas a sua segurança e utilidade na economia nacional, também reflectem o espírito de empresa que a todos une, nos objectivos comuns.

A caminho de melhores resultados, queremos registar a colaboração e interesse demonstrados por todos os que trabalham na Empresa, no País e no estrangeiro. Mediadores e Colaboradores em geral.

A Comissão de Fiscalização os nossos agradecimentos pelo bom apoio prestado ao longo do exercício.

Queremos, também, agradecer à Comissão de Trabalhadores e aos Delegados Sindicais a correcção e espírito de missão sempre demonstrados. Aos nossos Clientes e Ressegurados, pela confiança e preferência com que nos têm distinguido, expressamos o nosso grande reconhecimento.

Conselho de Gestão

Porfírio de Assunção Moreira — Presidente
António Car. Aires Esteves
Tomé Pinho Gil
Gonçalo Calapez Borges



IMPÉRIO

COMPANHIA DE SEGUROS

Ganhos e Perdas Consolidado

Com inclusão de valores das Agências nas ex-Colónias e Estrangeiro

em 31 de Dezembro de 1980

Débito	Valores em Mil. de Esc.		Crédito	Valores em Mil. de Esc.	
	Subtotais	Totais		Subtotais	Totais
Saldo anterior					
Reserva matemática:			Reserva matemática:		
De seguros directos	544 516		De seguros directos (diminuição)	319	
De resseguros aceites	450		De resseguros aceites (diminuição)	26 430	
De resseguros cedidos (diminuição)	1 375	546 341	De resseguros cedidos	1 133	27 882
Reserva de garantia:			Reserva de garantia:		
De seguros directos	474 967		De seguros directos (diminuição)	65 457	
De resseguros aceites	103 362		De resseguros aceites (diminuição)	13 360	
De resseguros cedidos (diminuição)	6 311	584 640	De resseguros cedidos	94 936	173 753
Provisões:			Provisões:		
Para incapacidades temporárias de acidentes de trabalho	105 105		Para incapacidades temporárias de acidentes de trabalho	73 468	
Para prémios em cobrança	61 621		Para prémios em cobrança	21 554	95 022
Diversas	20 572	187 298			
Amortizações					
Comissões:					
De seguros directos	406 083				
De resseguros aceites	424 811				
Despesas de aquisição	160 002	990 896			
Indemnizações:			Prémios e seus adicionais:		
De seguros directos:			De seguros directos	5 511 919	
Do exercício	3 144 413		De resseguros aceites	1 703 448	7 215 367
De exercícios anteriores (reajustamentos)	81 796				
	3 226 209				
De resseguros aceites	1 193 609	4 419 818	Receitas de resseguros cedidos:		
Encargos de resseguros cedidos:			Comissões	284 189	
Prémios	1 274 754		Indemnizações	1 082 869	1 367 058
Juros	17 550	1 292 304			
Despesas gerais:			Rendimentos:		
Órgãos sociais	5 299		Das reservas técnicas de seguros directos	186 939	
Pessoal	510 124		Das reservas técnicas de resseguros aceites	24 768	
Publicidade	21 034		De valores livres	40 648	252 355
Outras despesas de administração	354 082				
Encargos fiscais	170 046				
Encargos parafiscais	95 685	1 156 270			
Encargos diversos:			Receitas diversas:		
Fundap	14 437		Cargos em outras sociedades	—	
Fundo Garantia Automóvel	24 368		Fundap	57 610	
Diversos	19 578	58 383	Outras	107 592	165 202
Saldo	45 387	45 387	Totais		9 296 639
Totais		9 296 639	Totais		9 296 639

Balanço geral Consolidado

Com inclusão de valores das Agências nas ex-Colónias e Estrangeiro

em 31 de Dezembro de 1980

Activo	Valores em Mil. de Esc.		Passivo	Valores em Mil. de Esc.	
	Subtotais	Totais		Subtotais	Totais
Reserva matemática:			Reserva matemática:		
(De resseguros cedidos)	27 515	27 515	De seguros directos	3 862 098	
Reserva de garantia:			De resseguros aceites	1 125	3 863 223
(De resseguros cedidos)	365 517	365 517	Reserva de garantia:		
Reserva de seguros vendidos:			De seguros directos	1 102 492	
(De resseguros cedidos)	453 677	453 677	De resseguros aceites	531 611	1 634 103
Valores de emprego de reservas:			Reserva de seguros vendidos:		
Títulos de crédito e numerário:			De seguros directos	627 505	
Próprios	1 727 429		De resseguros aceites	370 785	998 290
De resseguradores	126 535		Credores por valores em depósito:		
Imóveis	4 716 579		Vários	2 263	
Empréstimos sobre apólices	12 845		Resseguradores	478 783	481 046
Empréstimos hipotecários	269 973		Credores gerais:		
Empréstimos sobre títulos	—	6 853 361	Segurados, correspondentes e angariadores	362 781	
Valores em depósito:			Ressegurados	451 532	
De vários	1 733		Resseguradores	197 319	
De resseguradores	1 083	2 816	Outros	457 866	1 469 498
Devedores por valores em depósito:			Indemnizações a pagar:		
Vários	2 842		De seguros directos	1 304 117	
Ressegurados	698 767	701 609	De resseguros aceites	264 072	1 568 189
Imóveis	148 140	148 140	Comissões a pagar	117 966	117 966
Mobiliário e material	121 125		Provisões:		
Amortizações de mobiliário e material	-59 196	61 929	Para incapacidades temporárias de acidentes de trabalho	124 773	
Empréstimos hipotecários	115 074	115 074	Para prémios em cobrança	183 784	
Empréstimos sobre títulos	1 000	1 000	Para Fundo Garantia Automóvel	8 484	
Devedores gerais:			Diversas	265 813	582 854
Segurados, correspondentes e angariadores	410 290		SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA		
Ressegurados	463 306		Capital	200 000	200 000
Resseguradores	426		Reserva especial	485 268	485 268
Outros	752 151	1 626 173	Reserva para depreciação de títulos	801	801
Quotas-partes de indemnizações a receber	681 846	681 846	Flutuação de valores:		
Prémios em cobrança:			De imóveis	2 782 179	
Na sede	1 277 867		De câmbios	104 960	2 887 139
Nos correspondentes	426 476	1 704 343	Ganhos e perdas:		
Letras a receber	57 258	57 258	Do exercício	45 387	45 387
Títulos de crédito	411 194	411 194	Subtotais		14 333 764
Depósitos em bancos	507 002	507 002	Contas de ordem:		
Caixa	12 929	12 929	Responsabilidades por letras descontadas	372 975	
SITUAÇÃO LÍQUIDA PASSIVA			Fundap — Responsabilidades por actualizações	106 469	479 444
Contas a amortizar	89 052	89 052	Totais		14 813 208
Flutuação de valores:					
de títulos	513 329	513 329			
Subtotais		14 333 764			
Contas de ordem:					
Letras descontadas	372 975				
Fundap - Actualizações	106 469	479 444			
Totais		14 813 208	Totais		14 813 208

Parecer da Comissão de Fiscalização

1. Em conformidade com o determinado na alínea c) do artigo 21.º do Decreto-Lei n.º 72/76, de 27 de Janeiro, vem esta Comissão emitir o seu Parecer acerca do Balanço e Contas anuais de gerência relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1980, documentos estes que nos foram presentes pelo Conselho de Gestão.

2. Em meados de Julho ficou esta Comissão completa com a designação do representante dos trabalhadores, o que apraz registrar, além de outros motivos, porque a sua actuação muito facilitou a missão que nos compete.

3. Assistimos às reuniões do Conselho de Gestão, geralmente com a presença de todos os membros da Comissão. Deste modo — e não só — podemos acompanhar de perto o funcionamento da Império, tendo assim a possibilidade de verificar o cuidado com que aquele Conselho procurou cumprir as leis, regulamentos, normas e outras directivas aplicáveis não só à Contabilidade como a outros Departamentos.

Examinámos cuidadosamente as situações periódicas apresentadas pelo Conselho de Gestão e, através dos Serviços de Auditoria Interna, criados em 1980, foram analisados, em especial, os serviços de tesouraria, relações com Bancos, Cobradores, etc., levando ao Conselho os problemas que julgámos pertinentes, a fim de este tomar as medidas que se impunham quando tal fosse necessário, isto tanto na sede como nos escritórios espalhados pelo País e Regiões Autónomas da Madeira e Açores.

A Contabilidade também não deixou de ser acompanhada e, por intermédio dos mapas mensais e relatórios periódicos da Direcção Financeira, iam conhecendo em pormenor o decorrer e registo dos negócios sociais.

4. O Relatório do Conselho de Gestão mostra, em termos claros, a posição da Império quanto aos problemas que se lhe depararam, a forma como os atacou, as preocupações que teve de enfrentar e resolver, as metas que se propôs atingir e o modo como foram ultrapassadas.

Daquí se infere que o dito Relatório dispensa quaisquer comentários. Só acrescentamos, porque disso fomos testemunhas, o interesse com que o Conselho procurou cumprir o orçamento, embora não fosse responsável pela sua elaboração.

Aliás, o Conselho teve sempre em mente as disposições legais aplicáveis e, ainda, o que consta das Circulares do Instituto Nacional de Seguros nos 2/81 e 6/81, respectivamente de 30/1/81 e 12/2/81 e, em especial, o Despacho n.º 1.42/81, de 5 do corrente, do Senhor Secretário de Estado do Tesouro.

5. Vamos utilizar, para mais fácil comparação com o Parecer anterior, a mesma forma de apreciação quanto aos valores relativos à gestão de 1980.

Para melhor leitura e evitar repetições, esclarecemos que foi adoptado, como unidade, o milhar de contos.

	1979	%	1980	%
a) Receita de prémios de seguro directo				
Processado	3185		5235	
Orçamentado	3000		4300	
	+ 185	+ 6,1	+ 935	+ 24,7
b) Despesas gerais				
Realizadas	808		1223	
Orçamentadas	730		1148	
	+ 78	+ 10,7	+ 75	+ 6,5
c) Despesas com o pessoal				
Realizadas	395		670	
Orçamentadas	340		669	
	+ 55	+ 16,2	+ 1	+ 0,1
d) Indemnizações de seguro directo				
Processadas	2170		3130	
Orçamentadas	1732		2400	
	+ 438	+ 25,3	+ 730	+ 30,4
e) Encargos financeiros				
Processados	88		54	
Orçamentados	65		75	
	+ 23	+ 35,4	- 21	- 28,0

O aumento destas despesas em 1980 resultou, em grande parte, do elevado número de trabalhadores que transitaram das seguradoras «O Alentejo» e «Açoreana».

6. Passemos agora à análise de algumas contas do Balanço.

	1979	1980	Dif.*	%
a) Provisão para prémios em cobrança	121	182	+ 61	+ 50,4
b) Financiamentos a terceiros				
Devedores gerais	1155	1469	+ 314	+ 27,2
Prémios em cobrança	730	1688	+ 958	+131,2
Letras a receber	6	49	+ 43	+176,7
Letras descontadas	215	373	+ 158	+ 73,5
	2106	3579	+ 1473	+ 69,9

Continua a verificar-se o aumento do nosso crédito aos segurados, com os transtornos de toda a ordem daí decorrentes.

	1979	1980	Dif.*	%
c) Capacidade financeira imediata				
Depósitos em bancos	314	374	+ 60	+ 19,1
Caixa	1	2	+ 1	+100,0
	315	376	+ 61	+ 19,4

Melhora a progressão, embora pequena, que se vinha notando em relação a 1978.

	1979	1980	Dif.*	%
d) Flutuação de valores				
Títulos de crédito	- 931	- 513	+ 18	+ 3,4
Imóveis	+ 997	+ 2780	+ 1783	+178,8
	+ 466	+ 2267	+ 1801	+386,5

A flutuação negativa nos títulos é consequência das nacionalizações. Seria saudável ver concretizada a lei das indemnizações com vista a um saneamento da carteira e, por outro lado, poder, através da mobilização dos valores correspondentes, aumentar os rendimentos da Empresa.

7. Queremos agradecer e retribuir os agradecimentos que o Conselho de Gestão quis deixar registados no seu Relatório. Um agradecimento é também devido, pela nossa parte, aos trabalhadores da Companhia que, por dever de ofício, tivemos de procurar, dos quais obtivemos prontamente todos os esclarecimentos de que carecíamos.

8. Em face do que antes ficou expresso, damos o nosso parecer favorável ao Balanço e Contas anuais de gerência de 1980.

Lisboa, 15 de Maio de 1981.

A COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO

Alfredo Fontes A. Falcão — Presidente

Manuel Maria Allua Simas — Revisor Oficial de Contas

Antonio Ferreira — Representante dos Trabalhadores



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Rua Garrett, 62 - 1200 LISBOA
Tel. 32 82 81/36 29 21 - Apartado 2106
1103 LISBOA CODEX

de ontem para hoje

No Algarve: PSP «parou» marginais

O Algarve registou este ano, durante a época estival, menos 10% de criminalidade que em 1980, segundo revelou ontem um porta-voz do Comando Distrital da Faro da PSP. Razão apontada: uma maior mobilidade da corporação, que passou a dispor de material mais sofisticado. Para além dos efectivos normais, a PSP algarvia foi reforçada com elementos do Comando Distrital de Lisboa. Sectorialmente a PSP verificou que houve um incremento dos casos de droga e assaltos a acampamentos «selvagens» e uma diminuição de furtos em viaturas e roubos em estabelecimentos comerciais. Foi igualmente detectado que os processos utilizados pelos «marginais», na sua maioria de outras zonas do País e estrangeiros, partiam de «quadrilhas» organizadas. A vigilância da PSP incidiu sobretudo nas praias e nas «boites», tendo-se verificado o maior número de casos na zona do Barlavento. O Comando Distrital da PSP de Faro, contou também com um corpo feminino de dezoito mulheres que se ocuparam do trânsito e prestaram serviço, no Aeroporto de Faro.

Acidente na Madeira: várias povoações sem contacto telefónico



A zona Oeste e a parte Norte da ilha da Madeira encontram-se desde ontem sem comunicações telefónicas, depois de uma máquina ter cortado alguns cabos, quando procedia à abertura de uma vala. O incidente verificou-se no sítio do Caminho Grande, afectando as redes telefónicas da Ribeira Brava, Ponta de Sol, Calheta, Ponta do Pargo, Fajã de Ovelha, Porto Moniz, S. Vicente, Ponta Delgada e parte de outras localidades.

Médicos audologistas: congresso internacional na Gulbenkian

A Associação Internacional de Médicos Audiologistas reúne-se no primeiro Congresso, de 25 a 27 de Setembro, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, segundo informou ontem Paulo Pizarro, secretário-geral do comité organizador da reunião. Paulo Pizarro revelou que a especialidade médica em Audiologia não existia até agora em Portugal, sendo praticada associada à Otorrinolaringologia. A Associação surgiu o ano passado por necessidade de se cobrir a nível internacional a área específica e especializada da Audiologia como já acontece na Inglaterra, na Suécia e na Dinamarca.

No distrito de Vila Real: floresta pouco flagelada pelas chamas

Cerca de três mil hectares de matas e baldios já arderam durante o verão no distrito de Vila Real. Embora numerosos e grassando em todos os concelhos do distrito os fogos foram sempre rapidamente dominados pelos bombeiros, que tiveram trabalho exaustivo. Na região, soube-se ontem, só um incêndio ultrapassou os mil hectares de destruição de matas, enquanto os outros se limitaram a áreas de destruição inferiores. No distrito de Vila Real a área florestal ou em regime de baldio (terrenos com vegetação rasteira de utilidade selvo-pastoril) é ligeiramente superior a 302 mil hectares.

Textos de S. Marcos: estudos em Fátima por padres «capuchinhos»

Os textos do evangelista S. Marcos estão a ser estudados

desde ontem na Quarta Semana de Estudos Bíblicos que decorrem em Fátima, por iniciativa dos padres «capuchinhos». S. Marcos, que os teólogos consideram descrever bem a humanidade de Cristo é agora analisado como «evangelista para o homem de hoje». Entre sacerdotes, religiosos, casais e jovens, participam nos trabalhos três centenas de congressistas.

Na freguesia de Torredos: fábrica de calçado destruída pelo fogo

Em Torredos, freguesia do concelho de Felgueiras, no distrito de Porto, um incêndio causou milhares de contos de prejuízo na fábrica de calçado Clemente Freitas e C.ª. Cinco dos bombeiros voluntários de Felgueiras receberam tratamento a queimaduras no hospital daquela vila. Desconhecem-se por enquanto as causas do sinistro.

No distrito da Guarda: Museu Militar inaugurado em Almeida

O Museu Militar de Almeida, no distrito da Guarda, irá ser inaugurado no próximo dia 20, soube-se ontem naquela vila. A iniciativa fica a dever-se à Câmara de Almeida, à Região Militar Centro e aos departamentos de turismo do Luso, Buçaco e Almeida.

Feira das Cebolas: tourada em Portalegre com João Moura

Integrada no programa da Feira das Cebolas, realiza-se no próximo domingo em Portalegre uma corrida de touros à portuguesa. Em praça, soube-se ontem, estarão os cavaleiros Emídio Pinto, João Moura e João Palha Ribeiro Teles e o Grupo de Forçados Amadores de Santarém, capitaneados por Carlos Grave. Os seis touros para a corrida pertencem à Ganadaria dos Irmãos Moura.

Jogos Florais de Estremoz: júri não atribuiu prémio de reportagem

Teolinda Cruz, de Sousel, e Aníbal Nobre, de Faro, foram os vencedores dos Jogos Florais promovidos pela Casa da Cultura de Estremoz, subordinados ao tema «O Alentejo». Teolinda Cruz conquistou o prémio relativo à modalidade de conto com o trabalho «Diálogos» enquanto Aníbal Nobre foi galardoado com o prémio da quadrilha. O júri dos Jogos, abertos às modalidades conto, quadrilha, reportagem e poesia livre, atribuiu também uma menção honrosa à concorrente Ivete Simões, da Amadora, referente à modalidade de Poesia livre. O júri decidiu não atribuir o prémio aos concorrentes da modalidade reportagem.

Preso no Algarve o presumível violador e assassino da pequena Fátima

Foi detido ontem em Lagos pela PSP local o presumível autor do crime que vitimou a menor Fátima da Caridade Lopes de Brito, de 12 anos, cujo corpo, com sinais de violência foi encontrado num matagal ermo a quatro quilómetros de Vila do Bispo.

A Polícia ainda não referiu pormenores da identidade do preso, sabendo-se apenas tratar-se de um jovem de 28 anos, residente em Lagos, casado e exercendo a profissão de mecânico, já com antecedentes penais, em especial por tentativas de violação de menores. Teria estado ainda ligado à rede bombista que actuou impunemente em 1975. No automóvel que possui, com a cor e as características apontadas aquele que servia para o rapto da menor, foram ainda encontradas manchas de sangue, que os respectivos exames determinarão se é humano e, em caso afirmativo, se pertenceu à vítima, como elemento probatório a corroborar a possível confissão do autor do crime.

Poucos minutos depois da captura, o indivíduo seria levado para a Inspeção de Faro da Polícia Judiciária onde esteve a ser interrogado até uma hora avançada da noite, por elementos locais daquela organização policial que contou com a colaboração de especialistas de investigação de homicídios de Lisboa. Segundo se espera muitos outros casos em especial de tentativas de aliciamento de menores virão agora a ser esclarecidos, sabendo-se que no mesmo dia e local, o indivíduo agora preso

tentara convencer uma outra menor a entrar no carro.

O crime

Para além da violação e do assassinio a pequena Fátima, cujo corpo sem vida seria encontrado por um pastor num local ermo, longe de qualquer passagem a cerca de quatro quilómetros de Vila do Bispo, teria sido também vítima de escapo, arrancamento do couro cabeludo.

No dia 2 deste mês, uma menor de 12 anos, natural de Armação de Pêra, onde vivia com os seus pais, gente modesta, seria vista a entrar num automóvel de cor vermelha conduzido por um homem de meia-idade, de cabelo farto e ondulado. Segundo testemunha o indivíduo teria antes tentado aliciar uma outra menor que, assustada fugira. Curiosamente o facto passou-se no local mais movimentado daquela localidade e em pleno dia.

Pouco depois a referida viatura seria vista a abastecer-se de carburante nas bombas da Galp à saída de Lagoa na estrada para Portimão. Ao volante o mesmo as características da Fátima: vestido azul-estampado com alças, cabelos castanhos-arruivados e dois dentes cariados à frente, bem visíveis. Nada mais se saberia da pequena até que dois dias depois um pastor por mero acidente (comportamento estranho das ovelhas que fugiram de certo local) viria a encontrar o cadáver completamente nu e a cabeça esmagada.

O local escolhido para a prática do crime e abandono do corpo; o esfaleamento do rosto

e descaminho de todo o vestuário e calçado, indicam a intenção de evitar o encontro rápido do cadáver e dificultar a sua identificação. Como nota macabra o facto de ter praticado o escapo, caso inédito, segundo parece, no nosso País, onde apenas de leituras e filmes se conheciam tais costumes atribuídos às tribos iroquesas estabelecidas junto ao lago Ontário na América do Norte.

O crime, como é natural dada a idade da vítima e as condições em que foi cometido, provocou uma onda de indignação nas populações do Algarve em especial da zona que vai de Lagos a Albufeira a mais próxima de Armação de Pêra, e por ter sido nessa área que nestes últimos anos ocorreram frequentes casos semelhantes, talvez sem o desfecho fatal, mas até este é admitido pois alguns desaparecimentos de jovens nunca foram esclarecidos.

A Polícia pediu colaboração

A Polícia Judiciária não cobre todo o território e mesmo no Algarve apenas se encontra instalada há quatro anos. Deste modo não tem nos seus arquivos registos de todos os raptos, simples sequestros, violações ou atentados ao pudor ocorridos no País, já que, em alguns casos, não houve denúncia por a vítima não poder afectar mais a publicidade do que o próprio crime. Tal facto levou aquela Polícia a solicitar a colaboração das diferentes autoridades locais e pessoas que tenham conhecimento de casos semelhantes. Pretendia, assim, um levantamento nacional des-

ses crimes, para tentar obter o máximo de elementos de cada vítima ou testemunha a fim de poder desencadear as operações tendentes a identificar e deter o autor deste crime, possível autor de outros no diz-se, diz-se, das gentes alarmadas daquela região algarvia, como parece agora vir a confirmar-se com esta captura.

Segundo um elemento responsável da PJ, esta investigação apenas teria êxito se houvesse colaboração da população. Naturalmente que colaborar com a Polícia num caso em que o dever cívico e a consciência o determinem não é de modo algum comportar-se como delator. Este caracteriza-se por agir em subordinação a interesses egoístas, amoralidade, ódio ou sectarismo.

Falta um serviço central de desaparecidos

Hoje em dia a informática ao dispor da PJ permitiria que com pouco pessoal funcionasse um centro onde se reunissem todos os elementos identificativos de indivíduos desaparecidos em qualquer ponto do País e respondesse prontamente a qualquer solicitação de familiares ou autoridades com vista a identificar pessoas encontradas sem fala, amnésicos ou cadáveres sem documentos.

Um cadáver encontrado em adiantado estado de putrefacção numa pequena povoação dum extremo do território raramente virá a ser identificado com o indivíduo tempos antes desaparecido no extremo contrário.

Simpósio sobre Recursos Hídricos

Setúbal vai morrer de sede?

O distrito de Setúbal pode morrer de sede antes do ano 2000, se não forem tomadas medidas para impedir a catástrofe, prevista desde 1972.

A quantidade total de água existente no continente foi avaliada naquele ano, no âmbito de um inquérito determinado em 1968 pelo Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, em 21 375 milhões de metros cúbicos por ano, enquanto o consumo previsto para o ano 2010 é de 11 167 milhões. A nível nacional, a situação era considerada satisfatória, mas três distritos inspiravam atentos cuidados: Lisboa, Leiria e Setúbal.

No ano 2010, o distrito de Setúbal apresentará um défice de 1080 milhões de metros cúbicos de água por ano, revela o inquérito.

Estes dados fazem parte de uma comunicação apresentada por Carlos Barateiro de Sousa, presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada, ao Simpósio Internacional sobre Gestão dos Recursos Hídricos em Áreas Industriais, que decorre até sexta-feira nas instalações da Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

É de esperar que a situação, passada quase dez anos, apresente hoje uma gravidade ainda maior, dado o extraordinário desenvolvimento económico e a elevada concentração populacional registada na península.

Quem pode garantir que o distrito de Setúbal não esteja hoje já à beira do colapso?

Voracidade energívora seca recursos

O 25 de Abril permitiu que os municípios desenvolvessem actividades e tomassem providências, não só analisando cuidadosamente os problemas do abastecimento de água, como pres-

tionando decisões que tardavam. Aconteceu isso em Outubro de 1974, por exemplo, tendo sido tomada uma decisão a submeter a aprovação ministerial.

Conhecedores dos elementos atrás citados, os municípios continuaram a pressionar o Governo Central, no sentido de serem adoptadas medidas preventivas de contenção da exploração do sistema aquífero dos rios Tejo e Sado.

Este sistema corresponde a um reservatório subterrâneo composto por depósitos do Terciário, que se alongam pelas bacias destes rios.

O resultado destas pressões exprime-se num decreto-lei que adopta um regime de autorizações prévias para a abertura de poços e encerramento de furos, reforçando as restrições de uso de águas subterrâneas na península de Setúbal.

No entanto, as leis pouco poderão representar, perante a voracidade energívora e a obsessão desenvolvimentista das grandes empresas industriais.

«A injustiça ainda existe», afirma Carlos de Sousa, «causada pela sobreexploração das águas subterrâneas através de furos privados, como acontece no distrito de Setúbal com a Quimigal, que muitas vezes usa mais água do que a população do Barreiro, a Soco e a Siderurgia Nacional, apenas para referir os casos mais significativos, embora existam ainda muitas situações análogas.»

Em contraste com estes casos, a Lisnave, em Almada, não foi autorizada a abrir poços, tendo de recorrer aos serviços do município e pagando-os como outro normal consumidor.

Água barata para a indústria

Esta situação, sustenta o autor da comunicação a que

temos vindo a aludir, deve ser analisada pelo Governo, pois os poços privados contribuem em tão larga escala como os poços municipais para o esgotamento do sistema aquífero.

«Em termos financeiros, podemos concluir que um poço nestas condições é facilmente pago, porque o preço da água é muito baixo. Não dá lugar a grandes restrições e, por outro lado, cria uma situação de desigualdade entre a população que vive no distrito e as indústrias existentes», acrescenta.

Como medidas a tomar, é sustentado um sistema de tarifas a pagar pelas diversas entidades consumidoras. No entanto, o que se verifica em Almada, por exemplo, é que «as entidades comerciais pagam um preço (14 escudos o metro cúbico) próximo do que é cobrado ao segundo escalão na rede doméstica (13\$50 o metro cúbico)».

Entretanto, um seminário realizado há tempos em Almada sobre o tema, concluiu, de acordo com as informações prestadas por Quang Trac, dirigente técnico da UNESCO para o Projecto de Setúbal, que o sistema aquífero existente ao longo do Tejo e do Sado (de Tomar a Grândola) é um dos mais importantes da Península Ibérica em termos quantitativos. Deste modo, «seria possível avançar com a hipótese de utilização da conduta de Castelo de Bode (actualmente em construção) para dar resposta ao desenvolvimento de Lisboa e margem norte até ao ano 2010 e para cobrir as necessidades da Península de Setúbal, a partir das águas subterrâneas», conclui Carlos Barateiro de Sousa.

Quanto bebe uma fábrica?

Quais são as necessidades de água para a indústria?

A sessão técnica desta manhã foi preenchida com as respostas fornecidas por especialistas de diversos países ao problema, nomeadamente em Itália, Canadá, Holanda e Portugal.

No que se refere ao consumo de água pela indústria, Portugal é um País pouco desenvolvido, devido à inexistência de estatísticas, de previsões da evolução dos consumos e de planos de desenvolvimento, planta Faria Ferreira, inspector-geral do Conselho Superior de Obras Públicas e dos Transportes, em comunicação lida no simpósio.

A situação é lastimosa: «A avaliação dos recursos em águas subterrâneas não se encontra ainda suficientemente desenvolvida», afirma.

«No que se refere aos estudos para avaliação do consumo de água pela indústria, Portugal está infelizmente pouco desenvolvido», revela ainda Faria Ferreira.

A inexistência de elementos básicos deve-se, assim, à ausência de estatísticas sobre os consumos, à ausência de previsões de aumento e de evolução do consumo e de planos de desenvolvimento industrial a médio e a longo prazo.

Com todas estas lacunas, apenas são possíveis generalizações.

As indústrias de maior utilização de água situam-se nos sectores extractivo, transformadores, metalurgia, alimentação, bebidas, têxteis e couros, químicos e termoelectricas.

Por extrapolação do consumo de água, pode-se também conhecer a relação entre a utilização e o desenvolvimento industrial.

Com efeito, «o volume de água utilizada pela indústria pode ser muito diferente do volume efectivamente consumido: é o caso das indústrias que utilizam a água para limpeza ou arrefecimento».

justiça

JIC's em vias de extinção

PJ regressa
ao 24 de Abril

A publicação de legislação no passado mês de Agosto sobre matérias do Processo Penal veio alterar significativamente a regulamentação existente em Portugal. E indica que o Governo e a maioria que o apoio trilha um caminho que aparentemente tem por meta o 24 de Abril.

A protecção dos cidadãos face ao Estado foi uma das grandes preocupações dos constituintes de 1975-76, que rechearam a Lei Fundamental de dispositivos destinados a garantir uma eficaz defesa dos direitos individuais.

As maiores carências no que a estas matérias se refere, sentiam-se, antes e depois do 25 de Abril, na defesa dos cidadãos perante a arbitrariedade policial, que mais se fazia sentir quando existiam suspeitas da prática de crimes. E quantas vezes a subordinação hierárquica das polícias ao Governo não foi usada para promover verdadeiras perseguições de natureza política?

Por isso, sentiram os constituintes a necessidade de, para garantir os direitos dos cidadãos (que, recorde-se, presumem-se inocentes até ao trânsito em julgado da sentença condenatória) regular ou precisão na Constituição as condições em que os suspeitos podiam ser perseguidos. E aí estabeleceram que a instrução criminal deveria ser da responsabilidade de um juiz, por definição independente do poder e menos susceptível a pressões que excedessem a estrita aplicação da Lei.

Porventura ter-se-á ido longe de mais, rompendo com hábitos demasiado arraigados e descurando aspectos que poderão parecer comecinhos mas que assumem especial relevância. Como, por exemplo, a inexistência de juizes em número suficiente para ocupar os lugares dos JIC's desde logo criados.

Daí que, de tanto tempo sectores se tenham manifestado contra as modificações impostas pela Constituição e resistido à sua aplicação. De qualquer maneira, o caminho a seguir seria sempre o de melhorar aquilo que estava feito, e não o de voltar ao passado. E é isso que se está a fazer!

A Lei n.º 25/81, de 21 de Agosto, que introduziu grandes alterações ao Código de Processo Penal e legislação complementar, veio permitir aos Juizes de Instrução a requisição à Polícia Judiciária da realização de todas as diligências de instrução excepto o interrogatório do arguido, sempre que se «encontre impossibilitado de proceder pessoalmente a todos os actos de instrução».

Independentemente da mais que duvidosa inconstitucionalidade desta norma, que contraria o n.º 4 do art.º 32 da CRP, e que terá de ser discutida na Comissão Constitucional, não é preciso ser adivinho para prever que, de agora em diante, os juizes vão estar permanentemente «impossibilitados».

Mas a desvalorização do papel do juiz de Instrução não acaba aqui. Outras modificações introduzidas na lei penal, nomeadamente modificando o regime legal de punição dos crimes de furto, dano e emissão de cheques sem cobertura, vieram limitar ainda mais a intervenção do JIC na preparação dos processos.

Dir-se-á que a maioria destas modificações se destina a garantir uma justiça rápida e eficaz e a diminuir a acumulação dos processos em tribunal. Tudo isso é verdade. No entanto, impunha-se que quaisquer modificações introduzidas na lei tivessem em conta a necessidade de preservar o que se pode qualificar, sem demagogia, como uma «conquista de Abril» — o reforço das garantias dos cidadãos face ao Estado.

O caminho que se segue não é esse. E é preocupante ouvir o ministro da Justiça dizer que os lugares de Juizes de Instrução poderão ser ocupados por candidatos à advocacia (Povo Livre de 26/8/81). Recém saídos da Faculdade, com uma preparação académica quase sempre insuficiente e inexperientes quanto à realidade dos tribunais fácil é admitir que eles pouco mais poderão fazer do que dizer «amen» a tudo o que a Polícia Judiciária pedir.

Se estas intenções forem para a frente as funções dos JIC's serão meramente formais. E as polícias voltarão a ter poderes discricionários. O que não é nada tranquilizante para o cidadão!

José Vilaça

Guarda Fiscal apreendeu
45 mil contos de contrabando

A Guarda Fiscal apreendeu em Agosto último, por presunção de «delito fiscal», mercadorias avaliadas em quarenta e cinco mil contos, segundo releva um comunicado ontem divulgado pelo Estado-Maior daquela corporação.

Os autos de notificação relativos às apreensões, decorrentes de quinhentos e quarenta e três acções levadas a cabo «em todo o território nacional», foram entregues nos tribunais judiciais das Comarcas das áreas respectivas, acompanhados das mercadorias e presumíveis arguidos.

Animadores da Feira Popular
querem Luna Parque em Monsanto

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa poderá vir a «engolir» não apenas um elefante vivo, mas toda a fauna do Jardim Zoológico, se a Associação de Feirantes da Feira Popular fizer prevalecer o seu objectivo de mudar a Feira Popular de Entrecampos para Monsanto. A Câmara Municipal de Lisboa propôs a saída da Feira Popular de Entrecampos para um Luna Parque em Sete Rios (terrenos do Jardim Zoológico) contra a vontade de todos.

Representantes da Associação de Feirantes da Feira Popular não concordam com a decisão arbitrária e unilateral assumida pela Câmara Municipal e demonstrarão esta tarde, segundo foi afirmado ao «DL», um projecto de Feira e Luna Parque que «deita por terra toda a argumentação de Abecasis». Afirmam ainda os feirantes que a CM deveria ter ouvido os dirigentes da associação antes de decidir o que agora terá de revogar. Os feirantes da Feira Popular, mudem para onde mudarem, poderão continuar a custear a

Colónia Balnear de «O Século».

Dos lucros, a obter no futuro Luna Parque, provavelmente em Monsanto, uma parte iria, com efeito, para aquela colónia. A mudança preconizada pela CM e assinada por Krus Abecasis previa que o maior quinhão dos lucros entrariam nos cofres de uma empresa maioritária da sociedade formada por uma conhecida entidade (empresa privada), o Jardim Zoológico e a Câmara. A parcela menor seria destinada ao Jardim Zoológico. Mas os feirantes é que não vão nessa e esta tarde porão em causa o propósito da CM em dar a exclusividade, assim a modos de intervenção monopolista, à associação das três entidades para a exploração dos recintos de diversão em Lisboa.

Com efeito, da escritura da sociedade consta que a autarquia não cederá mais nenhum terreno municipal para a implantação de qualquer equipamento deste género, atitude que veda a concorrência entre a própria iniciativa privada que a AD de Abecasis diz defender. Mas talvez

Abecasis se veja obrigado já nas próximas horas a rever a sua posição e em particular a explicar publicamente as razões por que sancionou ou estimulou a assinatura de uma escritura nessas condições.

A resposta dos feirantes da Feira Popular dará muito que falar. Para já sabe-se que é sua intenção pugnar por um Luna Parque em Monsanto com a Feira Popular aí instalada, isto é, repudiando energicamente o Jardim Zoológico. O projecto que os feirantes de Entrecampos mandaram fazer é atractivo, a construir por fases de diferentes zonas num espaço de vinte hectares. Monsanto ficaria assim mais arejado e concorrido, oferecendo maior segurança, alargando-se o próprio conceito de «cidade com vida».

Recorda-se que não há muito tempo técnicos estrangeiros e portugueses defenderam a instalação do Luna Parque no Alto da Ajuda, em detrimento da zona do aeroporto e das cercanias do Estádio da Luz — mas Abecasis fez ouvidos de mercador à proposta.

Centro
de Etnografia
de Viseu
pode acabar

O Centro Juvenil de Arqueologia e Etnografia de Viseu (CJAEV) não tem sede própria, reúne num café da cidade e guarda o seu espólio em garagens emprestadas: é esta a singular compensação por dez anos de actividade, caracterizados por centenas de conferências, colóquios, visitas de estudo, promoção de monumentos e exposições.

A revelação desta inacreditável situação foi feita por João Inês Vaz, dirigente do CJAEV.

«Não obstante todas estas acções culturais, adianta João Vaz, a associação corre o risco de acabar por falta de instalações». Com efeito, o Centro, que é ainda responsável pela edição de um boletim denominado «O Dolmen», título sugerido pela abundância de monumentos megalíticos na região, foi despejada do Liceu Alves Martins, onde surgiu, devido ao aumento da população escolar. Transferiu-se em seguida para o Seminário Diocesano que, pelo facto de ter acolhido a Universidade Católica, luta agora também com falta de espaço.

NOVA REVOADA
DE LOTES SENSACIONAIS NOS ARRAZANTES
SALDOS
JOFRAMA

SÓ ATÉ AO DIA 25

100 000
COBERTORES
vão ser vendidos
a preços de
1979

100 000
JOGOS DE CAMA
Flanela Estampada
2 lençóis 2m larg.
em 1980 eram a
1595\$ agora
1195\$

LOTE
SENSACIONAL
de 10 000
Camisas Homem
lindos desenhos
345\$

MONTANHAS
de Calças
Homem a
595\$ e
695\$

1 MILHÃO
de metros de
Panos Lençol
Estampados
Branco e Cores
a Preços de
Fábrica

LOTES
de exportação
a preços
Incríveis

FABULOSOS
Peúgos de Homem
a 35\$
3 pares
100\$

COLLANTS
SUPER STAR =
a Super-
Qualidade
25\$

LOTE de
Malhas
Exteriores
para Homem
Senhora e
Criança

MILHARES
de Pijamas
Turcos de lã
225\$

APROVEITEM
SÓ ATÉ
DIA
25

DE FAMA SÓ NA JOFRAMA
TEMOS MUITO MAIS PARA SALDAR
VENHAM VER COMO É VERDADE

LISBOA - PORTO - VISEU - AVEIRO - FAMILICÃO - ÉVORA - LISBOA

Edifício Sede
Rua Fanqueiros, 226-232
Rua Macielens, 203-217
Rua João Regis,
4-A-B-C
Telef. 862899-873310

Largo dos Loios
24 e 26
Telef. 27193

Rua do Comércio
N.º 46-54
Telef. 22149

Avenida Dr. Lourenço
Peixinho, N.º 169-A
Telef. 24911

Campo Mouzinho de
Albuquerque, N.º 66-69
Telef. 239967

Rua Romão Ramalho
N.º 29
Telef. 22486

APLADAS
Largo da Graça, 14
Telef. 80004
R. S. Bento, 43 e 51
Telef. 801922

cidade

Lisboa, doce Lisboa

Ou «Selva de asfalto?»

O escritor americano Norman Mailer sugeriu uma vez que se arrasasse Nova Iorque pois o tamanho desmesurado da cidade tornava a vida insuportável para os seus habitantes.

Nada, nem sequer uma gestão socialista, consegue agarrar aquela imensa «megapolis». Lisboa não será bem o caso,

tante dos bairros novos, sem alma, sentir-se-ia indignado com o espectáculo. É possível que o classificasse como coisa do Terceiro Mundo. Eu, confesso que achei aquilo maravilhoso...

Distância

Martins Barata sabe, todavia, que a Lisboa dos bairros antigos

veis, apesar de se dizer uma dona de casa vulgar. Para ela o desenvolvimento não é o modelo de uma civilização como a dos Estados Unidos...

Na nossa Lisboa, doce Lisboa notam-se, ainda que imperceptíveis, os sinais da contaminação desse desenvolvimento. Um desenvolvimento pindérico, à es-

Lisboa, centro, podia continuar com o folclore — o pálio do andor da Senhora da Saúde, as marchas da Avenida, etc. — concedendo-se a Loures, Amadora, Oeiras, Vila Franca a capacidade de grandes decisões.

As jóias de família

Lisboa está falida. Sofre já as dificuldades económicas das grandes capitais que, a partir de determinado momento, funcionam como um cancro no corpo dos países. Não se passa assim com Roma, Nova Iorque ou Madrid?

«Percebe-se o apoio dado por Abecasis à construção civil, na medida em que tem de pagar a factura a quem o elegu. Foi posto no lugar que ocupa precisamente para acelerar o processo de venda da cidade — processo que se aproxima do fim. Utiliza a lógica de um proprietário da Beira que, para manter o padrão de vida, vai vendendo as quintas que possui. Quando estas acabarem talvez seja obrigado, como qualquer velha gaitreira, a vender as jóias de família...

Imperturbáveis, os habitantes de Lisboa fecham-se nos seus apartamentos, cada vez mais pequenos, sem encarar a realidade. A cidade muda e eles nem sequer dão por isso. Depressa se habituam às novas situações. Para quê ir à mercearia se no supermercado se perde menos tempo? Esquecem-se das relações com o merceiro que lhes permitiam utilizar o sistema do «fiado». Trocou a conta, debitada, nas sebetas da mercearia, em letra balbuciante, pelas facturas frias, dos números, saídos das máquinas registadoras



Os ardinas também têm tendência a desaparecer

embora tenha perdido o aconchego que nos fazia sentir em casa. No lar, doce lar. Caminha, a passos largos, para o adensamento, de sociedades sobrepostas que lhe aceleram o pulso, outrora tranquilo. O superpovoamento, doença das grandes cidades, começa já a afectar a nossa de uma forma imponderável e talvez irremediável, no futuro. «Tem gente a mais» — comenta Martins Barata, colaborador do «DL», na rubrica «A Barca sem os Corvos», arquitecto mais virado para a sociologia urbana que para os projectos inertes. Cinquenta anos (inteiros) de Lisboa, com frequentes escapadelas ao estrangeiro onde bebeu, por cálices diversos, as ideias em que o seu modo de ver o mundo se apoia. O convívio com cristãos progressistas, anarquistas e comunistas facultou-lhe uma elasticidade mental invejável. Oscila entre os socialismos que não o satisfazem e um anarquismo cultural, cuja «suplesse» se coaduna melhor com uma abertura de espírito e a disponibilidade para entender as coisas. Do seu discurso marcadamente político não está ausente a poesia...

Lisboeta de gema, provém de uma família de olissipógrafos, se não fanáticos, pelo menos muito activos. Filho de Martins Barata, autor dos três painéis, (símbolos: da Agricultura, Indústria e Comércio) que decoram um dos lados da escadaria nobre do Palácio de S. Bento, neto de Roque Gameiro e sobrinho de Leitão de Barros. A sua relação com Lisboa joga-se, portanto, no plano da afetividade, da cultura e da profissão. Assistiu, com algum desencanto, à evolução do crescimento biológico da cidade.

«Sim vejo, uma sobreposição de sociedades. Ainda, outro dia, presenciei uma cena característica de uma das sociedades componentes de Lisboa. O eléctrico, onde eu, ia encahou na rua do Poço dos Negros, durante um bocadinho, quando olhei à volta, pareceu-me estar no séc. XVIII. Pensei: nada mudou. Até os negros calhandeiros lá se encontravam. Se, por acaso, no eléctrico fosse um habi-

com consonância histórica, está a sofrer um processo de desertificação. A sua população é uma minoria dentro da cidade, o que nos faz perguntar: até que ponto as cenas referidas, cujo pitoresco se baseia num certo anacronismo, poderão sobreviver? E quais os valores a preservar? «Não sei bem... Fazer do pitoresco uma espécie de reservas de índios, para turistas, não é proposta para ninguém. Mas há aspectos a preservar, certamente. Trata-se de uma opção cultural e política que tem de ser feita.»

Nos bairros populares todos se conhecem. É o sentimento que impera e determina as atitudes, por vezes excessivas. Tão depressa se gostam como se odeiam. Os ódios, porém, duram pouco. Desmancham-se, ao mínimo gesto de apelo, ao mais leve sintoma de perigo para a «comunidade». A tendência, no entanto, é para a anulação dessas sociedades vivas — e sua substituição por outras que oferecem o alheamento, o anonimato, a distância e a neutralidade.

«E a eficiência, convém não esquecer. Essas sociedades colocam os seus valores ao serviço da eficácia...»

Nas grandes cidades o cidadão vive rodeado de gente que não conhece (arquivado em alojamentos a granel) e pela qual não sente nenhuma curiosidade. Vive desconcertado por notícias que é incapaz de assumir e bombardeado por uma filosofia de aspirações infinitas a que não pode dar resposta. Estas condições permitem-lhe um ambiente de impunidade, de anonimato que todos fomentam.

«É curioso que os estrangeiros mais evoluídos, vindos de sociedades consideradas desenvolvidas, procuram visitar cidades ainda quentes e barulhentas.» Será desenvolvimento a ausência de comunicação?

«Jane Jacobs, uma velhinha americana, nos seus livros deliciosos, põe, quanto a mim, o dedo na ferida. Fala do envelhecimento das cidades e da vida urbana, em termos eruditos e dificilmente contestá-

cala pobre da dimensão do País. Suficiente, todavia, para criar formigueiros humanos na periferia. Bastante para provocar patologias sociais, traduzidas na delinquência juvenil e na violência.

«A agressividade é própria de qualquer cidade grande, uma consequência natural da



Venda de café na Ribeira Nova. Percursora do cacau?

concentração urbana. Sustentada pelo desemprego, pela desagregação da família e pela irresponsabilização surge na cidade a marginalidade. Não se trata de uma violência que se possa reprimir. Não é um caso de polícia mas um problema social...

De acordo com Martins Barata, a violência que se começa a desenhar em Lisboa (assaltos, violações e até assassinatos) resulta do crescimento, sem planificação, da cidade, com incidência numa periferia, onde as pessoas são arquivadas e esquecidas.

«Acho que o Governo deverá tirar poderes ao município de Lisboa e entregá-los às Câmaras da cintura da cidade.

dos supermercados. As leitarias de bairro encontram-se praticamente desertas. Por vezes ainda aparece uma velhinha que se senta a tomar um chá de limão ou um reformado a ler o jornal, com uma «bica» pela frente. Quem quer perder tempo no café? «Time is money» — Esta máxima também já pauteia a vida dos portugueses.

«O lisboeta não entende patavina de política. Não foi treinado para compreender os valores da sociedade em que se insere. Quer resultados, quer bem-estar... O rural tem uma percepção, muito maior, da política aplicada ao seu cosmos, seja rendeiro no Norte ou seareiro no Sul...»

Quem são, afinal, os lisbo-



O Zé Povinho...

etas? Poucos. A maioria da população de cidade veio da província. Urbanizados recentes: de uma ou duas gerações. Diluem-se na Metrópole, sem esgotar os mitos da sua proveniência. A cidade torna-se uma amálgama indefinida e à medida que avança para a cosmopolitização, vai perdendo a sua alma.

«Claro, a alma da cidade não é algo que se construa, que se

ração do sentido regionalista, da tradição é sempre funesta, porque parte de um erro.

«Uma vez ouvi um programa da FNAT em que a locutora propunha à mulher do campo que fizesse a graça ingénua. Ora, isto é um absurdo. Não se pode recomendar a ingenuidade... pois deixava de ser ingenuidade. Os responsáveis pela cultura devem ter a largueza de espírito para entender o aparecimento de formas espontâneas, ainda que sejam diferentes daquilo que se espera ou por que se anseia. De outra maneira seria recusar a criatividade popular. Infelizmente as políticas culturais, em geral, estão imbuidas deste equívoco... ou desta grande maldade. O nosso intelectual, disfarçado de esquerda, julga que impingir Brecht é fazer cultura e passa, ao lado, da autêntica cultura do nosso povo sem a ver...»

Morreram os ardinas, os pregoes deixaram de se ouvir nas ruas da cidade, os cafés fecharam, os alfaiates contam-se pelos dedos. Prontos-a-vestir, centros comerciais, snacks destronaram as velhas profissões e os antigos centros de convívio que proporcionavam o estabelecimento de relações humanas. Ninguém ouve ninguém; ninguém tem mais tempo para nada. Será isto o progresso?

«Permanece ainda o barbeiro. Dizem os economistas que é um dos indicadores mais seguros. Muito melhor que o valor do ouro ou de uma tonelada de trigo. Cortar o cabelo e fazer a barba é uma operação igual na Austrália, nos Estados Unidos ou no México. E pode servir de termo de comparação. Pode-se dizer que uma camisa em Portugal custa cinco vezes um corte de cabelo. Em Tóquio ou na Noruega procede-se da mesma maneira. A comparação do nível de vida está feita...»

A nossa Lisboa, doce Lisboa, por muito que nos doa, contém já em si os sintomas daquilo a que se chama «a selva do asfalto». Atenção psicanalistas, preparem os divãs...

Lourdes Féria

saúde

Nem só por cá as coisas vão mal...

Erros de médicos: um catálogo macabro

Um catálogo de histórias macabras foi publicado em Londres pela União de Defesa Médica, seguradora de cem mil médicos e dentistas.

O relatório anual menciona casos de médicos processados por amputações, diagnósticos e receitas errados.

A União pagou no ano passado cerca de 2,8 milhões de libras (cerca de 344 milhões de escudos) em indemnizações e gastou mais de um milhão de libras (cerca de 23 milhões de escudos) em processos judiciais.

Entre os indemnizados:

Um homem de 76 anos que se queixava de dores no estômago foi diagnosticado como sofrendo de histeria e enviado a um psiquiatra, vindo depois a morrer de cancro. O médico não prestara atenção aos resultados do exame radiológico. A família foi indemnizada com 1.500 libras (cerca de 184 mil escudos) pelo sofrimento desnecessário do parente.

• Um paciente foi aconselhado pelo médico a tomar um analgésico para aliviar o que se descobriu ser uma úlcera perfurada. O doente sofreu uma hemorragia e foi indemnizado com 115 mil libras (cerca de 114,145 milhões de escudos).

• Por uma operação feita na mão direita em vez de na esquerda, uma mulher foi compensada com 1.250 libras (cerca de 147 mil escudos).

• Uma mulher grávida foi vacinada contra a rubéola



quando necessitava apenas de um teste sanguíneo a fim de determinar a sua imunidade à doença. A senhora afirmou em consequência da vacina, vindo a ser indemnizada com 1.750 libras (cerca de 209 mil escudos).

• Uma mulher solteira que fez um aborto e no entanto deu à luz uma criança saudável, recebeu 18.750 libras (cerca de 2,3 milhões de escudos) por perda de ganhos e perspectivas de casamento, dado que o pai do filho se tinha recusado a casar com ela. A indemnização foi posteriormente reduzida para 14 mil libras (cerca de 1,7 milhões de escudos) com base no argumento de que uma mãe solteira não

sofre actualmente das mesmas desvantagens que antes, quando à procura de marido.

A União relata ainda numerosos casos de anestesia, em que os pacientes, embora não sentindo qualquer dor, permaneceram conscientes durante toda a operação mas incapazes de avisar o cirurgião.

• Uma mulher que foi submetida a uma operação à bexiga esteve consciente durante toda a operação mas incapaz de falar. Disse mais tarde que o incidente havia mudado a sua vida, tornando-a ansiosa e deprimida. Foi indemnizada com 7.500 libras (cerca de 922 mil escudos), além de 609 libras (cerca de 75 mil escudos) por despesas com o tratamento psicológico.

A União aconselhou os médicos a escrever por baixo da receita de cada medicamento os efeitos secundários que eles poderão causar aos pacientes.

• Um juiz condenou um médico ao pagamento de 30 mil libras (cerca de 3.690 mil escudos) por danos de visão a um paciente que disse não ter sido prevenido a parar de tomar um medicamento anti-tuberculose caso se apercebesse de que a sua vista estava a ser afectada.

Nem só por cá as coisas vão mal... poderia ser uma forma de rematar este catálogo macabro. O pior que — por cá — nem sequer se sabe, na maioria das vezes, quando e que coisas vão mal. Não é verdade, Ordem dos Médicos?

Exposições em Matosinhos sobre defesa do litoral

A defesa das dunas, praias, pinhais litorais, mar e mamíferos marinhos, levou o Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem (NPEPVS) a organizar uma exposição sobre a defesa do litoral, no posto de Turismo de Matosinhos.

A mostra que conta com o apoio do FAOJ, será provavelmente, segundo os promotores, «a última actividade do NPEPVS no corrente ano, dada a compli-

cada situação financeira em que a associação se encontra».

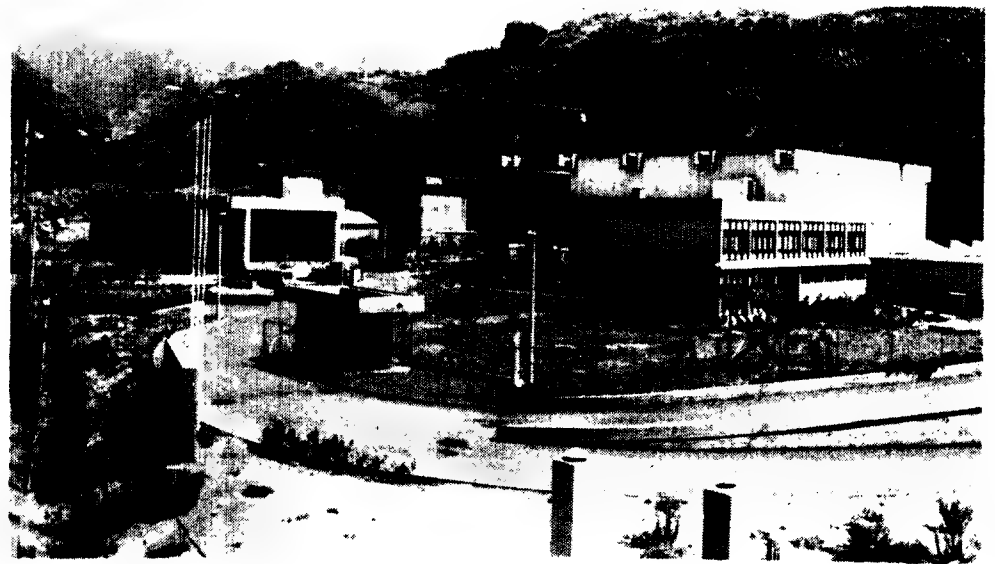
A direcção deste organismo cultural divulgou entretanto um comunicado em que atribui «ao quase nulo apoio oficial que lhe tem sido dado», a situação económica da associação.

«Tudo indica que mais um projecto cultural vai falhar por evidente falta de apoio dos poderes públicos», conclui o comunicado.

O canal que permitirá a nave-

gabilidade do Douro, a jusante da barragem de Bagaúste, Régua, estará pronto em Dezembro de 1982, revelou ontem à ANOP um responsável pela obra.

O rebenatamento das rochas do leito do rio entre a ponte da Régua e a eclusa de Bagaúste, numa extensão de cerca de 600 metros, está dependente das condições do rio nos meses de Inverno, revelou ainda aquele responsável.



A nova central eléctrica instalada na Foz da Ribeira dos Socorros, junto à Câmara de Lobos. Esta central deveria ser construída na Praia Formosa, junto às instalações da Shell, mas foi desviada para não deteriorar o ambiente junto ao Hotel Madeira Palácio. Contudo, ninguém atendeu ao facto de a cerca de 500 metros da central existir um conjunto habitacional

Madeira (6)

Regionalizações curiosas

A Madeira tem estado a atravessar uma fase de regionalizações, por vezes, de forma curiosa e com resultados insólitos.

Entre as regionalizações, uma situação bastante invulgar, ocorre na empresa de electricidade da Madeira que, antes da regionalização, ocorrida há cerca de 2 anos, foi alvo de campanha depreciativa constante, na maior parte das vezes e sob diferentes aspectos, oriunda em «notícias fornecidas pelo executivo madeirense».

No período imediatamente anterior à sua regionalização, a EEM, apresentou um «mau resultado de gestão» com um défice anual na ordem dos 120 mil contos. Além disso, então, a EEM, que cobrava as taxas mais baixas do País, por vezes, sem explicação aos consumidores, assistia-se a cortes mais ou menos prolongados de energia eléctrica dentro e fora do Funchal, sem ao menos qualquer explicação à população.

Agora, após a regionalização, o custo ao consumidor da EEM, em muitos casos, triplicou em taxas fixas e variáveis; tem um défice «oficial» de 240 mil contos por ano e assiste-se aos cortes frequentes de energia eléctrica, «sem qualquer explicação aos consumidores» e, em especial após as muito anunciadas «inaugurações do chefe do Executivo madeirense», ou falta a luz ou então esta fica mais fraca do

que um velho e fraco candeeiro de outrora, sem possibilidade de «arranque» nas lâmpadas fluorescentes, motores eléctricos não funcionam e, quando volta a energia é com voltagem descontrolada, que «tanto ultrapassa os 220 volts como oscila entre 100 e 150» variação essa à qual não resiste muita aparelhagem eléctrica que constantemente se avaria com os compreensíveis inconvenientes não só de utilização como de manutenção e reparação.

Também, algo que nunca foi explicado satisfatoriamente, não só aos consumidores de energia eléctrica da EEM, mas à população em geral e aos **Camara-lobenses** em especial, é a razão principal pela qual a Nova Central Eléctrica há poucos meses inaugurada foi instalada na foz da Ribeira dos Socorros, em Câmara de Lobos junto a um conjunto habitacional e não na Praia Formosa como inicialmente estava prevista junto às instalações de combustíveis da «Shell», nas proximidades do Hotel Madeira Palácio.

Acontece que, segundo a explicação oficial de então, há cerca de 3 anos, a nova instalação «foi desviada» da Praia Formosa porque «iria poluir aquela zona» em especial os arredores e instalações turísticas do Madeira Palácio e Praia Formosa, local esse onde, aliás, estão as grandes instalações da Shell, sem apa-

rente preocupação de deslocação para outro local.

Porém, a acreditar-se, apenas na poluição (especulação de terrenos etc. terão vindo por reflexo) como se compreende que uma Central Térmica Geradora de Electricidade que poluía a Praia Formosa, não polui o conjunto habitacional de Câmara de Lobos, a poucas centenas de metros do local onde as instalações da Central ficaram ou «os camara-lobenses» estão imunes à poluição que incomodaria os hóspedes do Hotel Madeira Palácio?

Ainda no sector de poluições de vária ordem, em relação à EEM permanece em mistério o motivo porque «se cala» a poluição que ocasiona o funcionamento da Principal Central Térmica da Empresa de Electricidade da Madeira, em funcionamento permanente, e que está instalada no início da Rua D. Carlos, no Funchal, junto ao Mercado dos Lavradores, em plena baixa citadina. Esta Central, pelos vistos, oficialmente e com a convicção da Imprensa da Madeira, não existe, no que se refere a poluição sonora, e é geradora não só de electricidade como de exalação de gases nocivos não só a visitantes como também e principalmente aos habitantes do Funchal, na baixa do qual, não será de mais referir, está instalada a principal Central da EEM.

PESTANA & BRITO

SALDA

Casacos de Sport, fatos e sobretudos nacionais e estrangeiros. Malhas, camisaria e outros. Utilize os seus cartões de Crédito Unibanco e Sotto Mayor.

AV. da Liberdade
(em frente ao Cinema Tivoli)

Tribunal Judicial da Comarca de Cascais

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo — 2.ª Secção, nos autos de Carta Precatória, vindos do 6.º Juízo Civil do Porto e extraiados dos autos de Execução Sumária que INDOFIL — Sociedade Industrial de Filmes Plásticos, S.A.R.L., move c/ INTAURO — Indústria de Artigos de Viagem Tauro, Ld.ª., foi designado o dia 8 de Outubro próximo às 11h00, para arrematação em hasta pública de uma máquina de coser malas 1604K e que irá à praça pelo valor de 165.000\$00.

É depositário Maria Isabel Martins de Abreu Sampaio Fevereiro.

Cascais, 1/7/981
O JUIZ DE DIREITO

(Francisco Magueijo)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(José Lúid Alves Maceira)

Caminhos de Ferro Portugueses

CINEMA OXFORD

CASCAIS

Hoje às 21.30 horas — N.A. Men. 18 anos

A DIVERTIDA COMÉDIA ITALIANA

O MÉDICO E A ESTUDANTE
COM
GLORIA GUIDA e JACQUES DUFILHO

A receita da bilheteira reverte a favor da
SEMANA DO BOMBEIRO
DO CONCELHO DE CASCAIS

Embaixador de Angola na ONU

Quinze mil invasores continuam a ocupar território angolano

— invasão fez 700 mortos

A África do Sul pretende estabelecer uma espécie de zona-tampão na fronteira de Angola com a Namíbia sob o controlo da UNITA, afirmou ontem o embaixador angolano nas Nações Unidas, Elísio de Figueiredo.

Depois de referir, em conferência de imprensa, que um anúncio a tal respeito pode verificar-se em breve, o embaixador classificou os guerrilheiros da UNITA de «renegados e títeres de Pretória».

Figueiredo declarou que apesar de África do Sul ter propalado que a invasão de Angola terminou, permanecem no território 15 mil soldados sul-africanos, angolanos hostis ao regime de Luanda treinados na Namíbia e mercenários que estiveram ao serviço do bispo Muzorewa na Rodésia, agora Zimbábue.

Disse não haver ainda cálculos exactos sobre os graves prejuízos causados pelas tropas invasoras sul-africanas, mas adiantou que o número de mortos ascendia a 700 e o de feridos a vários milhares.

Interrogado sobre se Angola utilizará tropas cubanas para repelir a agressão, Figueiredo indicou que o Governo de Luanda «fará o que considerar necessário no momento oportuno».

Por sua vez, o presidente angolano afirmou hoje em conferência de imprensa em Luanda que «alguns países africanos manifestaram já a sua disposição de lutar ao lado das forças armadas angolanas contra a invasão sul-africana».

José Eduardo dos Santos não disse quais os países que lutariam ao lado de Angola, mas sublinhou a ausência em Angola de soldados da Alemanha Democrática e da União Soviética.

No seu primeiro encontro com jornalistas angolanos e estrangeiros desde a invasão sul-

-africana iniciada em 23 de Agosto, José Eduardo dos Santos considerou que o regime de Pretória continua a ser o principal factor desestabilizador na África Austral.

«Enquanto não for resolvido o problema namibiano com base na resolução 435 das Nações Unidas e aniquilado o apartheid na África do Sul haverá sempre a ameaça à segurança na África Austral e no continente africano em geral», sublinhou.

A questão da Namíbia

O presidente queniano pediu ontem aos Estados Unidos e outros países ocidentais que pressionem a África do Sul para garantir a aplicação sem demora da resolução 435 da ONU sobre a Namíbia.

Segundo a agência noticiosa queniana, Daniel Arap Moi, que preside actualmente à Organização da Unidade Africana (OUA), fez o pedido durante um encontro com o secretário de Estado assistente para os Assuntos Africanos norte-americano, Lanow Walker.

Enquanto isto, prossegue na ONU em Nova Iorque a sessão especial sobre a Namíbia. As intervenções de ontem — da Suécia, URSS, Chipre, Bangladesh, Koweit e Tunísia — caracterizaram-se todas pelo facto de os oradores pedirem a aplicação de sanções a Pretória e a concretização mais urgente possível do plano de paz da ONU.

O grupo de 50 países africanos reuniu-se à porta fechada e deu a sua aprovação a uma resolução que pede a aplicação do plano da ONU e sanções contra a África do Sul.

Incidentes com cabo-verdianos em Haia e Roterdão

Vinte cabo-verdianos tentaram penetrar na terça-feira na Embaixada do seu país na Holanda, na cidade da Haia, para protestarem contra o «regime não democrático» de Cabo Verde. A polícia local impediu a ocupação da Embaixada. Ontem cerca de 15 cabo-verdianos introduziram-se, por sua vez, no consulado cabo-verdiano em Roterdão (Holanda). O motorista do consulado tentou fazer-lhes frente, mas a pistola que empunhava disparou acidentalmente, ferindo-o com gravidade.

Estes incidentes ocorreram quando se realiza na Holanda «A Semana de Solidariedade com Cabo Verde».

Segundo a agência ANOP, um porta-voz do Governo cabo-verdiano relacionou estes incidentes com os acontecimentos verificados na semana passada na ilha de Santo Antão, quando aí decorreu um debate sobre a Reforma Agrária. Uma tentativa de libertação de presos da cadeia local por elementos desafiados ao regime levou à intervenção da polícia, da qual resultou um morto e dois feridos.

Rolanda
ROLAMENTOS E ACESSÓRIOS, LDA.
Com sede na Rua do Campo Alegre, 470
4100 Porto
Tel. 666916 e 666948
Telex: 26703 Roland — P

F&T
Aceita AGENTES distritais, em todo o País incluindo Açores e Madeira, para comercialização em regime exclusivo, de Rolamentos marca «F&T».

Governo francês aprova

Nacionalização da b e de grupos industri

O Conselho de Ministros francês aprovou ontem as linhas essenciais dos projectos de lei sobre as nacionalizações dos grupos industriais e de crédito, disse um porta-voz governamental.

Os projectos de lei acerca das nacionalizações de nove grandes grupos industriais franceses e 36 bancos e estabelecimentos financeiros foram aprovados, quanto ao essencial, pelo Conselho de Ministros de quarta-feira, anunciou o porta-voz da Presidência da República.

Este anúncio, já aguardado, coincide com a decisão do Ministério da Economia de suspender a cotação na Bolsa das acções das empresas atingidas até que os projectos definitivos sejam submetidos ao Parlamento. Tratava-se, segundo os observadores, de travar os especuladores à procura de certos valores nacionalizáveis.

No que se refere aos grupos industriais, os projectos governamentais prevêem o domínio total pelo Estado de cinco deles: a Compagnie Generale Electrique, Saint-Gobain (Vidro e Química), Pechiney-Ugine-Kuhlman (Química), Rhone-Poulenc (Laboratórios Farma-

cêuticos) e Thomson Brandt (Electrónica e Armamento).

Quanto aos aviões Marcel Dassault (Mirage), estão em curso negociações para permitir ao Estado uma participação imediata de 51 por cento e de 100 por cento dentro de cinco anos. No relativo à parte de armamento do grupo Matra, o Estado está a negociar igualmente uma tomada de posição de 51 por cento, indicou o porta-voz.

Finalmente, a nacionalização dos grupos siderúrgicos Usinor e Sacilor far-se-á sem que o Estado tenha que abrir os cordões à bolsa mediante simples conversão dos seus importantes créditos em acções.

No relativo a Roussel Uclaf, CII-Honewyell Bull e ITT, em que os interesses estrangeiros são de vulto, travam-se discussões com os seus accionistas para definir as condições da reestruturação do capital.

A nacionalização do crédito, pela sua parte, afectará 36 grandes estabelecimentos de poupança, além dos que já foram nacionalizados; 135 bancos estrangeiros ou sob controlo estrangeiro e 65 estabelecimentos franceses de pequenas dimensões ou de carácter

cooperativo manter-se-ão independentes.

O Governo, indicou o Eliseu, aprova sistema de indemnização «equitativo» para accionistas, baseado numa troca das por obrigações reembolsáveis a longo prazo, mas cujo juro não é pago.

Lei Bonnet foi revogada

O mesmo Conselho de Ministros aprovou outros dois projectos de lei já aguardados sobre a presença dos imigrantes em França e as emissoras locais privadas.

O Governo decidiu revogar a «Lei Bonnet» do nome do precedente ministro do Interior, que regulamentava autoritariamente a admissão de imigrantes em França. Doravante, o regime de «expulsão administrativa» será aplicado apenas aos estrangeiros cuja presença representa um perigo para a ordem pública. Quanto às pessoas cuja situação irregular, só serão postas na rua por decisão judicial.

Finalmente, o outro projecto de

Sindicatos ingleses decidem-se pela saída da CEE



O secretário-geral do TUC, Len Murray, discursando na abertura do congresso (Telefoto ANOP-UIP-DL)

A Confederação Britânica de Sindicatos (TUC) aprovou hoje em Blackpool por clara maioria uma resolução exigindo de um futuro Governo trabalhista a retirada da Grã-Bretanha da CEE.

Depois de um curto mas acalorado debate, foi aprovada uma proposta segundo a qual a decisão sobre a participação da Grã-Bretanha na CEE devia ser objecto de um inquérito à opinião pública.

Nas passadas reuniões do TUC a linha antieuropeia tinha considerado a possibilidade de decidir da situação da Grã-Bretanha através de um referendo.

Todavia, nesta reunião a mesma linha manifestou-se definitivamente pela retirada da Comunidade o que se considera um triunfo da ala esquerda da TUC e do Partido Trabalhista na oposição.

Por outro lado, o congresso, a decorrer em Blackpool, aprovou por esmagadora maioria a recusa de qualquer nova discussão sobre limitação dos salários por parte do Estado.

Neste caso, os 1.200 delegados votaram contra o secretário geral da Confederação, Len Murray e contra o líder trabalhista, Michael Foot, que se tinham manifestado contra a proposta apresentada pelo Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes no sentido da recusa.

Neste terceiro dia do congresso, verificaram-se enérgicos ataques contra a política eco-

nómica da primeira-ministra, Margaret Thatcher.

«Cimeira» franco-britânica

A primeira «cimeira» franco-britânica desde a eleição de François Mitterrand para a presidência da República francesa, irá decorrer em Londres hoje e

amanhã para fazer o ponto da cooperação entre os dois países nos domínios bilateral, europeu e internacional.

A «cimeira» franco-britânica, institucional mas informal, não tem propriamente uma ordem de trabalhos, mas alguns temas e preocupações impõem-se.

Do lado francês, notam os observadores, parece considerar-se que o encontro de Londres será essencialmente político, quer se trate da situação internacional, da evolução económica geral ou dos assuntos europeus.

O presidente e a primeira-ministra passarão em revista a situação internacional, nomeadamente no Médio Oriente, na África Austral, na Polónia, assim como as relações Leste-Oeste e as questões político-militares relativas aos dois países.

No domínio bilateral, o problema da manutenção em serviço, do supersónico franco-britânico, «Concorde» poderá ser referido. Em Londres aguardam-se propostas francesas sobre o assunto.

Países socialistas condenam Congresso do Solidariedade

O Partido Comunista Polaco (POUP) acusou ontem o «Solidariedade» de tentativa de interferência nos assuntos internos dos outros países, ao declarar apoio à formação de sindicatos «independentes» nos países socialistas.

O POUP afirma que as declarações produzidas em congresso colocam a central sindical contra o «mundo socialista».

O «Tribuna Ludu», órgão do Partido, diz que a mensagem da central sindical pode degradar gravemente as relações entre a Polónia e os seus aliados.

Também a agência de notícias soviética, TASS, acusa o «Solidariedade» de «troçar dos interesses dos trabalhadores» ao dizer-se defensora do «povo trabalhador polaco» e, simultaneamente, promover greves e sabotagem económica.

A TASS acrescenta que os dirigentes do «Solidariedade» ape-

laramno congresso a uma intensificação dos laços com os estados capitalistas em detrimento das relações com os países socialistas.

A agência afirma que as declarações feitas no congresso do «Solidariedade» demonstram que os seus dirigentes estão apostados em exagerar a crise polaca e em agravá-la ainda mais.

Por sua vez, o jornal do Partido Comunista checoslovaco «Rude Pravo» comentou que «o congresso de Gdansk mostrou que as forças radicais controlam o «Solidariedade» e pretendem transformar a central sindical num partido de oposição».

O «Rude Pravo» salientou que «nenhum dos delegados no congresso do «Solidariedade» apresentou propostas para resolver os actuais problemas económicos no seu próprio país».

A questão de Gibraltar

Acordo de Lisboa poderá resolver a situação

A Grã-Bretanha manifestou-se favorável ao cumprimento do «acordo de Lisboa» sobre Gibraltar, assinado em 10 de Abril de 1980 entre Lord Carrington e o então ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Marcelino Oreja. O acordo, que consta de seis pontos, sublinha o desejo dos Governos britânico e espanhol reforçarem as relações bilaterais, propondo-se resolver o problema de Gibraltar num espírito de amizade e em conformidade com as resoluções das Nações Unidas. Neste âmbito os dois Governos estabeleceram o início de negociações para solucionar todas as divergências sobre Gibraltar, tendo decidido o restabelecimento de comunicações directas na região. Definiram que a futura cooperação que deve ter em vista o benefício mútuo, será baseada na reciprocidade e plena igualdade de direitos, tendo em conta as propostas que formulem cada uma das partes.

Ao reafirmar a sua posição sobre o restabelecimento da integridade territorial, o Governo espanhol reitera a sua intenção de que no fim das negociações fiquem plenamente salvaguardados os interesses dos habitantes de Gibraltar.

Por sua vez, o Governo britânico, compromete-se a respeitar o desejo, livre e democraticamente expresso, da população do rochedo.

O acordo estabelece reuniões entre ambas as partes para preparar as medidas práticas necessárias que permitam o cumprimento das propostas abordadas nesta declaração.

Banca riaais

...antes.
...provou um
...para os
...as acções
...arrago de
...a indi-
...s aprovou
...guardados
...n França e
...ei Bonnet»,
...do Interior,
...nte desde
...m França.
...o adminis-
...estrangei-
...perigo para
...pas em si-
...nas fronte-
...de lei, que

permitirá a legalização das emissoras de rádio privadas, deve, no espírito do Governo, preservar os interesses fundamentais dos outros meios de comunicação e evitar que as potências financeiras ou políticas deitem mão a este novo meio de expressão. O projecto de lei exclui a publicidade como fonte de receita das futuras emissoras radiofónicas particulares.

O primeiro-ministro, Pierre Mauroy, declarou, no fim do Conselho de Ministros, que os projectos de lei sobre as nacionalizações revestiam um «carácter histórico», e que se situavam «na era de uma nova política governamental para libertar a economia francesa do peso das potências financeiras e devolver-lhe o seu dinamismo».

As nacionalizações, disse Mauroy, «inscrevem-se na vontade de transformação democrática do Governo, que é inseparável de uma política industrial importante e de uma política digna de crédito».

O programa de nacionalizações do Governo francês é «o mais espectacular da Europa desde há 20 anos», referem os editoriais da Imprensa matutina francesa de hoje.



Após manifestação anti-Khomeiny

Tiroteio no centro de Teerão

Morreram várias pessoas e cerca de quarenta ficaram feridas nos confrontos armados ocorridos ao fim da tarde de ontem em Teerão, durante três manifestações organizadas pelos «Mudjahedines do Povo» (esquerda islâmica) segundo re- relaram fontes hospitalares da capital iraniana. «Um certo nú- nero de pessoas» foram mortas, ndicaram essas fontes sem precisarem quantas, e se faziam parte dos manifestantes ou das orças da ordem. A maior parte os feridos entre os quais se en- ontram «Guardas da Revolu- ão» foram atingidos na Praça evenida Vali-Asr, a maior artéria e Teerão, acrescentaram as mesmas fontes.

Segundo várias testemunhas, tiroteio prolongou-se por cerca e uma hora depois da dispersão

dos manifestantes, que momen- tos antes tinham distribuído co- municados frente aos armazéns «Qods», um dos maiores da ci- dade, e gritado palavras de ordem hostis ao «ayatollah» Kho- meiny, em especial «É o mês do sangue, é o mês da queda de Khomeiny».

Entretanto a rádio iraniana anunciou, ontem, que uma pes- soa de 21 a 25 anos de idade tinha sido identificada como um dos autores do atentado em que o procurador-geral da revolução o «ayatollah» Ali Ghodussi, foi morto a 5 de Setembro último. Segundo rádio Teerão, trata- -se de Mahmud Fakhar Zaderh Kermani. A rádio difundiu as suas características físicas e pediu à população que contribuía para a sua captura. A televisão mostrou também uma fotografia do suspeito.

Reagan confirma

Orçamento do Pentágono vai ser reduzido

O presidente Ronald Reagan confirmou ontem à tarde aos principais responsáveis norte-americanos da Defesa e da economia que vai ser necessário fazer reduções no orçamento do Pentágono, a fim de evitar um aumento incontível dos défices. Reagan reafirmou que é pre- so equilibrar o orçamento geral m 1984, pelo que será neces-

sário reduzir todos os orçamen- tos—referiu o porta-voz Speakes no final de uma reunião muito demorada na Casa Branca a este respeito.

O chefe do Executivo, conti- nuou Speakes, declarou, no en- tanto, que «se mantém decidido a reconstruir as Forças Armadas americanas» e a respeitar um aum-ento dos orçamentos para a

Numa conferência de im- prensa na sua cidade natal, no delta do Nilo, o presidente egíp- cio Anwar Sadat atacou os meios de comunicação social norte- -americanos por apresentarem a recente onda de prisões como medidas opressivas da demo- cracia.

Sadat disse que as medidas tomadas pelo seu Governo constituíram um «choque eléc- trico destinado a preservar a uni- dade nacional», adiantando que «não haverá um novo Khomeini no Egipto».

Advertiu depois os correspon- dentes de imprensa norte- -americanos e da Europa oc- didental de que devem noticiar «com cuidado» a situação no Egipto. O presidente egíp- cio reagiu furiosamente quando um correspondente da cadeia de te- levisão NBC lhe perguntou se o presidente Ronald Reagan fora consultado antes da onda de de- tenções. Tremendo, Sadat disse: «Você não tem qualquer direito de me pôr essa pergunta porque aqui ninguém toma deci- sões além de mim, através das minhas instituições».

Mais tarde, o presidente egíp- cio pediu desculpa por ter ficado tão nervoso e disse referindo-se ao correspondente da NBC que «em outra altura eu ter-lhe-ia dado um tiro, mas estamos em democracia».

A concluir, classificou de trai- dores todos os que «instigam a luta sectária» e os partidos polí- ticos que a exploram. «Nós não temos oposição política no

Egipto, garantiu Sadat acrescen- tando: temos só pessoas que nos odeiam».

Referendo

Cerca de 12 milhões de eleito- res egípcios começaram a ir às urnas hoje às 08.00 locais (07.00 de Lisboa) para se pronunciarem sobre as medidas decididas há quatro dias pelo presidente Sadat para prevenir o «perigo» que ameaça, segundo ele, a co- existência entre os muçulmanos e os cristãos no Egipto.

A imprensa caiótica antecipou os resultados do referendo e ti- tulou ontem à noite: «O povo do Egipto vai apoiar o presidente Sadat».

As principais medidas con- templadas no referendo pre- vêem: penas de prisão ou traba- lhos forçados perpétuos para os aderentes a partidos ilegais ou agrupamentos de carácter mili- tar; destituição do Papa Che- nuda III, chefe da Igreja Copta Ortodoxa, e a nomeação dum conselho de prelados para as- sumir as funções papais; apre-ensão dos bens pertencentes à confraria dos irmãos muçulma- nos e ao seu braço militar estu- dantil, as «Confrarias Ilâmicas»; proibição de três publicações da confraria, de dois semanários cristãos e do órgão do partido da oposição, o Partido do Trabalho Socialista; e nomeação para funções puramente administrati- vas de 67 jornalistas acusados de terem influenciado a opinião de molde a pôr em perigo a se- gurança do país.

Manobras Americano-egípcias

O Pentágono confirmou, ontem as declarações do presi- dente Sadat, segundo as quais unidades americanas participa- rão em breve, no Egipto, em ma- nobras conjuntas com o Exército daquele país. Um porta-voz do Pentágono indicou à «France- -Presse» que especialistas americanos se encontravam ac- tualmente no Egipto, para defini- rem os pormenores do exercício, que deverá decorrer em No- vembro.

Conversações EUA/Israel

O presidente Ronald Reagan tentou ontem sossegar o primeiro-ministro israelita, Me- nahem Begin, quanto ao com- promisso dos Estados Unidos em defender a segurança de Is- rael, embora confirmando que Washington tenciona fornecer aviões radares «AWACS» à Arábia Saudita.

Reagan e Begin encon- traram-se pela primeira vez na Casa Branca, e as suas discus- sões de duas horas incidiram unicamente, sobre os problemas de segurança geral na região, indicou fonte oficial americana, bem como sobre o difícil «dos- sier» da venda à Arábia Saudita de material militar ultramoderno. Reagan explicou ao primeiro- -ministro que os EUA, para quem a segurança de Israel continua a

ser «uma prioridade total», têm também «interesses muito im- portantes» a defender no Médio Oriente e que esta constatação «tem que se reflectir na política americana em relação a outros países».

A delegação israelita manifes- tou «de forma eloquente, mas sem rancor excessivo», a sua posição segundo a qual a venda dos «AWACS», à Arábia Saudita podia fazer de Israel um país «transparente» para os seus vi- zinhos.

Desde os seus primeiros con- tactos, que Begin e Reagan ti- nham insistido nos problemas de segurança no Médio Orite, e na necessidade de reforço da «co- operação estratégica» entre os dois países, desmentindo con- tudo a possibilidade de uma aliança formal americano - isra- elita.

Liga Árabe apoiar a Líbia

A Liga Árabe decidiu apoiar a Líbia durante a planeada sessão da assembleia geral da ONU sobre o incidente aéreo com os Estados Unidos, revelaram fon- tes diplomáticas. A decisão foi comunicada à delegação líbia durante a sessão à porta fe- chada dos ministros dos 21 pa- ses membros da organização.

Na mesma reunião, a Liga de- cidiu boicotar as companhias de aviação cujos aparelhos utilizem o aeroporto de Klandia, em Jeru- salém.

EUA recambiam refugiados salvadorenhos

A administração Reagan está a recambiar para El Salvador mi- lhares de cidadãos deste pe- queno país centro-americano, a braços com uma guerra civil, que procuravam refúgio nos Estados Unidos, segundo revelou a agência alemã-democrática «ADN», reportando-se a diver- sas organizações cívicas norte- -americanas.

A agência noticia que várias vezes por semana, em geral à noite, aparelhos descolam de El Paso e de outros aeroportos do sul dos Estados Unidos, levando a bordo, com destino a El Salva- dor, cidadãos deste país que se tinham refugiado nos EUA. Mi- lhares de salvadorenhos têm, sido encerrados, segundo dados oficiais das autoridades ameri- canas, no decurso dos últimos meses, em campos de interna- mento, para serem na maior parte dos casos reexpedidos para El Salvador. No decurso de

uma visita ao campo de deporta- ção de Port Elizabeth na costa texana do golfo do México, o director-adjunto da deportação Bob Runyon, declarou que a maior parte das perto de 230 pessoas internadas neste campo rodeado de arame far- pado, com um sistema eléctrico de alerta e torres de vigia, eram provenientes de El Salvador. Segundo o advogado Bruce Ballman, do «Centro nacional para os direitos dos estrangei- ros», os EUA entregam todos os meses perto de mil refugiados à junta salvadorenha. As autoridá- des americanas procuram, por todos os meios, impedir que os refugiados peçam asilo político nos EUA. Isso mesmo confirmou Bob Runyon que declarou serem raramente satisfeitos os pedidos de asilo. Por outro lado, o «Cen- tro Nacional» dispõe de informa- ções segundo as quais, numero- sos refugiados deportados dos

EUA para El Salvador, foram mortos pela junta poucos dias após o seu regresso.

O refugiado Roberto Anduray afirmou, resumindo a situação, que a deportação equivalia a uma prisão garantida em El Sal- vador, e muito provavelmente ao «desaparecimento para sem- pre» do preso.

Entretanto a comissão dos di- reitos do homem de El Salvador indicou ontem na cidade do Mé- xico que «32.139 pessoas ti- nham sido assassinadas na- quele país pelo exército e pelos

grupos para militares» entre Ou- tubro de 1979 e Agosto de 1981. A comissão afirmou também que 93 pessoas, incluindo 13 crian- ças, tinham sido decapitadas.

O vice-presidente da comi- são, Fernando Augusto Mendez, lembrou além disso que 166 pres- os prosseguem uma greve da fome desde há 16 dias a fim de obter a revogação de leis que consideram como anticonstitui- cionais. Alguns grevistas apre- sentam já sinais de anemia acompanhados de vômitos e de diarreia.

Devido à crise económica

Decretado na Nicarágua o estado de emergência

O governo nicaraguense, ao decretar hoje o estado de emer- gência, proibiu as greves, elevou os impostos sobre as importa- ções e reduziu as despesas go- vernamentais num esforço de reconstruir a débil economia na- cional. O decreto que ordenou o estado de emergência, em vigor durante um ano, considera tam- bém um crime punível com um a três anos de prisão o facto de

alguém cometer «sabotagem económica». Entre as acções consideradas como sabotagem económica contam-se a paralisa- ção dos transportes, publica- ção de notícias económicas fal- sas, aumento dos preços sem autorização governamental, fazer greves ou convocá-las, ocupar terras ou outros meios de produção e incitar governos es- trangeiros a infligirem danos à economia nacional.

Daniel Ortega Savedra, coor- denador da junta governativa, que anunciou estas medidas na televisão nacional afirmou que «a situação do país não é nor- mal» e apelou a todos os nicara- guenses para que ajudem «a en- frentar a crise por que estamos a passar». Ortega referiu que, antes de decretar o «estado de emergência nacional social e económica», a junta consultou «os líderes de todos os sectores do país», e explicou que a junta espera que com as medidas hoje adoptadas levem à poupança de 43,8 milhões de dólares (cerca de 2.900 milhões de escudos).

Defesa da ordem dos 7 por cento por ano.

Reagan tinha convocado para a Casa Branca todos os seus conselheiros de política externa e militar, nomeadamente o se- cretário de Estado Alexander Haig, e o secretário da Defesa, Caspar Weinberger. O secretá- rio do Tesouro, Donald Regan, e o director da CIA, William Casey, estavam igualmente presentes.

SINDICATO

DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE HOTELARIA TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO CENTRO

Rua Simões de Castro, 151-2.º Dt.º 3000 Coimbra

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os sócios deste Sindi- cato no pleno gozo dos seus direitos sindicais e em conformidade com o que determina o Artigo 60.º dos Estatutos, para se candidatarem aos Corpos Gerentes e consequente Eleição para o triénio de 1981/84.

As eleições terão lugar no dia 11 de No- vembro de 1981 em locais a anunciar oportu- namente.

Coimbra, 8 de Setembro de 1981

Pela Comissão Directiva

(Rodrigo José Borbinha Belfo)

ATENÇÃO: Para cumprimento do n.º 1 do Artigo 6.º do Regulamento Eleitoral dos Estatutos, os elementos que fazem parte da Comissão Directiva voltam a lembrar a todos os sócios que deverão proceder à imediata actualização da sua cotização sem a qual não podem ser incluídos nos cadernos elei- torais.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

ATRIBUIÇÃO DE SUBSÍDIOS ÀS ASSO- CIAÇÕES DA TERCEIRA IDADE

Tem esta Comissão Administrativa o firme desejo de atribuir subsídios às Associações para a Terceira Idade, devidamente legalizadas e com sede no Concelho de Loures.

Assim, solicitamos a todas as Associações que se encontrem nestas condições, que requeiram o referido subsídio a esta Comissão Administra-
tiva.

As pretensões podem ser endereçadas directamente à Câmara Municipal de Loures, Departamento de Apoio à Terceira Idade, ou às Juntas de Freguesia da área da sua sede.

Estes requerimentos terão que ser apresentados, impreterivel-
mente, até ao dia 20 de Setembro de 1981.

Loures, 31 de Julho de 1981

O Vogal da Comissão Administrativa,
Victor Manuel Conceição Santos.



Não queremos que se prive nas férias
dos seus momentos de diversão!
Mas sabemos que certamente vai ter alguns tempos livres
que não saberá o que fazer...
Então porque não os aproveitar?
Faça algo que lhe proporcione benefícios seguros:
Invista algum do tempo feliz de férias pensando no Inverno...

Este Verão aprenda uma profissão de futuro!

É hoje, já, que você tem que acautelar o futuro e
nada o ajudará mais do que uma profissão rendosa
e considerada.
Num dos cursos que lhe propomos você encontrará
a solução que mais lhe convém.
Facilmente, ocupando apenas alguns dos seus
tempos livres, depois você pode aguardar o Inverno
com conforto e segurança.

OS NOSSOS CURSOS:
ELECTRÓNICA, RÁDIO E TV
DES. TÉCNICO
TELEVISÃO: TRANSISTORES
CONTABILIDADE
ORG. ADM. EMPRESAS
PROGRAMAÇÃO COBOL
INGLÊS; FRANCÊS
CORTE E CONFECÇÃO
C. GERAL

Ainda hoje preencha destaque e envie este cupão.
Grátis e sem compromissos enviem-me informação completa sobre o curso que
indico. Urgente, por favor, as férias estão à porta...

Curso: _____
Nome: _____
End. Emprego: _____
Morada: _____ Localidade: _____
CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA LOCALIDADE: _____
ENSINO TÉCNICO A DISTÂNCIA a preencher pelos nossos serviços
R. D. ESTEFÂNIA, 32 LISBOA 1

As Florestas são uma riqueza nacional.

Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.



armazéns

CONDE BARÃO



descontos até 60%

Saias (popelines maravilhosas)	248\$00
Camisas Noite em Cambraia	268\$00
Camiseiro Senhora Tp. Seda Natural	198\$00
Calça Denim Tp. Americanas	698\$00
Blusões Homem Setim	980\$00
Camisas Homem c/Manga (muitos padrões)	248\$00
Fibranas Popeline (milhões de metros)	59\$50
Alinhados Arrendados (preço milagroso)	49\$50
Etamine p/Cozinhas (linda decoração)	49\$50
Biquinis Senhora (espantosos)	15\$00
Calças Veludo Canelado	498\$00
Pano Lençol Terylene desde	98\$00/108\$00/118\$00

35º ANIVERSÁRIO

RN REDE NACIONAL
coimbra cep 02

INFORMAÇÃO

EXPRESSO

DAS BEIRAS

LISBOA - LEIRIA - COIMBRA - VISEU - GUARDA - VILAR FORMOSO

INÍCIO EM 10 DE AGOSTO DE 1981

HORÁRIO			
07.00	P	LISBOA	00.30
09.25		Leiria	22.05
09.50		Pombal	21.40
10.30	C	COIMBRA	21.00
10.35			20.55
11.30	P	Montealegre	20.00
11.40		Santa Comba Dão	19.50
11.55		Tondela	19.35
12.15	C	VISEU	19.15
12.20			19.10
12.45	P	Mangualde	18.45
13.20		Fornos de Algodres	18.10
13.40		Calvario da Beira	17.50
14.15		GUARDA	17.15
14.40		Pinheiro	16.40
15.15	C	VILAR FORMOSO	16.15

(VIAGENS DIÁRIAS)

Para mais informações consulte os serviços **RN**



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DE AGUA E SANEAMENTO

SERVIÇOS TÉCNICOS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO
DA ELABORAÇÃO DO PROJECTO
«REDES DE ESGOTOS DOMÉSTICO
E PLUVIAL DA ZONA DA COSTA DE CAPARI-
CA»

ANÚNCIO

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para
arrematação do projecto acima referido, sendo de trinta dias o prazo
para apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia
seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas do
primeiro dia útil que se seguir ao prazo de trinta dias fixado neste
anúncio, na sala de sessões dos Serviços Municipalizados de Almada.

O depósito provisório, que será efectuado na Caixa Geral de
Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais, é de
2,5% do valor da proposta e o definitivo de 5% sobre o valor da
adjudicação.

Deverão os concorrentes apresentar o seu «curriculum».

Almada, 1 de Setembro de 1981

O Presidente do Conselho de Administração
(Carlos Manuel B. de Sousa)

a palavra com...

Mário
Murteira

A normalização do sistema económico português

A entrada em funções do oitavo governo constitucional é um facto político da maior importância no processo português, ao contrário do que muitos supõem ou pretendem fazer crer. Por três razões principais.

Porque é a última oportunidade de a AD governar o País antes de futuras eleições: é claro que outra crise interna da maioria determinará o recurso a novas eleições, com resultados hoje difíceis de prever.

Porque este governo AD é o que aparenta à partida melhores condições de êxito na sua própria política, até por dispor provavelmente do melhor ministro das Finanças que nessa área política tem surgido e poderia surgir.

Outra explicação é a total inexistência, no domínio económico, de uma alternativa política viável por parte da oposição. Aliás, o cidadão médio português parece intuir estas coisas melhor que muitos dos nossos profissionais da política; se despreza a ideologia como discurso balofo, percebe onde há vontade política efectiva para, ao menos, se tentar fazer o que se diz.

Se assim é, vai finalmente assumir relevo a questão central da política nacional dos últimos anos, que as tais querelas menores têm disfarçado e adiado mas que agora vem à tona com toda a força. Refiro-me à normalização do nosso sistema económico, quer nas regras do seu funcionamento, quer nos contornos dos diversos sectores que o compõem (público e privado, nacional e estrangeiro, etc.) quer nos objectivos visados no seu funcionamento, para além das questões imediatas ou conjunturais.

Mas a normalização da vida económica portuguesa de que falo, vai afinal decidir-se onde?

Parece que em quatro terrenos formalmente distintos, mas na realidade intimamente ligados entre si: na revisão constitucional, que não pode ser adiada sob pena de riscos graves para a democracia em Portugal, aumentando o descrédito das instituições; na definição das «medidas de estabilização» a curto prazo, ou seja na negociação

com o FMI; no desenrolar das negociações com a CEE e, sobretudo, na ideia que o governo faz das implicações internas dessas negociações; enfim, na definição duma perspectiva a médio prazo, razoavelmente consistente, para o desenvolvimento da economia e da sociedade portuguesas.

Acabo de ler um estudo comparativo sobre as experiências de políticas de estabilização no Brasil e no Chile (1) após os golpes militares que liquidaram a democracia nos respectivos países (1964, no Brasil, 1973, no Chile). Refletindo, pelo meu lado, na experiência portuguesa recente de «estabilização» económica, mas em democracia, não posso deixar de concluir que o aprofundamento dessa concepção de política económica só poderá «normalizar» a actividade económica nacional com sacrifício da própria democracia.

Nestes termos, a experiência deste novo governo da AD vai mostrar até que ponto essa área política será capaz de normalizar o sistema económico sem ser por uma via flagrantemente antidemocrática. Aparentemente, o objectivo da «plena adesão» à CEE é incompatível com o recuo da democracia formal. Mas esse objectivo apresenta-se tão nebuloso e incerto que, a meu ver, não garante coisa alguma, nem mesmo — só por si — a persistência da democracia política. Nesta matéria, como noutras, só poderemos contar com nós próprios.

Mas é necessário explicar melhor onde reside o cerne desta normalização de que venho falando.

O que está em causa, em linguagem de análise económica, é assegurar um processo regular de crescimento económico e de acumulação de capital na sociedade portuguesa. Regular, quer dizer: de funcionamento normal, sem grandes travagens nem acelerações, como o automóvel que viaja em *prime*, curvando aqui e acolá, mas sem derrapagens nem mudanças bruscas de velocidade. Esse funcionamento regular é exactamente o contrário da situação de *panne*, de avaria ou crise, em que nos encontramos.

Nos casos do Brasil, depois de 1964, e do Chile, depois de 1973, a regularidade económica só foi possível — sobretudo no segundo caso — com forte repressão social e política, em particular dos trabalhadores e camponeses. No segundo daqueles países, o governo vendeu ao sector privado, entre 1974 e 1978, 112 empresas pelo valor de 290 milhões de dólares. Sabe-se, pela análise dos respectivos balanços, que apenas 21 empresas desse grupo tinham em 1977 um valor de 301 milhões de dólares. Como comenta o autor do estudo que referi, «os números anteriores sugerem que os activos vendidos pelo Estado ao sector privado estavam fortemente subavaliados, produzindo-se a muito curto prazo uma enorme acumulação de capital nos seus novos proprietários». No Brasil, não se liquidou o sector público produtivo, pelo contrário, aumentou-se fortemente o investimento nesse sector, mas apesar da política de estabilização ter sido menos ortodoxa, a reconcentração de rendimento e riqueza também foi espectacular. Os 5% mais ricos do Brasil, que detinham 27,7% do rendimento nacional em 1960, passaram a dispor de 39% em 1976.

No caso português, continuar a aprofundar a política de estabilização de tipo monetarista (dos tais *rapazes de Chicago*) em toda a sua ortodoxia implicaria o seguinte: reduzir drasticamente as despesas correntes do Estado, para eliminar o défice de funcionamento das finanças públicas; liquidar o sector público produtivo, por via das indemnizações ou outra, que implique a desvalorização sensível dos activos do Estado, a favor da rápida acumulação privada; liberalizar completamente o comércio externo, abrindo totalmente o mercado interno à entrada de produtos estrangeiros, designadamente bens alimentares; «especializar», ainda mais, a economia portuguesa no mercado mundial nas indústrias ligeiras, de mão-de-obra barata, assegurando por via da desvalorização cambial e da contenção de salários, que o trabalhador português receba cada vez menos por dólar exportado, na esperança de

atrair o capital estrangeiro, etc..

Certamente que este é um modelo extremo de ortodoxia económica, na linha das recomendações de Milton Friedman e seus discípulos. Em Portugal, até agora, ficou-se a meio caminho disto. Mas também não se resolveu nada, nem a curto, nem a médio prazo. Nem se pôde consolidar o processo de reformas iniciado depois do 25 de Abril, nem a contra-reforma posterior pôde desfazer tudo. Disto resulta o grande dilema para o actual governo:

Se aprofunda o tipo de política encetado em 1977/78, então a AD perderá provavelmente novas eleições e os interesses que se lhe associam só poderão manter o poder por via não democrática; se fica a meio caminho — isto é, nem estabiliza, nem desenvolve, como até aqui — desagrada a gregos e troianos, sobretudo aos núcleos mais revanchistas e reacccionários da AD cujas garras já pretendem apertar-nos de novo, como se sente na vergonhosa «informação» da RTP nas palavras mansas de Freitas do Amaral, sempre sonhando com Soares e Carneiros, enfim nos designios que se escondem em nebulosas frases como «levar o 25 de Novembro à economia».

Sabe qualquer economista razoavelmente esclarecido que a política económica é uma questão política antes de ser técnica. Há boas ou más respostas técnicas para problemas politicamente bem definidos. Não há solução possível para uma questão económica mal formulada politicamente.

Do ponto de vista do actual governo, a questão (formal) pode pôr-se talvez deste modo: há respostas técnicas para uma intenção política social-democrata, face à crise estrutural portuguesa? Ou, de boa ou má fé, essa intenção é ainda uma mera passagem para outra *solução política* mais à direita, tal como a falhada intenção socialista de 76/78 levou o poder até à AD?

(1) A. Foxley, «Inflacion com recesion: las experiencias del Brasil e Chile», «Trimestre Económico» n.º 188, 1980.

Conferência dos «31 mais pobres»

Portugal desvincula-se de compromissos assumidos pelos países industrializados

O porta-voz do Governo Português na Conferência da ONU para os 31 países mais pobres, a decorrer em Paris desde o início do mês, disse hoje que Portugal não pode ser abrangido pelos compromissos aceites pelos países industrializados para ajuda ao Terceiro Mundo.

No entanto, Leonardo Matias, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, que falou esta manhã no auditório da reunião manifestou o apoio de Portugal aos objectivos da conferência, garantindo mesmo que «o Governo Português está profundamente empenhado» no seu sucesso.

«Embora membro da OCDE, Portugal é ainda um País em estado intermédio de desenvolvimento e não poderá ser, portanto, incluído na categoria dos países dadores» — disse Leonardo Matias, para assim se

desvincular de compromissos concretos de ajuda financeira e técnica que, eventualmente, os parceiros portugueses na Europa venham a assumir para o futuro. Recorde-se que a ONU fixou como meta a atingir na década de 80 a reserva de 0,07% do Produto Nacional Bruto dos países industrializados para acções de ajuda ao desenvolvimento do Terceiro Mundo.

Mas o facto de se desvincular destes compromissos não significa, segundo o porta-voz governamental, que Portugal não coopere no desenvolvimento de outros países mais pobres.

«Portugal tem a firme intenção de intensificar o seu contributo ao desenvolvimento na medida das suas possibilidades e da evolução da sua economia. Neste sentido tem realizado nos últimos anos um esforço impor-

tante de cooperação, em grande parte dirigido para os PMA que no corrente ano vão receber cerca de 50% do volume da ajuda global prestada» — disse.

Esta cooperação tem incidido, fundamentalmente, nos sectores da formação profissional, saúde e ensino e criação de infra-estruturas no sector de obras públicas e dos transportes de acordo com as prioridades estabelecidas pelos próprios. A orientação e os critérios seguidos nestas acções de assistência são determinados pelo facto de Portugal possuir uma tecnologia facilmente adaptável e quadros técnicos de formação adequada aos problemas que se nos deparam.

A ajuda portuguesa tem sido prestada especialmente aos países da África e entre estes, Cabo Verde e Guiné-Bissau, que pertencem ao grupo dos 31 países

mais pobres do Mundo em cuja intenção de desenvolvimento a ONU organizou esta conferência em Paris.

Ainda ontem numa entrevista, dada à Anop em Paris, o ministro da Economia da Guiné-Bissau especificava que Portugal tem fornecido ao seu país assistência técnica nos domínios da agricultura, dos transportes, das telecomunicações, do ensino e da saúde.

Portugal, quer através do Governo ou da Fundação Gulbenkian, tem facultado à Guiné-Bissau estágios de formação profissional, facilitado bolsas de estudo e encarado a participação em projectos trilaterais (actuando num deles as empresas portuguesas ao lado da Holanda e noutro em coordenação com interesses árabes) — informou Vasco Cabral.



Carris: três milhões e meio em passes e bilhetes

Transportou 417 milhões em 80

As receitas da Carris o ano passado ascenderam a 3 milhões e 553 mil contos, dos quais 2 milhões e 202 mil contos desembolsados pelos utentes. O Estado comparticipou com 1 milhão e 350 mil contos, montante que representa os subsídios por meio dos quais todos temos, ricos ou pobres, o bilhete, o passe ou o pré-comprado a um preço menor. Explorando as carreiras de autocarros e de eléctricos, foram os primeiros que mais rentáveis se mostraram.

Embora o problema da Carris seja também o de números, como qualquer outra empresa, o que a propósito vem relacionar-se com a sua situação legal, uma vez que já não é empresa privada — como há não muitos meses o era —, mas também ainda não é empresa pública. Para se tornar pública o Estado, através da empresa, comprou parte das acções da LET (Lisboa Electric Tramways, Limited), a empresa inglesa que instalou os eléctricos no nosso país, ao mesmo tempo que a Câmara de Amoreiras, começando a mudar-se para a Musgueira e Mi-

raflares (onde ficarão a sua estação e oficinas, respectivamente).

É essa situação que traz de novo a Carris a público, como o próprio relatório e Contas da empresa refere, indicando que a LET cedeu as suas próprias acções ao Estado a troca da estação de serviço das Amoreiras. Bastou a possibilidade e promessa de lhe libertar a parte das Amoreiras em duas fases para que se encare a hipótese da Carris se tornar empresa pública mais depressa que todos julgariam.

Como o seu negócio é números, digamos assim, a Carris, cuja utilização sobe todos os anos, transportou o ano passado 417 milhões de pessoas enquanto a sua capacidade o ano anterior fora de 390 milhões —, o que representa um acréscimo de 27,7 por cento. Os passageiros com passe subiram nesse período para 73 por cento (contra os 70 por cento do anterior), enquanto os passageiros com bilhetes pré-comprados aumentaram de 7 para 12 por cento. Os passageiros com bilhete adquirido desceram (obviamente) de 23 para 15 por cento.

Recomeçam dentro de 15 dias negociações com a Espanha

As negociações sobre pescas, com a Espanha, recomeçam dentro de 15 dias em Madrid segundo informou o secretário de Estado, Gonçalves Viana.

O secretário de Estado das Pescas mostrou-se optimista quanto à possibilidade de atingir um acordo que defina o mecanismo de determinação anual automática das quantidades de licenças a conceder por cada país e das quotas de pescado

atribuídas nas águas do outro.

A Embaixada da Espanha em Lisboa salientara esta semana a necessidade de reatar rapidamente as negociações tendo inclusive insistido que se realizassem já na terça-feira. Mas Gonçalves Viana disse não ser isso possível dada a crise governamental em Portugal. Por isso se aponta para daqui a quinze dias o reinício destas discussões já muito antigas e complicadas.

União de Bancos domina capital da Unileasing

O pedido de constituição da «Unileasing» foi ontem entregue no Banco de Portugal pelos seus futuros accionistas que incluem a União dos Bancos Portugueses (UBP) em posição dominante.

As sociedades leasing, ou de locação financeira, destinam-se a financiar a compra de equipamentos e outros meios de capital

pelas empresas, ficando a Sociedade com uma reserva de propriedade em relação a esses meios.

Os accionistas desta empresa são a União dos Bancos Portugueses, com 30 por cento, a Mundial de Seguros, a empresa multinacional Walter Heller e o industrial de montagem automóvel Salvador Caetano, todos com 25 por cento.

Trabalhadores da A. Supico cortam auto-estrada

Os trabalhadores da empresa de construção civil e obras públicas A. Supico cortaram hoje, entre as 7 e 30 e as 8 e 30, o trânsito na auto-estrada Porto-Lisboa, junto a Condeixa, como forma de exigir à administração o pagamento dos salários de Agosto. A administração remeteu o pagamento dos salários à empresa Brisa e ao Governo, mas os trabalhadores manifestaram «não querer saber nada dos jogos político-económicos».

A referida empresa tem nos seus quadros mais de 600 trabalhadores que actualmente constroem um troço da nova auto-estrada Porto-Lisboa, entre Condeixa e a Mealhada.

ACT dos CTT

Prosseguem esta tarde as negociações do Acordo Colectivo de Trabalho (ACT) dos Correios e Telecomunicações

de Portugal (CTT). A administração prometeu para hoje uma resposta sobre a questão da tipificação das faltas, com vista à atribuição do prémio de assiduidade, que é o ponto em que neste momento reside a maior divergência.

A luta nos CTT, que se arrasta há dois meses, já originou várias paralisações, que causaram graves prejuízos ao funcionamento dos CTT, situação que os trabalhadores atribuem à «intransigência da administração».

CCTV dos Gráficos

Os sindicatos envolvidos na negociação do CCTV para a Indústria Gráfica e de Transformação de Papel decidiram apresentar alternativas à sua proposta inicial na reunião de sexta-feira com a associação patronal.

Simultaneamente foi decidido prosseguir na tarefa de esclarecimento da classe sobre as negociações em curso, de modo a manter todos os trabalhadores interessados no processo e mobilizados para uma eventual necessidade de novas formas de luta.

No plenário de sindicatos ontem realizado nas instalações da Federação dos Trabalhadores da Celulose, Papel, Gráficos e Imprensa foi considerada correcta a condução do processo negocial já iniciado em Junho.

Metalúrgicos

Consagrando um novo clausulado geral e novas tabelas salariais, foi publicado no Boletim de Trabalho e Emprego n.º 33, o contrato colectivo de trabalho vertical

(CCTV) do sector metalúrgico.

A segunda fase das negociações do CCTV dos trabalhadores metalúrgicos, relativo a enquadramentos e redefinição de funções, inicia-se nos próximos dias 16 e 17, na cidade do Porto.

Barragem de Crestuma

A greve iniciada na terça-feira pelos trabalhadores da barragem de Crestuma-Lever (por tempo indeterminado) está a registar uma adesão da ordem dos 85 por cento, segundo uma fonte sindical. Os trabalhadores lutam pela aplicação do caderno reivindicativo apresentado à Construtora do Tâmega.

Esta forma de luta foi decidida devido à intransigência da administração, responsável pela obra, que tem procurado, através de manobras di-

latórias, remeter a solução do problema para a EDP.

SPIREL

As trabalhadoras da empresa de montagem de relojoaria, Spirel, no Porto, decidiram em plenário agudizar as formas de luta, devido à recusa da administração em negociar o seu caderno reivindicativo. Caso a administração não se disponha ao diálogo imediatamente, as 230 trabalhadoras da empresa paralisarão duas horas na próxima terça-feira e três na quarta, tendo já marcado novo plenário para o dia 22. O pessoal da Spirel reivindica um aumento salarial de 2500 escudos, 80 escudos diários para alimentação e 50 para transporte, 60 minutos de tolerância de ponto por mês, instalações para refeitório e melhoria do equipamento sanitário.

A greve dos ajudantes de Farmácia

Conforme já noticiámos, os ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas vão paralisar no próximo dia 16, por um período de 24 horas. Segundo a Comissão Negociadora Sindical (CNS), esta greve deve-se ao impasse que se verifica nas negociações do CCT, «por absoluta intransigência patronal».

Com efeito, o patronato persiste na sua proposta de apenas 20 por cento de aumentos salariais, apesar de, nas reuniões de contratação já efectuadas no Ministério do Trabalho, ter ficado bem claro que desde a entrada em vigor das actuais tabelas, o índice do custo de vida aumentou 28 por cento.

Segundo a mesma fonte, esta intransigência regista-se num sector «que terá um aumento de lucros de 1980 para 1981 da ordem dos 2000 milhões de escudos».

A greve será, pela primeira vez, extensiva ao Sindicato Nacional dos Farmacêuticos nacionais, por imposição patronal, também está envolvido nas negociações em curso.

Homenagem ao ex-ministro do Trabalho

A tendência Sindical Reformista Social-Democrata (Tesi-resd) promove hoje um jantar de homenagem ao ex-ministro do Trabalho, Nascimento Rodrigues, geralmente considerado um dos principais ideólogos da UGT. Participarão no jantar vários políticos do PSD, para além de membros do Governo e de activistas da Tesiresd.

Sindicato do Comércio ameaça processar a Câmara do Porto

O presidente da Câmara Municipal do Porto poderá vir a ser processado pelo Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Porto, por causa das violações que estão a ser feitas pelos centros comerciais aos horários legais de encerramento. Conforme denunciou ontem à Imprensa o presidente daquele Sindicato, o presidente da Câmara tem tomado conhecimento de constantes infracções ao edital 1/80 e tem permanecido inactivo.

Outras infracções denunciadas referem-se à não afixação

dos quadros de pessoal em tais centros, à não inscrição de muitos trabalhadores na previdência e à falta de condições, quer de higiene quer de segurança, em alguns dos estabelecimentos. A propósito vão ser feitas exposições à Inspeção Geral de Incêndios e à Direcção dos Serviços Regionais do Norte de Higiene e Segurança.

Entretanto, vai o presidente do Sindicato pedir uma entrevista ao governador civil do Porto com vista à sua intervenção nas zonas de infracção.

Trabalhadores da «Algot» exigem reabertura da empresa

Os trabalhadores da Algot, na Póvoa de Varzim, decidiram ontem compor todos os dias nas instalações da empresa, mantendo-se à porta durante o horário normal de trabalho, como forma de exigirem a solução do problema que os afastou do trabalho há meses.

A par disso, os sindicatos, designadamente o dos Trabalhadores do Vestuário do Porto, vão desenvolver diligências junto das entidades governamentais e judiciais, prevendo-se mesmo a instauração de um processo ao patrão Nils Nilsson (ausente) por «lock-out».

De Fevereiro a Maio os trabalhadores, cerca de mil, receberam, através do Fundo de Desemprego, subsídios equivalentes ao salário mínimo nacional.

A partir de Junho, porém, o Fundo de Desemprego de Mão-de-Obra deixou de pagar tais subsídios tendo-se tornado ainda mais dramática a situação das centenas de famílias dependentes da Algot.

O plenário de ontem, no qual participou todo o pessoal, surgiu na sequência da decisão patronal de suspender os contratos e encerrar as instalações até à obtenção do resultado da proposta de contrato de viabilização entregue à Parempresa.

Contrato da Imprensa

A portaria de extensão do contrato de trabalho para a Imprensa e as agências noticiosas vai ser aplicada na Região Autónoma da Madeira por ter recebido um parecer favorável por parte do Governo Regional.

A portaria é extensiva aos trabalhadores das categorias previstas no contrato e não inscritos nos sindicatos outorgantes, que se encontram ao serviço das entidades editoriais ou da Agência Noticiosa Portuguesa.

Plenário Nacional da CGTP-IN

A comissão executiva da CGTP/Intersindical considera que a recomposição do Governo AD implica novos ataques aos direitos dos trabalhadores, e neste sentido decidiu convocar um plenário nacional para o próximo dia 19.

Este plenário será antecedido, no dia 16, por uma reunião do secretariado nacional daquela central sindical.

Num comunicado emitido ontem, a CGTP/In considera que, da recomposição do Governo AD

«resultou o reforço dos elementos mais hostis ao regime democrático-constitucional».

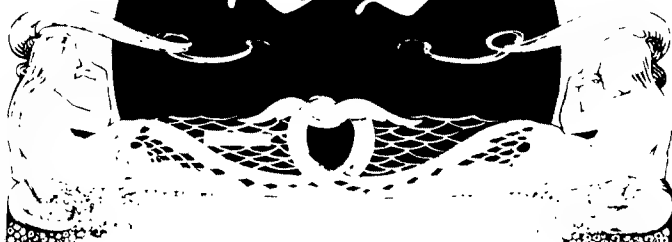
Segundo a CGTP as declarações já proferidas por alguns ministros sobre a revisão da legislação laboral revelam que o novo Governo tem uma prática de «total submissão» aos interesses do grande patronato e das multinacionais, perspectiva que o acordo «já negociado com o FMI» ainda torna mais atenta-tória dos interesses dos trabalhadores.

Cabeleireiros e Manicures Precisam-se

Se é bom profissional e tem a vida social organizada para não faltar, temos bons horários e muitas e boas clientes para lhes oferecer.

Cab. Sérgio e Margarida
Av. da República, 5 r/c Lisboa
Metro Saldanha T. 572401

NAS SUAS FÉRIAS
PODE COMPRAR O



LITORAL AO SUL DO TEJO

- SESIMBRA Tab. Gonçalves
Pedro Baptista Cardoso
- PORTINHO DA ARRÁBIDA Quiosque Arrábida
- Rest. Vela d'Ouro
- Centro Comercial Sines
- VILA NOVA DE MILFONTE Café Mira Mar
- PORTO COVO Augusto António Vilhena

LITORAL NORTE

- BARCELOS Casa Pedro
- ESPINHO Quiosque Reis
Pap. Ratoril
- Aires Moreira Rocha
- PÓVOA DE VARZIM Albino Ferreira Lima
Clarisse Gonçalves
- VILA DO CONDE Altino Lopes Martins
- VILA PRAIA ÂNCORA Pap. Arcada
- VIANA DO CASTELO José Aires
Tab. Siso

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período de 10 dias, ao preço de 15\$00 por exemplar
Pagamento antecipado através de cheque ou vale de correio

Remete para «Diário de Lisboa» - Assinaturas
R. Castilho, 185-1
1200 LISBOA

Novo ACT da EPAL é assinado amanhã

O acordo colectivo de trabalho (ACT) da Empresa Pública das Águas de Lisboa (EPAL) é assinado amanhã, no Ministério do Trabalho, pelos representantes dos trabalhadores e do conselho de gerência.

O acordo, que o Sindicato dos Metalúrgicos considera «indubitavelmente uma vitória», estabelece um aumento global de 24,1 por cento, cabendo 22 por cento às tabelas salariais e o restante a regalias diversas, designadamente o subsídio de turno, anuidades e subsídio de condução.

As tabelas salariais são retroactivas a 16 de Agosto, e o limite das 30 anuidades (que impedia os trabalhadores mais antigos da empresa de aumentar o número de anuidades) foi extinto.

Segundo os representantes dos trabalhadores, a revisão deste ACT decorrerá dentro de nove meses, devendo a sua preparação iniciar-se imediatamente.

ALMADA



Dr.ª Adelaide Moreira Coutinho

FALECEU

Primos, Afilhados e Amigos cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade que foi Deus servido de chamar à sua Divina Presença a sua estremosa prima madrinha e amiga, e que o seu funeral se realiza hoje pelas 17 horas, saindo da capela do Hospital de Almada para o Cemitério local.

Agência Funerária Afonso
Gerência de Afonso Marques da Silva
2754982 - 2751555
- ALMADA

SABUGO

Francisco Ferreira Quartel

FALECEU

Mulher, Filhos, Nora e Netos agradecem às pessoas que o acompanharam à sua última morada.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA MODERNA

DESPORTO

Portugal beneficiado

Escócia bateu a Suécia

A Escócia venceu a Suécia por 2-0, resultado favorável às aspirações de Portugal de qualificação para a fase final do campeonato mundial de futebol, no próximo Verão, em Espanha. Joe Jordan inaugurou o marcador aos 20 minutos e John Robertson fez o 2-0, de grande penalidade, a nove minutos do termo do encontro.

A vitória dá à Escócia a presença virtual em Espanha, já que necessita apenas de um ponto nos jogos com a Irlanda do Norte e Portugal para conseguir a qualificação. O nosso País tem apenas um jogo fora (com Israel) enquanto recebe suecos e escoceses.

Sob arbitragem do suíço Andre Daina, as equipas alinharam: Escócia: Alan Rough; Danny McGrain, Frank Gray, John Wark e Alistair McLeish; Alan Hansen, Dave Provan e Kenny Dalglish (Andy Gray, 70); Joe Jordan, Asa Hartford e John Robertson.

Suécia: Thomas Ravelli; Ingemar Erlandsson, Glenn Hysen, Bosse Borgesson e Stig Fredriksson; Hasse Borg, Andreas Ravelli e Kalle Bjorklund; Thomas Larsson, Thomas Sjöberg e Jan Svensson.

Classificação do grupo após este jogo:

P	J	V	E	D	G
Escócia	6	4	2	0	8-2
Ir. do Norte	6	2	2	2	5-3
Suécia	7	2	2	3	5-7
Portugal	5	2	1	2	4-4
Israel	6	0	3	3	2-8



Glasgow: a Suécia ficou a zero

Inglaterra a K.O.

Os semiprofissionais noruegueses esmagaram surpreendentemente, em seis minutos, as esperanças da Inglaterra de se manter na corrida para a fase final do campeonato do mundo. Dois golos em meia dúzia de minutos, antes do intervalo, foram bastantes para derrotarem a poderosa e favorita selecção inglesa, que aos 15 minutos de jogo inaugurara o marcador, por intermédio de Bryan Robson. Esta foi a primeira vitória de sempre da Noruega sobre a Inglaterra, que anteriormente vencera os seus cinco confrontos com os noruegueses e com um «goal-average» de 24-2.

O golo de Robson pareceu o início da concretização da superioridade inglesa em campo, mas dois tentos muito oportunos de Albertsen (aos 35 minutos) e Thorsen (aos 41) deram à Noruega uma vitória histórica que, praticamente, vem terminar as esperanças de qualificação dos campeões mundiais de 1966. Desde 1962 que a Inglaterra não consegue o apuramento para a fase final do campeonato do mundo.

Com este resultado, Roménia e Hungria são as grandes favoritas no Grupo Quatro Europeu para se qualificarem para Espanha em 1982.

Sob arbitragem do polaco Jerzy Kacprzak, as equipas alinharam neste jogo em que pela primeira vez os noruegueses puderam contar com todos os seus profissionais a actuarem no estrangeiro:

Noruega: Antonsen; Berntsen, Hareide, Einar Aas e Gron-

dalen; Albertson, Giske e Thorsen; Jacobsen, Lund e Oakland (Trond Pedersen 86).

Inglaterra: Clemence; Neal, Mills, Thompson e Osman; Robson, Kevin Keegan e Trevor Francis; Paul Mariner (Peter Wythe, aos 75) Hoddle (Barnes, aos 65) e Terry McDermott.

Próximos jogos neste grupo — 23 de Setembro: Roménia-Hungria; 10 de Outubro: Roménia-Suécia; 14 de Outubro: Hungria-Suécia; 31 de Outubro: Hungria-Noruega; 11 de Novembro: Suécia-Roménia e 18 de Novembro: Inglaterra-Hungria.

Classificação do grupo:

	J	V	E	D	G	P
Inglaterra	7	3	1	3	12-8	7
Roménia	5	2	2	1	4-3	6
Noruega	7	2	2	3	7-11	6
Hungria	4	2	1	1	6-6	5
Suécia	5	1	2	2	7-8	4

Distúrbios

Cerca de três dezenas de ingleses foram detidos pela Polícia norueguesa, após o encontro. Os violentos distúrbios provocados pelos adeptos que acompanharam a selecção inglesa iniciaram-se ainda durante o jogo, nas bancadas, quando a Noruega igualou a uma bola. A Polícia interveio imediatamente, detendo mais de uma dezena de ingleses. Após o encontro, face à derrota da selecção inglesa, tudo foi pior. Embriagados e furiosos (segundo o relato da Associated Press) adeptos britânicos espa-



Oliveira dispara o 1-0: um alívio!



Alberto mostra que está «lá de pedra e cal»

Taça UEFA: Sporting, 4-Red Boys, 0

Negrume na noite

Palavrinha de honra: Se aquele simulacro de futebol exibido pelos mais-que-amadores luxemburgueses, ontem, na noite de Alvalade, fosse padrão para o jogo-rei, estavam bem arranjados as Pónys e as Adidas, que nunca mais vendiam um pobre e simples par de chuteiras. É que, amigos meus que, porventura não tenham contribuído para as quatro mil donas marias que entraram em Alvalade, aquilo foi mau de mais para não dar a sugestão de triste miragem. De atentado, puro e claro, à beleza de um espectáculo-desporto que domina todo o Mundo, mas, pelos vistos, só chegou ao Luxemburgo naquele fantástico dia em que Eusébio e a sua arte não chegaram para evitar o 2-4 com que foram brindados os nossos das quinas. Dai que, talvez recordando esse feito, os mocinhos que ontem desaguarão na Alameda das Linhas de Torres, tivessem feito, sempre e só, uma coisa que até o Arrentela, o Torre de Moncorvo ou os Pardais da Graça desprezariam: defender a todo o custo e de qualquer modo a caminhada até às suas redes.

Para que o menos prevenido dos nossos companheiros não seja apanhado a descoberto lembramos apenas isto: Meszaros fez quatro defesas em todo o jogo e o empregado comercial Valli (o rei sobre a relva) entrou em 22 situações de apuro. Os «Boys do Red's» consentiram 14 «pontapés de canto»: os verdes ficaram em branco. Justificado: as nossas simpáticas visitas fazem do futebol apenas o «hobby» de fim-de-semana, juntam-se no «Pub» lá do sítio, congemina a tática à quinta, correm atrás da bola ao pôr do sol de sábado e voltam para o trabalho às oito da manhã de 2.ª, que a vida não se ganha com chutos, lá por aquelas bandas. Basta ver o rótulo: Valli, Michaux e Lapeyre, são empregados comerciais, Kremer é polícia de

giro, Baldinucci é bancário (não confundir com banqueiro como alguns «colegas» destas bandas...) Schmit e Hottot são electricistas, Muller labuta na limpeza do lixo. Nierhausen é operário na construção civil «Trabalho com um mestre de pedreiro que é português; o Ferreira, de Arcos de Valdevez», Bianchini, cabeleireiro, esmera-se em «mises» e o carneiro Marcel Herin, para fazer o gosto ao dedo, teve de cometer aquela falta enorme que deu o golo de «penalty» apontado pelo nosso milionário do golo, o senhor Jordão.

Quer dizer: perante esta turma corporativo-exursionista, que bem poderia ser patrocinada pelo Inatel e jogar com a rapaziada dos Telefones ou do Metropolitano (mesmo assim levava que contar) chegou a pôr em brasa a multidão de sportinguistas que, esperando uma normal e fenomenal goleada tiveram de contentar-se em roer as unhas e ver o árbitro (escandalosamente, incredulamente) validar um golo em fora-de-jogo de Manuel Fernandes, talvez como compensação por não assinalar um castigo máximo sobre o escurinho do nosso ataque, ainda a procissão ia no adro.

A propósito desse tento, diga-se desde já que só um leigo é que poderia ter validado o tento do homem de Sarilhos: o «capitão» do Lumiar estava em nítido fora-de-jogo (o fiscal do lado da bancada tinha o seu estandarte bem erguido!) quando um colega chutou às malhas com toda a força e a bola, embatendo no pé esquerdo do 4 luxemburguês (o civico...) ressaltou para o recém-papá Fernandes, que se limitou a tentar a sorte, a ver se pegava. Sucedeu que toda a gente ficou atônita: o chamado «árbitro» desatou a mostrar o «icterícia» aos pobres cristãos protestantes que viam que o galego não funciona bem ou

desconhece a Lei XI e o que foi estuido pelo Internacional Board, na reunião de 7 de Junho de 1980, na Irlanda do Norte. Lá diz o livrinho, que o tira-teimas até para garoto de mama: «A remata à baliza. A bola é devolvida por C, mas B apanha-a e marca ponto. O golo não deve ser validado se, na opinião do árbitro, o jogador B, que se encontra em posição de fora-de-jogo no momento em que A remata à baliza, interfere no jogo».

Agarre o leitor na frase e coloque-lhe nomes: A foi o primeiro chutador do Sporting, C era o «sôr guarda», B foi Manuel Fernandes. Claro como água: só o juiz é que embarcou na leviandade, talvez porque (como bem salientou David Sequerra) «a cobardia do fiscal de linha em acabar por baixar o galhardete foi vergonhosa». Mais: «houve fora-de-jogo por acção e posição», conforme logo bem salientou o também colega Carlos Arsénio. Foi um disparate do tamanho do Zimbábue da Estrela: a gargalhada de noventa e nove por cento da bancada de Imprensa foi o melhor sublinhar de mais aquele deslante do sujeito apitador, que já se tinha notabilizado por correr da relva com o massagista dos «Redes» mas fingindo não ver que

o próprio treinador-visita foi mesmo ao centro do terreno e, chamando o 7 e o 9 (camarário e homem-conserta fuzíveis) deu instruções que até são interditas quando proferidas da lateral!

Claro que tudo isto vem a propósito de um jogo que não merece muito latim, porque pior que a defesa do Sporting (excepção para Meszaros e alguns momentos de Inácio e Barão) só esteve o salvador de turno, que foi assim uma espécie de intermédio cómico naquela desgraça pegada que é ver um Allisson grudado ao banco sem dar uma única-volta no «team». Ademar soldado à madeira e Nogueira corrido da vista só porque, se calhar, não deu as 20 voltas ao campo na 3.ª: ficou-se prá nas 19.

Restará dizer que, francamente bela e auspiciosa, é a presença, em crescendo de classe e valor, de um Freire a quem estendo a mão para uma palmatoada por deficiente juízo antigo e um Alberto que, sobre esta Bíblia, ainda vai ser homem dos grandes no futebol que quiser caminhar para Espanha. No restante, Deus que venha e lance a sua bênção sobre Alvalade.

NEVES DE SOUSA

Arbitragem (quase péssima...) do espanhol Armando Sanchez, auxiliado pelos seus compatriotas Ernesto Nunez e Ildefonso Azpitarte.

SPORTING: Meszaros; Barão, Zezinho, Eurico e Inácio; Virgílio; Freire e Oliveira; Manuel Fernandes, Jordão e Alberto. Suplentes: Fígado, José Eduardo, Ademar, Lito e Bastos.

RED BOYS: Valli; Kremer; Michaux; Bruger. Sarrias e Schmit; Baldinucci; Hollon, Muller e Lapeyre; Bianchini. Suplentes: Chevrement, Niessenhausen, Schmitz e Herin.

Aos 75 minutos, Niesenhausen substituiu Schmit. A 5 minutos do fim, saiu Muller e entrou Herin.

Punidos com cartões amarelos os luxemburgueses Holton, Kremer e Baldinucci. golos por Oliveira (31m). Manuel Fernandes (47), Oliveira (88) e Jordão, de grande penalidade (93).

Nos europeus em Split

Nadamos, nadamos e nada

A União Soviética conquistou três medalhas de ouro e a República Democrática Alemã duas, numa jornada em que foram batidos dois recordes nos europeus de natação, na cidade jugoslava de Split. Os recordes europeus pertenceram a Inês Diers (RDA) com 4.08,58 minutos nos 400 metros livres femininos, menos 18 centésimos de segundo que o seu anterior recorde, e a um quarteto soviético dos 4x100 metros livres, com 3.21,48 minutos, menos 21 centésimos de segundo que o anterior máximo europeu, que já pertencia a um quarteto da URSS.

O português João Santos bateu o recorde nacional de juniores dos 100 metros mariposa, com 59,36 segundos, tempo que lhe valeu o 28.º posto da geral entre 34 nadadores. O anterior máximo pertencia a Paulo Frischknecht, desde os Jogos Olímpicos de Moscovo.

Rui Abreu, na sua 2.ª participação nos campeonatos, alcançou o 25.º lugar, nos 200 metros livres, com 1.57,25 minutos, com o 6.º e último lugar na 1.ª eliminação.

Alexandra Silva alcançou o 22.º melhor tempo entre 25 concorrentes, nos 400 metros livres, com 4.33,92 minutos, 6.º lugar na 1.ª das cinco eliminatórias da prova.

Em termos competitivos, a prova do dia mais empolgante foi os 100 metros mariposa, masculinos, em que o soviético Alexei Markovski bateu o recordista olímpico sueco Per Arvidsson, com 54,39 segundos, marca que constitui novo recorde do seu país. Esta final foi marcada pela

desqualificação do alemão federal Michael Gross, por não ter tocado a linha de chegada com as duas mãos, como mandam os regulamentos. Com a desqualificação de Gross, que terminara na 3.ª posição, a medalha de bronze foi para o soviético Vadim Dombroski.

Prova emocionante foi também a final dos 200 metros livres masculinos, ganha pelo soviético Sergei Kopliakov, que obteve nas eliminatórias o pior tempo de qualificação para a final. O sueco Michael Soderlund comandou até aos últimos 50 metros, mas nos derradeiros oito metros o soviético acabou por se superiorizar por escassos 39 centésimos de segundo.

Esta manhã

Esta manhã Teresa Figueiras bateu o «record» nacional dos

100 metros costas com 1.08.80. A nadadora portuguesa obteve 21.ª posição entre as 23 nadadoras em competição, pelo que o seu recorde nacional não será suficiente para lhe assegurar a presença na final, que será disputada entre Cornélia Pol (RDA), 1.03.52; Ina Klebe (RDA), 1.03.58; Carmen Bunaciu (Rom), 1.03.99; Lorissa Gorchakova (URSS), 1.04.16; Jolanda de Rover (Hol), 1.04.30; Carine Verbauwen (Bel), 1.04.41; Monique Bosga (Hol), 1.04.44 e Manuela Carosi (Ita), 1.04.56.

Amanhã que virá?

Três portugueses competem amanhã nas eliminatórias de 200 mariposa e 200 estilos masculinos e femininos, na 5.ª e pe-

DESPORTO



Agostinho no «estaleiro»

Agostinho: um azar dos diabolos. Em treino, na subida de Cheleiros (Torres Vedras) sofreu um acidente de viação de que resultou fractura de uma clavícula. Inactividade prevista: duas semanas.

MICROSCÓPIO

Ténis por ca

O tenista português Pedro Cordeiro foi derrotado nos oitavos de final do «Primeiro Torneio Internacional Prince», em ténis, pelo espanhol Fernando Sier, por 6-2 e 6-0. Soler, cotado como o 17.º melhor tenista do seu país e n.º 436 do «ranking» mundial, não teve a menor dificuldade em impor-se ao adversário nacional nos dois «sets». O espanhol eliminara nos 16 avos-de-final o português Miguel Soares (campeão nacional) por 6-1 e 6-1.

Com este triunfo, Soler qualificou-se automaticamente para os quartos-de-final da competição.

César Correia versus Mário Lino: a corda partiu pelo treinador

Mário Lino (treinador do Boavista) foi castigado com dois meses de suspensão pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol. O castigo ao técnico axadrezado, que foi também punido com a multa de 5250 escudos, deve-se a «acumulação de faltas»: intromissão no jogo para contactar com os jogadores e injúrias à equipa de arbitragem.

Em relação à segunda falta, o treinador do Boavista interpelou no final do encontro o árbitro César Correia em «termos pouco correctos», segundo o relatório do árbitro farense que garante que Mário Lino, no final do encontro afirmou: «Tu é que inventaste a falta que deu o golo» e «tu é que lhes deste a vitória».

O Conselho de Disciplina puniu ainda com um jogo o espinhense Sousa com base no relatório do árbitro Lopes Martins (Lisboa) que dirigiu o encontro Amora-Espinho.

Rodrigues Dias fora de Setúbal

Inesperadamente, sem nada o fazer prever, a Vitória de Setúbal, comunicou a Rodrigues Dias que prescindia imediatamente dos seus serviços como técnico da equipa do Bonfim. O presi-

dente vitoriano Luís Nunes já na noite passada se reuniu numa casa de fados, com Peres Bandeira, que deve assumir hoje o comando dos sadinos que, no domingo recebem o Sporting.



Branco Amaral director-geral do Apoio Médico

O dr. Branco do Amaral, prestigiado responsável pelo Departamento Médico do Sporting, aceitou o convite para substituir o dr. Aníbal Costa no cargo de director-geral do Apoio Médico. O reconhecimento de um valor.

Europa procura Espanha

Continuação da pág. 17

Bélgica: Pfaff, Renquin, Luc Millecamps, Meeuws e Baëcke; Vercauteren, Czerniatynski e Van Moer (Marc Millecamps, 52); Vanderbergh, Coeck e Ceulemans.

França: Hiard; Janvion, Bosis, Mahut e Lopez; Moizan, (Stopyra 60) Zimako e Giresse; Larios, Platini e Six.

Dupla esperança

Por seu lado, Holanda e Irlanda adiaram as expectativas de qualificação ao empatarem (2-2) em Roterdão. Ambas as equipas necessitavam de uma vitória sobretudo a Holanda, após a sua derrota (por 2-1) em Dublin há um ano. O treinador Kees Rijvers, que substitui Jan Zwartkruis após a derrota na República da Irlanda, apenas fez alinhar quatro dos jogadores que actuaram em Dublin, enquanto seis irlandeses eram os mesmos de há um ano atrás.

A Holanda entrou a comandar

o jogo, marcando, aos 11 minutos, por Thijssen. A Irlanda mal reagiu, mas (aos 40 minutos) Robinson conseguiu igualar, apesar do domínio holandês.

Aos 65 minutos, o avançado Rep foi derrubado na grande área irlandesa e Muhren, na marcação da grande penalidade, colocou a Holanda em vantagem, (2-1). Um contra-ataque finalizado por Frank Stapleton deu (71 minutos) o empate para a República da Irlanda.

Com arbitragem do checoslovaco Vojtech Christov, as equipas alinharam:

Holanda: Schrijvers; Van Der Korput, Brandts, Wijnstekers e Krol; Thijssen, La-Ling (Rene Van Der Kerkhof, 59) e Van Kooten; Geels (Peters 46), Muhren e Rep.

República da Irlanda: McDonagh; Langan, Devine, Lawrenson e O'Leary; Brady, Martin (Whelan 74) e Grealish; Heighway (Gerry Ryan), Stapleton e Robinson.

Classificação do grupo

	J	V	E	D	G	P
Bélgica	7	5	1	1	12	6
Rep. Irlanda	7	3	2	2	14	9
Holanda	6	3	1	2	8	5
França	5	3	0	2	12	5
Chipre	7	0	0	7	4	25

Dinamarca fica em casa

A Jugoslávia venceu a Dinamarca, por 2-1, em encontro do grupo cinco, acabando com as esperanças dinamarquesas quanto ao apuramento para a fase final. A vitória foi traduzida com golos de Zlatko Vujovic e Vladimir Petrovic.

A Jugoslávia ainda tem de receber a Itália e de deslocar-se ao Luxemburgo e à Grécia, enquanto que a selecção transalpina, para além da deslocação à Jugoslávia, tem como adversários a Grécia e o Luxemburgo.

As equipas alinharam ontem assim:

Dinamarca: Quist; Rasmussen, Madsen, Roentved e Ziegler; Lerby, Bertelsen e Arnesen; Simonsen, Bastruo e Elkjaer.

Jugoslávia: Pantelic; Krmpotic, Hrstic, Sajec e Stojkovic; Gudelj, Vujovic e Petrovic; Halilhodzic, Svjivo e Surjak.

Classificação do grupo:

	J	V	E	D	G	P
Jugoslávia	5	4	0	1	14	5
Itália	5	4	0	1	9	3
Dinamarca	7	3	0	4	11	9
Grécia	5	3	0	2	6	7
Luxemburgo	6	0	0	6	1	17

Sem adiantar

A Islândia obteve uma vitória de 2-0 sobre a Turquia, contudo, os dois conjuntos não têm hipóteses de apuramento para a fase final.

As equipas: Islândia: Baldursson, Hall-

dorsson, Oskarsson, Ormslev, Geirsson, Jonsson, Larusson e Edvaldsson; Petursson, Gudmundsson e Bergs.

Turquia: Duran; Kayador, Poyraz, Baelegetay e Teraem; Verel, Eren e Ozden; Yorulmaz, Guray e Tufekci.

Golos: Larus Gudmundsson e Atli Edvaldsson.

País de Gales: fracasso em Praga

A Checoslováquia manteve a sua invencibilidade em Praga, ao derrotar o País de Gales, por 2-0, em jogo do grupo três. O País de Gales, que desde 1958 não consegue o apuramento para a fase final, sofreu os primeiros golos nesta fase de qualificação para Espanha. Bron Stecenson teve a infelicidade de introduzir a bola na própria baliza (aos 26 minutos) e Licka (69) elevou a contagem para 2-0, fixando o resultado final.

As equipas:

Checoslováquia: Seman; Bircovsky, Vorjacek, Radimec e Barmos; Kozak, Berger Jurkemik; Panenka, Vizek e Nehoda. País de Gales: Davies; Stevenson, Jones, Phillips e Ratcliffe; Flynn, Nicholas e Thomas; L. James, Harris e Curtis.

Classificação do grupo:

	J	V	E	D	G	P
País de Gales	6	4	1	1	10	2
Checoslováquia	5	4	0	1	13	8
URSS	3	2	1	0	7	1
Islândia	6	2	0	4	7	18
Turquia	6	0	0	6	1	15

Particular

A Bulgária derrotou a Roménia, por 2-1, num encontro particular disputado em Bucareste.

Natação em Split

Continuação da pág. 17

última jornada dos europeus. João Santos participa na 2.ª das quatro eliminatórias da prova de mariposa e Teresa Figueiras e Rui Abreu estão inscritos nas 3.ª e 4.ª eliminatórias do duplo hectómetro estilos.

Detentor do recorde português com 2.09,51 (desde Agosto) Santos, 17 anos, nada na pista um ao lado do espanhol Eduardo Planas (2.06,25) com o objectivo de fechar com chave de ouro a sua participação nos europeus. Depois de ter batido ontem o recorde júnior dos cem mariposa, tem hipóteses de estabelecer novo máximo na eliminatória, na qual defronta ainda Adam Rzeckowski, Polónia (pista três), Gerald Schlupp, RFA (quatro), Marco Tornatore, Itália (cinco), Xavier Savin, França (seis) e Augustin Salas, Espanha (sete). As suas hipóteses de atingir uma das finais são reduzidas, pois dispõe do 28.º tempo entre 29 concorrentes, deixando atrás de si apenas o austríaco Kurt Dittich (2.09,54). O principal candidato à medalha de ouro é o recordista da Europa e medalha de ouro nos Jogos de Moscovo, o famoso Sergey Fesenko, que participa na 4.ª e última eliminatória.

Potencial «candidata» ao último lugar nos 200 estilos, Teresa Figueiras só muito dificilmente poderá ceder este posto a outra concorrente, pois apresenta o pior tempo de inscrição (2.30,60) a cerca de cinco segundos da adversária mais próxima, a italiana Bárbara Marangoni (2.25,95). A recordista portuguesa da especialidade alinha

na pista oito da 3.ª e última eliminatória, cuja prova agrupa 22 nadadoras. A eliminatória conta ainda com a presença da sueca Ann Roos (pista um), da norueguesa Katrine Bomstad (dois), a britânica Maria Scott (três) da recordista mundial alemã oriental Ute Gewwniger (quatro), da polaca Grazyna Dzoedzic (cinco) e da húngara Klara Gulyas (seis).

Rui Abreu irá nadar também numa eliminatória muito forte (a 4.ª) na qual participa um dos favoritos a detentor da 3.ª marca europeia do ano: o soviético Sergey Fesenko, com 2.06,34.

Melhores que Fesenko (em 1981) apenas o seu compatriota é recordista europeu Aleksandr Sidorenko (2.03,65) e um espanhol residente nos Estados Unidos chamado David Lopez Zubero (2.06,25). Abreu nada ao lado do búlgaro Petar Kotchanov

Ciclismo luso procura futuro

António Alves é o português melhor situado na classificação geral da «Volta à França do Futuro», após a 1.ª etapa disputada ontem. Alves ocupa o 44.º lugar, a 40 segundos do «camisola amarela», o francês Poisson, que tem o tempo de 4.26,45.

Classificação dos restantes ciclistas portugueses: 59.º, Bernardo Sousa (4.29,31); 78.º, Herculano Silva (4.42,17); 80.º, Jacinto Paulinho (4.48,35); 82.º, António Fernandes (4.52,37); 86.º, Joaquim Fonseca (4.52,31). Estão em prova 91 corredores.

Classificação dos dez primeiros: 1.º, Poisson, 4.26,45; 2.º, Bonnte, 4.26,45; 3.º, Ferebauer, 4.26, 50; 4.º, Madiot, 4.26,54; 5.º, Vedernikov, 4.26,55; 6.º, Roche, 4.26,56; 7.º, Martinez, mesmo tempo; 8.º, Gavillet, mt; 9.º, Skoda, 4.26,58; 10.º, Guyot, 4.26,59.

Rosa Mota melhora máximo

Rosa Mota melhorou o seu próprio recorde nacional dos 5000 metros com 16.05,8 minutos, num torneio de atletismo disputado em Vigo (Espanha). Rosa Mota (do Centro de Atletismo do Porto) bateu a espanhola Pilar Fernandez que com 16.08,2 minutos, bateu igualmente o recorde do seu país. O anterior máximo português era de 16.22,8 minutos (fixado este ano e o anterior melhor espanhol pertencia a Iciar Martinez com 16.30,0 minutos, desde o ano passado).

Recorde europeu

Hans Joerg Kunze (RDA) melhorou o recorde europeu dos 5000 metros no «meeting» internacional de atletismo de Rieti (Itália).

Kunze cobriu a distância em 13.10,43 minutos, derrubando o antigo máximo de 13.13,00 do belga Emiel Puttemans, desde 1972.

Kunze foi 2.º na final da mesma prova da Terceira Taça do Mundo», disputada no domingo em Roma.

No «meeting» de Rieti o norte-americano de descendência sul-africana Sydney Mattee, venceu o inglês Steve Ovett, na milha, conseguindo o 4.º melhor tempo de sempre.

TOTOBOLA

AVISO

CONCURSO N.º 4 (13.9.81)

Por terem sido adiados os jogos do Campeonato de Espanha, REAL MADRID-ATLÉTICO MADRID, OSSASSUNA-HÉRCULES, AT. BILBAU-SEVILHA, BÉTIS-R. SOCIEDADE, CÁDIS-SANTANDER, que fazem parte dos bilhetes do concurso n.º 4, os resultados válidos serão obtidos por sorteio, nos termos dos Art.ºs 12.º — n.º 5 e 14.º do Regulamento Geral dos Concursos do Totobola.

As bolas a introduzir na esfera estão marcadas com os símbolos «1» «X» e «2» em número proporcional aos prognósticos emitidos pelos órgãos de informação, da seguinte forma:

JOGOS	«1»	«X»	«2»
9	10	2	1
10	6	5	1
11	9	2	1
12	6	4	2
13	7	4	1

O sorteio é público e realiza-se no domingo, dia 13, pelas 16.30, na Sala do Escrutínio do Totobola.

Lisboa, 9 de Setembro de 1981

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Evocação da Praça Deserta

Praça de touros de Alcácer do Sal, sábado, 5 de Setembro de 1981. Corrida de homenagem a João Branco Núncio. Touros de David Ribeiro Telles para Gaston Santos, José João Zoio, Emídio Pinto, Manuel Jorge de Oliveira, João Moura, João Palha Ribeiro Telles e forçados amadores de Santarém, de Montemor e de Lisboa.

João Branco Núncio é o maior toureiro português do meu conhecimento. Do meu, e do conhecimento de toda a gente que na matéria veja dois palmas adiante do nariz. Para se ter da estética do Toureiro a sensibilidade, e da sua técnica e ciência a intuição, ou seja, por outras palavras, para saber o que é tourear, bastava ver na arena o senhor Núncio. Tourear era isso que ele fazia, feito como ele fazia, como mais ninguém fazia. E pronto.

Desde que apareceu em Évora, ainda menino, montando o duvidoso «Teodoro», Núncio definiu-se como caso à parte que ia ser na história do toureiro: sessenta anos lá no cimo, sem deixar que ninguém lhe chegasse aos calcanhares. Vinham modas, novidades, promessas. Chegavam, partiam, e o Califa impávido, assistindo ao correr das gerações de toureiros; em Espanha o bravo Cañero, e depois o fino Domecq, por fim até os velozes Peraltas; e cá dentro a legião dos marialvas, alguns julgando que descobriam a pólvora, os melhores tentando competências, como essa do excelente Simão da Veiga, méritos ninguém os tira ao saudoso Simãozinho, mas era como eu escrevia há trinta anos, uma competência imaginária. Porque na verdade a competência com João Núncio, além de que não podia ser, era impossível —

tinham de forjá-la para que através dela fosse possível combater o maestro, o Califa. Ponto final, parágrafo à parte, cada coisa em seu sítio.

João Núncio teve no sábado, em Alcácer, uma corrida em sua homenagem. Uma corrida que, apesar de transmitida pela televisão, chamou à praça uma grande entrada — e que foi digna do toureiro grande que a tarde lembrava. Festejo animado, entretido, breve, com uns toques de classe no lugar da emoção que os brandos novilhos de David Telles não podiam proporcionar, foram aderindo aos alardes dos forçados e ao propósito a que a tarde obrigava os cavaleiros, dentro da bagagem de seus méritos: o generoso Gaston, que o coração fez voar do México, para luzir em Alcácer o bordado precioso de sua casaca, nela vestido se defender do desconhecimento dos cavalos e dos anos que começam a levar-lhe os ardores da juventude; a alegre frescura com que João Palha, lidador do segundo porque à noite toureava em Estremoz, prendeu o touro no fio invisível duma lide inteligente, que do adorno dos remates fazia rastilho para o aplauso; os altos e baixos do comovido tourear de Zoio, e o detalhe de fazê-lo em duas montadas com o ferro do seu padrinho de alternativa, tomada nessa tarde que o Califa iria fazer histórica, não porque

comemorava meio século da sua, mas porque, 72 anos feitos, toureava assim, daquela forma inimitável; a garra que Manuel Jorge de Oliveira, colhendo a dura lição do Campo Pequeno, não deixou que se transformasse em despropósito, conteve-se até no alarde depois de rematar, por dentro, aquele curto final, obrigando o touro a abrir o mínimo para que não fosse impossível a saída; a seriedade com que Emídio Pinto se reencontrou com a senda dum triunfo que oxalá não deixe esmorecer outra vez; e o final em beleza, a apoteose do Moura, do prodígio que Mestre Núncio adivinhava naquele menino, vendo-o tourear em Mogadouro, numa arena improvisada em terras de Trás-os-Montes, sentindo que ali havia um toureiro, artista de circo lhe chamam agora os seus detractores, como se o circo não fosse o espectáculo do sonho que, para se fazer realidade, à inspiração obriga a juntar muita transpiração.

Assim, terminada a corrida em apoteose, no geral aplausos se encheu a arena dos toureiros, dos forçados, dos promotores da homenagem, doutros que na hora apareciam lembrados. Tanta gente, na arena de Alcácer, e tão deserta estava naquela manhã de Outubro, vinha o sol de nascer, devagar se ia o céu pintado de azul.

João Núncio, nesse ano de 1971, não vestira a casaca, deixara os cavalos a seu filho José, promessa de luminoso prolongar do apelido. Mas acontecera que dias antes, na corrida da feira da terra, pai João se incon-

formara com o papel de bode expiatório dos touros da sua divisa: mansos sim senhor, mas teria sido possível convencê-los a investir, tourear. Ora não bastava o convencimento, era preciso demonstrá-lo, ali, na mesma arena, para que não ficassem dúvidas.

Tal como Manolete não era na praça o menino de Dona Angustias, sua mãe, e de todos se fazia majestade, também Núncio não era na arena o pai protector da família, nela se tornava quando era preciso em dedo acusador, e sempre em competidor implacável, que a ninguém dava tréguas. Por isso estava o Califa, naquela insólita alvorada, diante dum touro negro, irmão dos tais da corrida da feira, igual no tipo, na fachada, na idade, decerto no temperamento. Montava o «Ferrolo». E sem aplausos, sem vozes, sem música, João Núncio pôs-se a tourear. Poucados no touro esses olhos vivos que na arena tinham o dom da radiografia, de ver por dentro o inimigo, de lhe adivinhar o instinto para outros indecifrável, foi intuindo o segredo de fazer andar o manso, de lhe encontrar o sítio, a distância donde sentisse que valia a pena arriscar a bravura que apesar de tudo tinha no sangue. Era como o erguer dum monumento, em cujo pé se fosse escrevendo a resposta àquela pergunta de Corrochano: «O que é tourear?».

Dizem que ainda não está feita a estátua. Deve haver equívoco. Porque eu vi-a, entre tanta gente, na praça de Alcácer que minha lembrança queria fazer deserta. Lá estava ela, no meio da arena, um touro negro, e João Núncio montado num cavalo branco, envolto na bruma daquele amanhecer.

Sob a presidência de François Truffaut

Federação Internacional de Cineclubes em Lisboa

Representantes da cinematografia de 50 países reúnem-se em Outubro em Lisboa, no âmbito da Assembleia Geral da Federação Internacional de Cineclubes, presidida pelo realizador François Truffaut, foi ontem anunciado.

A Federação Portuguesa de Cineclubes afirmou ontem em conferência de imprensa, que é a primeira vez que este encontro se realizará em Portugal.

Filipe Pereira, da comissão organizadora, disse que a escola de Lisboa para a realização do encontro se deve ao facto de a Federação Portuguesa ser a mais jovem daquele organismo internacional.

Esta opção representa «uma homenagem da maioria dos membros da Federação ao trabalho do movimento cineclubista português e à falta de apoio que

tem recebido por parte do Estado», afirmou.

A comissão organizadora queixou-se fundamentalmente de que a câmara Municipal de Lisboa e o FAOJ-Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis — lhes negou apoio, alegando dificuldades de orçamento.

Paralelamente à assembleia vai também decorrer uma mostra do cinema português, desde o início dos filmes sonoros.

Para além disso está previsto o primeiro encontro de cineclubes dos países de expressão portuguesa e ainda exposições de cartazes cinematográficos e de bibliografia do movimento cineclubista do nosso país.

A Federação Portuguesa e Cineclubes foi criada em 1977 e conta hoje com cerca de 30 membros, alguns das regiões autónomas.

Uma rectificação da APD

Quem apoia os filmes de Grangeio Crespo

Na reportagem que publicámos na nossa edição do passado dia 13, da autoria do nosso camarada de Redacção, Manuel Geraldo e sob o título «Grangeio Crespo prepara filmes sobre deficientes» escrevemos já existirem neste momento, em relação ao projecto da APD «respostas positivas do Ministério dos Assuntos Sociais e da Secretaria de Estado da Cultura (SEC), faltando (e aí é que a APD torce a «manivela») a intenção aberta do

Ministério dos Negócios Estrangeiros em dar «luz verde» à Unesco, entidade que, pela sua dimensão e perspectivas, poderia financiar e promover os filmes».

Acontece que, em carta chegada à nossa Redacção, assinada por Manuel Crespo, da Secção de Cinema, a APD (Associação Portuguesa de Deficientes) apresenta uma panorâmica diferente da situação, ao afirmar: «Do Ministério dos As-

suntos Sociais ainda não obtivemos a mínima resposta ao nosso ofício enviado em 25 de Março deste ano. Da Secretaria de Estado da Cultura temos a registar uma reacção positiva que não teve ainda qualquer concretização definitiva. Finalmente do Ministério dos Negócios Estrangeiros (através da Comissão Nacional para a Unesco) não temos senão atenções a registar: o nosso processo foi acolhido com o maior

favor, devendo-se a demora ao facto de Portugal ter estado tantos meses sem embaixador na Unesco. Daí o termos iniciado os contactos directamente com as instâncias internacionais daquela organização.»

Aqui deixamos, portanto, a posição da APD sobre o problema dos apoios (ou não apoios), a nível oficial, ao projecto de Manuel Grangeio Crespo.

MARIE FORSA
HARRY REEMS

As Loucas do Prazer

AMANHÃ ESTREIA

CINECLUBS

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 4, DE 13 SETEMBRO 81

Defesa de Espinho x1x 111 111 112x; A Ordem 2xx 111 111 x112; O Norte Desportivo 21x 111 111 x1x; Ritmo e Amizade 22x 111 111 111x; Diário do Porto 2x2 111 11x 1111; Clube do Ar 212 111 111 1111; Diário de Coimbra 21x 111 111 11x1; O Mensageiro 22x 111 1xx x111; Ecos de Cacia 2xx 111 111 1x11; Notícias de Felgueiras 2x2 111 111 x1x1; A Voz das Beiras 212 xx1 111 112; Correio de Coimbra 211 111 111 1111; Notícias de Gouveia xx2 111 1x1 1111; Gazeta das Caldas x1x 111 111 x111; Estrela da Manhã 21x x11 111

11xx; Notícias de Évora 21x 111 11x 11x1; Diário de Lisboa xxx 111 111 1xxx; Linhas de Elvas 2x2 1x1 111 x121; Diário Desportivo 2xx 111 x11 x1x1; A Voz do Domingo 2xx 111 111 x11x; A Voz do Domingo — Palpitações 2xx 111 111 11x1; Rádio Totobola 2x2 1x1 111 11x1; Litoral 222 111 111 x1xx; Jornal de Santo Tirso 212 111 111 1121; Correio do Vouga 22x 111 111 111x; S. Desp. 2x2 111 111 11xx; Grafonola Ideal 2xx 1x1 111 x22x; Alvo Desportivo 2xx 111 1xx 212x; O Comércio de Leixões 212 1x1 111 x211; O Comércio do

Porto 211 111 111 1121; Estúdio 64 21x 111 111 11x1; Jornal da Graça 222 111 111 11x1; Jornal de Notícias 21x 111 11x x111; Manchete Desportiva 2x2 111 111 11x1; Penalti 211 111 111 1112; O Primeiro de Janeiro 2xx 111 111 x111; Quadrante Norte 2xx 111 111 1xx1; Rádio Alvo x22 1x1 x1x 2112; Rádio Placard xx2 1xx x1x xx1x; Repórter do Dia 212 111 111 x1x1; Resenha Desportiva 212 111 111 x11x; A Voz dos Ridículos 2xx 111 x11 1111; O Porto 2x1 111 111 1x2x; A Voz do Ave 21x x11 111 x11x.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2 (a)
1. AC. VISEU - PORTO	0	6	38	1	2	10
2. BRAGA - BELENENSES	18	20	6	5	5	2
3. SETÚBAL - SPQRTING	4	23	17	1	8	5
4. PENAFIEL - RIO AVE	41	3	0	11	1	1
5. ESPINHO - ESTORIL	37	7	0	10	2	1
6. BOAVISTA - AMORA	43	1	0	11	1	1
7. BENFICA - GUIMARÃES	39	5	0	11	1	1
8. PORTIMONENSE - U. LEIRIA	41	3	0	11	1	1
9. REAL MADRID - AT. MADRID	37	7	0	10	2	1
10. OSSASSUNA - HÉRCULES	24	18	2	6	5	1
11. AT. BILBAU - SEVILHA	36	6	2	9	2	1
12. BÉTIS - R. SOCIÉDADE	22	15	7	6	4	2
13. CÁDIZ - SANTANDER	25	15	4	7	4	1

a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera de sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será:

2XX 111 111 1111

Começa hoje e termina a 20

'Cinema Novo' português em força no X Festival da Figueira

O Décimo Festival Internacional da Figueira da Foz começa hoje com o filme «Quarentena», do realizador húngaro István Gaál. No primeiro dia do festival, que decorrerá até dia 20, será também exibido, pela primeira vez em Portugal, a última película de Ingmar Bergman, «Da Vida das Marionetas».

O festival da Figueira, que atrai anualmente numerosos críticos e cinéfilos de diversos países, apresenta este ano um programa bastante diferenciado. Além dos filmes concorrentes ao grande prémio — entre os quais os portugueses «Silvestre» e «Guerras de Mirandum» — o certame inclui uma retrospectiva do cinema austríaco dos últimos dez anos e um ciclo dedicado ao cinema húngaro contemporâneo.

A presença mais forte será, porém, a do cinema português, em particular do chamado «cinema novo» iniciado em 1961 com o «Don Roberto» de Ernesto de Sousa.

A passagem dos 50 anos de actividade cinematográfica de Manoel de Oliveira, considerado por muitos críticos europeus como um dos maiores cineastas vivos, ocupará igualmente um lugar de destaque na programação do festival.

Como foram os outros festivais

O Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (FICFF) começou em 1972 com o nome de semana e sob impulso de uma comissão executiva já então emergente do Centro de Estudos e Animação Cultural (CEAC).

A CEAC é uma associação «sem fins lucrativos que visa essencialmente uma acção educativa e cultural» fundada em 1964 por José Vieira Marques, hoje ainda o seu principal dinamizador.

Em 1974 divergências conduziram ao agrupamento de nova comissão executiva e o certame torna-se competitivo e toma o nome de Festival.

O seu regulamento determina como objectivos principais «promover a divulgação do cinema que pretenda algo mais do que o máximo rendimento do capital investido», por um lado, e «proporcionar ao público através do adequado enquadramento cultural, condições de recepção que substituam a passividade tradicional do espectador pela motivação e desenvolvimento do seu espírito crítico».

Nos termos do regulamento do FICFF «a selecção incidirá, quanto possível, sobre filmes do jovem cinema mundial» e o cinema português tem na sua programação «lugar de relevo».

Os filmes inscritos a concurso não podem ter sido estreados no circuito comercial português nem em outros festivais portu-

gueses antes do FICFF.

A primeira edição do FICFF traz à Figueira o novo cinema alemão através de películas de Scholondorff, Fassbinder, Herzog e Straub — cineastas que os anos posteriores colocariam na vanguarda da cinematografia europeia.

1973 e 1974 deram particular relevo à produção espanhola: Jaime D'Arminan, António Gimenez Rico, Carlos Saura, Victor Erice e José Luis Borau.

1974 foi também o ano do novo cinema suíço, com trabalhos de Alain Tanner, Daniel Schmid e Thomas Koerfer.

A edição seguinte distingue pela primeira vez um filme português — placa de prata para «Brandos Costumes» de Seixas Santos — e regista a presença de um dos principais realizadores do cinema «underground» norte-americano, Robert Kramer.

Em 1976 os cineastas independentes dos Estados Unidos comparecem em grupo: Barbara Margolis, Afonso Beato, Mark Rappaport e de novo Kramer. É também a edição que recebe a primeira presença maciça da cinematografia portuguesa, que aliás no ano seguinte, 1977, produz o filme que virá a ganhar o grande prémio do festival: «A Confederação», de Luís Galvão Teles.

1977 inaugura a secção imagens e documentos e consolida a de antestreias alargando o número de países e obras partici-

pantes.

1978 fica assinalado pela presença polémica da romancista e cineasta de língua francesa Marguerite Duras e revela o trabalho de Raul Ruiz, Villi Herman e Basilio Martyn Patino.

A edição seguinte introduz filmografia especialmente dedicada a crianças e 1980 é o ano da confirmação do FICFF: estabiliza as diferentes secções, relança o cinema português nos mercados interno e externo, regista a participação de películas, realizadores, críticos e jornalistas de 27 países e ganha direito a figurar entre os seus parceiros de Mannheim, Roterdão, Cannes, Berlim, Cracóvia, Leipzig, Locarno, Veneza, S. Sebastião e Moscovo, embora não seja ainda considerado pela Federação Internacional de Festivais como um certame de letra A.

Esta categoria abrange apenas, na Europa, quatro festivais: Cannes, Veneza, Berlim e Moscovo.

Em 1980 a Câmara Municipal da Figueira da Foz reconhece a importância cultural do FICFF e atribui ao seu secretariado a medalha de mérito de ouro da cidade.

As principais distinções

O carácter alternativo do FICFF ao Circuito de exibição comercial no país pode ser avaliado pela revelação de películas como «Esta Noite ou Nunca», de Daniel Schmid, grande prémio

de 1974.

«Milestones», de Robert Kramer e John Douglas, norte-americanos, e o «Inimigo Principal», do boliviano Jorge Sanjines, distinguidos ex-aequo com o grande prémio de 1975.

«A viagem dos artistas», de Theodore Angelopoulos, grego, e «Colheita dos 3000 Anos», de Hailé Gerima, etíope, ambos grandes prémios de 1976, em ex-aequo.

«A Última Ceia», de Thomas Gutierrez Alea, cubano, grande prémio de 1978.

Em 1979 a principal distinção foi — ex-aequo — para o «Casamento de Maria Braun», de Rainer Werner Fassbinder, alemão-Federal, e «Luzes do Norte», dos norte-americanos John Hanson e Rob Nilsson.

1980 atribui pela segunda vez o grande prémio a uma película portuguesa, «Cerro maior», de Luís Rocha.

O FICFF tem sido ocasião e local para reuniões e colóquios de organizações internacionais:

Em 1977 o Secretariado da Federação Internacional de Cine-Clubes teve ali o seu encontro anual de trabalho e na edição seguinte é a Federação Internacional da Imprensa Cinematográfica que organiza na Figueira o seu colóquio referente ao ano de 1980, subordinado à apreciação da cinema português e que junta 25 jornalistas e críticos de quinze países estrangeiros.

No FICFF de 1979 a Comis-

são Internacional para a Difusão das Artes e das Letras pelo Cinema — organismo filiado na UNESCO — traz à Figueira a comissão executiva e determina a atribuição anual de um dos seus onze prémios a um dos filmes em competição no festival.

Mediante inscrição prévia e o pagamento de uma quantia que em 1981 é de dois mil e duzentos escudos para pessoas até 25 anos e de dois mil e setecentos para as restantes, o FICFF admite a categoria especial de «participantes», aos quais facilita o acesso a todas as actividades do certame e proporciona documentação, alojamento e documentação.

Em 1980 ascendeu a 240 o número desses inscritos.

O júri do FICFF é constituído por um máximo de trinta pessoas: Até dez em representação do público, dez ligados a associações culturais e igual número de trabalhadores do filme, da crítica de cinema e animadores culturais das sessões do festival.

A comissão executiva pode por sua iniciativa convidar o máximo de seis elementos a integrar o total de trinta.

A nenhum membro é permitido pertencer ao júri mais de três anos seguidos e a decisão de cada um deles tem carácter independente e pessoal.

Para o apuramento dos filmes candidatos aos prémios cada membro tem direito a um voto, secreto, segundo a pontuação de zero a dez.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Um Filme Doce” de Dusan Makavejev

FICHA:

Título original: Sweet movie.

Realização: Dusan Makavejev (França-Canadá-RFA-1974)

Fotografia: Pierre Lhomme.

Música: Manos Hadjidakis.

Cenários: Christian Lamarque (França), Jocelyn Joly (Canadá), Joe K. (Holanda).

Montagem: Yann Dedet

Interpretação: Carole Laure (miss Mundo), Pierre Clementi (Lev Bakunine), Anna Prucnal (Anna Planeta), John Vernou (Mr. Kapital), Jane Mallet (Mrs. Alpana), Sami Frey (El Macho), Roy Callender (Mr. Múscolo), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Ocidente.

Cinema: Estúdio.

Classificação etária: Interdito a menores de 18 anos.

Duração: 99 minutos.

Há no cinema, na sua mais atrevida face, um pendor raivoso

e destrutivo, delirante, onde o imaginário subverte e submerge o espectador nas suas raízes morais, no seu ideário político, no seu senso comum. Esse cinema é irreverente e cáustico, fantástico e belo, impolante e arrebatador.

Dusan Makavejev, jogoslavo emigrado a Ocidente, é um cineasta que tem demonstrado possuir um certo controlo da matéria fílmica. É assim que as suas obras serão tudo o que quisermos menos mediocres. Mediocres não é, também, «Um filme doce», espécie de provocação, algo feroz, algo gratuita, algo lúcida, do reino das ideologias e dos seus ícones e valores.

O nihilismo arrasador tem o seu fascínio. Possui aquela dose de vertigem, de «maelstrom», de impeto suicida que mora em cada um de nós. É como uma febre, uma veemência.

Difícil, porém, é esse mergulho no vácuo, essa política de terra queimada, essa negação profunda que significa o zero absoluto ou a redenção. Tanto mais difícil quanto, como em «Um filme doce», o objecto da sanha destruidora é a ideologia, qualquer ideologia. Porque corroer as ideologias é, em si, uma pantanosa posição ideológica. Que se não reduz a esse zero absoluto que à primeira vista evoca.

Claro que «Um filme doce» vagueia pelo universo cultural da velha Europa. E nele bebe muita da sua força, uma religiosidade panteísta que se tingiu de Wilhelm Reich e o leva às suas últimas consequências. Mas o seu ponto de apoio, e desmantelamento de um universo mitológico, com acentuado pendor para o do marxismo, se é acinuosamente lúcido tem, também, algo de altaneiramente cabotino. Sobre tudo num tempo descrente quer de profetas, quer de inquisidores, quer de santos, quer de anticristos.

Já se sabe que toda a mitologia é passível de riso. Hoje os discursos de Marat serão,



Carole Laure em «Um filme doce»

quando muito, um produto inocente, dentro de 200 anos é bem possível que Lenine não passe de uma figura um pouco quixotesca, um pouco risível, na problemática que abordou, na luta que empreendeu que, então, es-

tará tão apagada na memória quotidiana que pouco restará para lá dos compêndios. Makavejev terá, assim, alguma lucidez em termos de História, o que não evita que seja profundamente reaccionário em termos de pre-

sente. Se ser marxista é saber que tudo passa, é saber, também, que tudo tem um tempo para passar. É que se desmantelarmos os hinos revolucionários, o élan mitológico do Pontemkine ou da Revolução, resta, hoje, a ideologia dominante. Hoje, essa mitologia ainda faz do arsenal de combate, no caminho da libertação. Porque a realidade concreta a luta de classes não deixa lugar a muitas vias, e ainda menos a posições neutras, que, de resto, já se sabe não haver.

Makavejev está marcado pela dura época do estalinismo. O seu caminho para a direita, ele que se reclama como marxista, tem origem numa reacção contra essa experiência amarga. Mas a Revolução não é (não foi, no sentido estrito ou simbólico da História) um barco carregado de açúcar para esconder a perversão e o medo.

Makavejev, incontinente, acaba por vaguear em pleno território de uma direita cavernícola, num antimarxismo, afinal, simplista, sob a capa gongórica de um discurso desmedido. Como um vômito.

Em ALJUSTREL o **Diário de Lisboa** vende-se no CAFÉ ALIANÇA

EDITAL

Fernando Teixeira Pereira, Presidente da Junta de Freguesia da Damaia, faz público de que até ao dia 18 do corrente mês e ano, inclusivé, se encontra aberta a inscrição para o concurso público a realizar com vista à admissão de 1 Fiel de Mercados de 2.ª classe a que corresponde o vencimento de 13 400\$00 — letra Q — acrescido de 1200\$00 de subsídio de refeição.

Damaia, 9 de Setembro de 1981

O Presidente
Fernando Teixeira
Pereira

ADÓQUE

TEL. 874476

DE TERÇA A QUINTA
AS 21.30 H.
SEXTAS E SÁBADOS
AS 20.30 E 23 H.
DOMINGOS
AS 16 E 21.30 H.
FOLGA À SEGUNDA-FEIRA

5.º MÊS!

ÊXITO!



PELA PRIMEIRA VEZ NO ADÓQUE

UMA DAS MAIORES VEJETAS DO TEATRO LIGEIRO

DELFINA CRUZ

em

PAGA AS FAVAS

● UMA REVISTA CADA VEZ MAIS NOVA! ●
UM FABULOSO ELENCO!

ERMELINDA	FRANCISCO	ANTÓNIO	ANTÓNIO	CREMILDA
DUARTE	NICHOLSON	MONTEZ	FEIO	GIL
VITOR HUGO	CARLOS IVO	CARLOS GUIA	MARIA VIEIRA	

E AS JOVENS DO ADÓQUE!

PUB

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Um ministro como já não se usa

Na televisão a eficácia das palavras está na razão inversa da quantidade delas. Podemos estabelecer uma regra segundo a qual para dizer muito é preciso falar pouco. Sabemos isso desde o código civil francês por onde se diz que muitos grandes escritores gauleses aprenderam o ofício.

Ontem em País, País, aconteceu um breve apontamento: antigos alunos homenageavam a professora primária Verónica da Silva Nunes. Poucas palavras, quase nada. Mas o mundo de emoção de construção social que as palavras simples descobriam!

Na emissão, lá mais para o resto, falar-se-ia muito de alunos de gente que sabe ou não sabe ler, e coisas assim. Em «grande reportagem» esteve uma abordagem à alfabetização. Com a presença no estúdio de Vítor Crespo, e de Amélia de Azevedo; ele membro do governadê, ela deputada do PSD e directora (acho eu, não me recordo bem) da comissão etc. etc. da alfabetização.

Esta senhora (sem grandes oportunidades, aliás, para mostrar a sua oratória, ó Feyo, então isso faz-se a uma convidada?) falou dos processos utilizados pelos «partidos democráticos» e pelos outros. Então, mui claramente («todos os partidos se dizem democráticos», comentaria Feyo num aparte felino) explicou que prísemplo, em Cuba, a alfabetização servia como veículo ideológico, enquanto cá a alfabetização é isenta de ideologia e pluralista, pois estamos

na Europa, etc. e tal.

Esta senhora parece desconhecer que se existe actividade com carga ideológica, nenhuma a tem mais que o ensino. E quanto a pluralismo à europeia, temos ali a prova: dois participantes um do PSD e outro do...PSD.

Desta vez não escamotearam o nome do partido que na Assembleia da República apresentou o projecto da Alfabetização. Ninguém se espantaria se visse ali um representante desse partido. Tal não aconteceu.

E no entanto, por muito que isso pese à D. Amélia, o acto de ensinar é mais uma frente na luta de classes. Espero, com isto, por um lado, não ferir os seus delicados tímpanos, e por outro não aumentar a fama de sectário que alguns leitores me assacam, apenas porque me recuso a embarcar nas «cassettes» anti-socialistas e anti-soviéticas da televisão.

A verdade é que o analfabetismo interessa aos caciques, aos exploradores e aos opressores, enquanto a alfabetização interessa a quem ama a inteligência, a liberdade e o futuro.

Quando o PCP apresentou o projecto na Assembleia da República, não fez mais do que prosseguir uma linha tradicional sua e dos homens livres. Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, José Magro, Helena Magro e tantos, tantos participaram e organizaram inúmeras campanhas de alfabetização durante o fascismo, perdão!, durante o anterior regime. Enfrentavam nessa tarefa a perseguição dos caciques e da polícia.

Percebeu, minha senhora?

Agora a intervenção de Vítor Crespo foi um espectáculo. Se frequentou algum curso de alfabetização, ignoro. Lá que precisava, precisava. Também precisa com urgência de pôr a sua estatística em dia. Possui uma estatística estática e o estatismo é inimigo da estatística. Quem estatifica, estratifica, não estatifica. Uma estatística estática quando se estatibiliza.

Desculpe lá, ó MEU, se lhe estou exigindo demasiada concentração meningica. Mas não vale referir a taxa de 2 (dois!) por cento de analfabetismo da Hungria em 1970 e a de 11 por cento da Roménia em...1956.

Não brinques, MEU. Quanto aos esforços de alfabetização do governadê, são de facto, tremendos. Com isso, no próximo ano, gastar-se-ão 170 mil contos (ena tanto!) para alfabetizar, perdão!, para alfabetizar 30 mil pessoas. Ou seja: face aos 2 milhões e 500 mil analfabetos ainda existentes, com tal ritmo, o analfabetismo desaparecerá do nosso país, dentro de 80 anos...

Esta mania das velocidades... Mas não, mas não-explica o ministro. A coisa consegue-se em menos tempo do que se pensa porque entretanto...os analfabetos mais idosos vão morrendo!

Formidável, esta AD tem remédio para tudo. Só que os tecnocratas viraram abutres.

Também tudo será conforme a solicitação. Se os analfabetos pedirem, diz ele, o governo andará mais depressa. Daqui sugiro modelo de requerimento a enviar pelos interessados à comissão: **Eu, fulano de tal, de 30 anos de idade, incapaz de ler uma letra do tamanho de um eucalipto, solicito a V. Exa, me mande alfabetizar. E por ser verdade, por meu punho o escrevi a bem dاناção, fulano.**

A certa altura, disseram na emissão: **Poderia-se até questionar se... Poderia-se?** Então isto é assim? **Poderia-se** imaginar que alguém, na televisão, fiasse de tal jeito? E que esse alguém fosse... o ministro da Educação e Universidades? Vale tudo, MEU?

MÁRIO CASTRIM

P. S. — A propósito da morte do dr. Miguel Fragonard, recebi hoje uma intimação para comparecer na delegacia. Que se lixe. O melhor é eu confessar tudo. Não aguento mais esta tensão. Espero que me mandem um tabaquinho à Penitenciária. Fumo havanos puros, por uma questão ideológica. Brigado, sim? — M. C.

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE

— T. 275 21 75

GUERRA!? NÃO, OBRIGADO

B. Brecht

19, 23 e 25 de Setembro, em Brandoa — Damaia — Venda Nova
EM ENSAIOS «A RECTA GUARDA»
de Romeo Correia SUB. S.E.C.

estudio 444

ESTREIA HOJE
AS 15.30H AS 14.30H

quarteto

um "best-seller" de Jeanne Cordelier baseado na sua própria experiência

MIU-MIU
MARIA SCHNEIDER



corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la dérobade

CRÔNICA DA MAIS VELHA
PROFISSÃO DO MUNDO

INTERITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

FILMES CASTELLO LOPES

65 apresenta

MARLON BRANDO

no filme de

ELIA KAZAN

VIVA ZAPATA!



A libertação
de um
povo...
uma
gigantesca
epopeia!

JEAN PETERS-ANTHONY QUINN

Prod. de DARRYL F. ZANUCK Do célebre romance de JOHN STEINBECK
GRUPO C-14 ANOS

4.ª SEMANA quarteto

Hoje

1 RTP



A RTP-1 inicia esta noite uma nova série intitulada «Riker»

18.52 Sumário

18.57 Tempo dos mais novos

19.30 País, País — As regiões portuguesas e seus acontecimentos mais importantes.

20.00 Rés Pública — O tema é o concelho de Penalva do Castelo

20.25 O Tempo

20.30 Telejornal — As principais notícias do país e do estrangeiro.

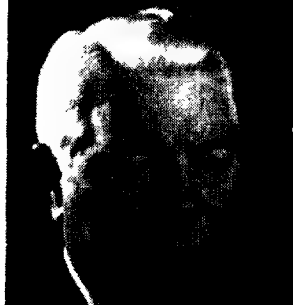
21.05 Vamos jogar no totobola

21.15 Riker — (1.º episódio) Produção de Harry Thomason. Realização de Sutton Roley. Intérpretes: Josh Taylor, Michael Shannon, Elyssa Davalas, L. Q. Jones e Kaz Garras.

22.05 Telenovela — «Água Viva»

22.55 Últimas notícias

2 RTP



Jean Gabin, um dos principais intérpretes do filme desta noite, na RTP-2, intitulado «Dois homens na cidade»

20.30 Informação/2 — Bloco informativo, com os acontecimentos mais importantes do dia no país e no estrangeiro

21.00 Noite de Cinema — «Dois Homens na Cidade» Intérpretes: Jean Gabin, Alain Delon, Victor Lanoux e Ilaria Occhini. Realizador: José Giovanni.

Amanhã

1 RTP

2 RTP

18.52: Sumário; 18.57: Tempo dos mais novos; 19.30: País, País; 20.00: Pergunte connosco; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.00: Bailado «Carmen»; 22.00: «Água Viva» episódio n.º 141; 22.50: Últimas notícias.

19.55: Campeonatos da Europa de Natação; 21.30: Informação/2; 22.00: Número um «Joe Dassin»

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

1 RTP

Riker — 1.º episódio (21.15)

«Dois homens na cidade» (21.00)

2 RTP

Alem de um programa à escolha oferece-lhe

cinema viva

Resumo do episódio de hoje

Antes de depor, o marinheiro diz ao delegado que enterrou a arma do crime. Mais tarde, os polícias e o marinheiro desenterram o revólver no terreno da casa de Angra. Nelson comparece ao velório de Miguel. Ao ver Nelson ao lado do caixão de Miguel, Ligia começa a gritar para ele sair dali, alegando que ele não tem o direito de se aproximar do corpo. Bruno, então, afasta Nelson da capela. No seu apartamento, Nelson comenta com Bruno que faria tudo para ter Miguel de volta e contar-lhe a amizade profunda que sentia por ele, apesar da mágoa que os afastava. Miguel é enterrado. Ligia e Sandra jogam pétalas de rosa sob a sepultura. Pouco depois do enterro, Evaldo — barbeado e com boa aparência — chega ao cemitério e pergunta a um empregado a que horas foi o enterro de Miguel Fragonard.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Caraca 17 Carcavelos — Tel. 2112871

rótulo cultural

TEATRO

«Cheira a esturro!». Fernando Gomes, Paulo B., Cândida Vieira e Maruga, vão apresentar, a partir de hoje e até ao próximo dia 31 de Outubro, no café-teatro da Comunidade, um espectáculo misto de revista à portuguesa, music-hall e cabaret. Horário: quintas às 22 horas; sextas e sábados às 23 horas. O café-teatro da Comunidade tem serviço de bar e jantares. Marcações pelo telefone 762624.

De regresso de férias, a Cornucópia vai retomar a carreira de «Não se paga! Não se paga!», de Dario Fo, que interrompera em pleno êxito de público para fazer uma temporada no Porto e depois para descanso anual da companhia. A Cornucópia, que vai repor este espectáculo a partir de meados do mês, retomará também brevemente «Douche-lo-vivo, douche-lo morto», uma encenação de Antonino Solmer, com fixação de texto de Eduardo Dionião, a propósito de Camões, espectáculo até agora só apresentado numa série de antestreias realizadas no mês de Junho e que ainda muito pouco público teve oportunidade de ver.

Entretanto, a Companhia retoma também os ensaios do próximo espectáculo, «O La-

birinto de Creta», de António José da Silva (O Judeu), encenado por Luis Miguel Cintra, com cenários e figurinos de Cristina Reis e música original de Paulo Brandão composta a partir de música da época.

MÚSICA

A Orquestra Gulbenkian em Óbidos. A Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Gerard Oskamp, apresentará amanhã em Óbidos (Igreja de Santa Maria), num concerto de cujo programa fazem parte obras de Holberg, Grieg, Mozart e Schubert. O concerto, promovido pela Fundação Gulbenkian, principia às 21,30.

Wilko Johnson, um dos precursores do denominado pub-rock, acompanhará Ian Dury no concerto de dia 20, em Cascais.

É a primeira vez que Wilko Johnson e Ian Dury se apresentam num concerto ao vivo, embora tenham gravado o LP denominado «Laughter».

Wilko Johnson formou em 1967 o conhecido grupo Dr. Feelgood, na cidade inglesa de Canvey Island.

Quase dez anos depois abandonou os Dr. Feelgood



Cornucópia regressa com «Não se paga! Não se paga!»

por divergências de opinião com o vocalista do grupo, Lee Brilleaux.

Wilko Johnson realizou um concerto a solo em Lisboa, em 23 de Fevereiro de 1980, no Pavilhão de Os Belenenses.

Então, Wilko Johnson tocou durante três horas consecutivas, deixando o palco com os

dedos a sangrar e com uma cáimbra.

EXPOSIÇÕES

«3 Puntos de Vista» é o título de uma exposição de desenho dos pintores catalães Albert Casals, Rey Polo e Pujol Grau, que será inaugurada amanhã no Palácio Foz, pelas 17 horas. A inauguração será precedida de uma palestra feita

por um dos artistas, na Sala dos Espelhos.

Thomaz de Mello expõe pintura na Galeria de Arte do Casino Estoril. A exposição estará patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias até 20 de Setembro.

Denise Therrien, artista canadiana, apresenta a sua exposição de vitrais

«Espaço/Tempo-Interior e Exterior» na Rua Rosa Araújo, 2, 7.º, em Lisboa. A exposição — uma iniciativa dos Serviços Culturais da Embaixada do Canadá — estará patente ao público diariamente, até 18 de Setembro, das 14 às 19 horas, exceptuando sábados e domingos.

Grupo Pukta na Cooperativa Árvore. Uma exposição de artes plásticas do Grupo Pukta está patente na Cooperativa Árvore do Porto. A mostra encerrará no próximo dia 20.

Leonel Moura apresenta uma exposição de desenhos, sob o título «O Ciclo de Icaro», no Largo do Picadeiro, 10, 2.º (ao Chiado). A mostra está aberta todos os dias úteis das 17 às 19 horas.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes estão patentes ao público duas importantes exposições: uma exposição de verão que inclui obras das galerias Módulo, 111, Diário de Notícias, Ana Isabel, Leo, Quadrum, O País e S. Francisco, e uma exposição de Eurico, de homenagem a José Escada. Ambas as mostras podem ser visitadas diariamente, das 14 às 20 horas, incluindo sábados e domingos.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

ANTENA-1
16.00: Sem Margem — Cinema; 17.00: Ciclo Musical; 18.00: Forma de Energia; 18.45: RDP/Região; 19.00: Títulos do Jornal; 20.00: Enquanto os outros vêm TV — Jazz; 21.00: Folhetim (1.ª emissão) 4.º episódio «Basilio Fernandes Enxertado» de C. C. Branco — Livre e Directo; 23.00: Títulos do Jornal; 00.00: Antena 1 — Música; 02.00: Madrugada na RDP.
Grandes blocos informativos: 08.00, 13.00, 19.30 e 23.30.
Programa 2
16.00: Que quer ouvir? concerto n.º 27 em si bemol maior, K. 595, de Mozart; sinfonia n.º 5, em si bemol maior, de Schubert, pela Orquestra Filarmónica de Viena; 17.00: Mata-borrão; 18.00: Dossiers sonoros; 18.40: Música de piano: Mazurkas, n.ºs 1 a 8, de Chopin, por Artur Schnabel; 19.00: O canto e os seus intérpretes; 20.00: Serviço informativo; 20.05: Bailado; 20.35: Música de câmara: Quarteto n.º 82, em fá maior, op. 77, n.º 2, de Haydn, pelo «Quarteto Dinamarquês»; 21.00: Música do Século XXI: Canções: «La regata veneziana», de Rossini; «Shéhérazade», de Ravel (Orquestra de Câmara de Praga); 22.30: Festival de Flandres de 1980, «Flandria Illustrata» — gravações cedidas pela BRT, Rádio e Televisão Belga «The Hilliard Ensemble».
01.00: Síntese informativa.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)
15.45: Teatro trágico; 17.03: Todos no TOP; 18.08: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3P; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: As cidades e as serras; 21.03: Telefone TOP; 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Portugal na CEE; 22.15: Hora literária; 22.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª Hora; Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
16.03: Rock em Stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da L.A.R.; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Informação desportiva; 23.10: Programa cultural; 23.30: Hora de abertura;

Rádio Renascença
16.00: Aqui e Agora; 17.00: Jornal da Mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da L.A.R.; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Informação desportiva; 23.10: Programa cultural; 23.30: Hora de abertura;

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 223

HORIZONTAIS:

- Aquele que. O futuro.
- Ligui. Antigo superior de convento.
- Letra grega. Um gosto no meio de muitos dissabores.
- Batráquio. Alcool de melado.
- Época. Bateria (pop.).
- Preposição. Agora. Nome de astro.
- Pronome possessivo. Pertence.
- Freguesia do concelho de Penafiel. Moeda italiana.
- Undécimo mês do calendário árabe. Pronome pessoal.
- Inspiraria? (fig.). Antes de Cristo.
- Guarnecimentos de asas. Artéria.

VERTICAIS:

- Ambicionas. Caminha.
- Besuntarem. Preposição e artigo (pt.).
- Enal. Estime. Sufixo que designa pequenez.
- Dás urros.
- Limitado. Reis.
- Teceras. Hospedaria oficial na China.
- Suspiros. Nota musical. Em as.
- Ratavam. Gavinhas.
- Doutores. Cidade de Itália.
- Rezo. Ouro (s.q.).
- Em o. Agarra.

Resoluiu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 083

HORIZONTAIS:

- República do N. da Europa, no Báltico.
- Sufixo que designa estado. Li. Flauta chinesa de três buracos. Crómio (s.q.).
- Viscera dupla. Transpira. Coragem.
- O mesmo que mãe (gir.). Homem de baixa estatura.
- Separar de. Encolerizam.
- O mesmo que três. Aprei.
- Cidade de Inglaterra. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- Artigo definido. Fundo lodoso do mar, lago ou rio (pl.). Carta de jogar.
- Preposição. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
- Cozinha. Tragédia de Shakespeare.
- Em as. Estima. Mula.

VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Aguiar da Beira.
- Caminharias. Artigo definido. Aqui.
- Voz do gato. Colocou.
- Cinquenta e cinco em romano. Soberba.
- Suspiros. Respiraria com dificuldade.
- O mesmo que uma (ant. e pop.). Seguias. Amónio (s.q.).
- Antiga cidade de Itália. Moeda da Pérsia.
- Satélite de Júpiter. Camareira. Nome de astro.
- Assembleia. Também não.
- Cobalto (s.q.). Cantiga. Ouro (s.q.).
- Atrair com força.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 222

HORIZONTAIS:

- ANO. Ama. Tem.
- N.º. BRAGA. Mo.
- Lai. Ester.
- Etéreo. Cós.
- NEVOSO. Om.
- Oram. Amo.
- Rareais. Dar.
- Satírico.
- Sr. Lás.
- Ri. Orçam. Ps.
- ANO. Aar. Não.

VERTICAIS:

- Antenor. Grã.
- No. Terás. In.
- Levaras.
- Barómetro.
- Aries. Ai. Rã.
- Ma. Oó. Ir. Cá.
- Age. Asilar.
- Asco. Cam.
- Tomados.
- Emes. Má. Pã.
- Mor. FORMOSO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 082

HORIZONTAIS:

- Doge. Cala.
- Arar. Elam.
- Vi. Amargara.
- Até. Or. Ag.
- Sonsa. Fiara.
- Tascas. Uil.
- Pará. Ar.
- Ala. Aromas.
- Ravina. Arua.
- Agar. Cantar.
- Moraras. ara.

VERTICAIS:

- Divas. Param.
- It. Alago.
- Ga. Entravara.
- Era. Saa. Ira.
- Amuas. An.
- Orar. Caraga.
- Faro. As.
- Cegais. Man.
- Alaga. Marta.
- Lar. Ru. Suar.
- Amarais. Arã.

PROVÉRBO: Ano nevoso, ano formoso.

Tribunal Judicial da Comarca do Barreiro

ANÚNCIO

No dia 20 do próximo mês de Outubro, pelas 15 horas, no Tribunal desta comarca, 2.ª Secção, 2.º Juízo, nos autos de Carta Precatória vinda do 4.º Juízo Cível do Porto, 1.ª Secção extraída dos autos de Execução Sumária n.º 3 298 que a Fábrica de Candeieiros Ouro, Lda., com sede na Rua Monte dos Burgos, 592, no Porto, move contra VIEGAS & BRITO, Lda., com sede na Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre, n.º 109-A, no Barreiro, não-de-se-er postos em praça, pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, uma mobília de quarto, estilo Séc. XVII, em mogno, composta de cama, cómoda, roupeiro, uma cadeira e moldura, nova; uma mobília de quarto, estilo Séc. XVII em mogno, composta de cama, roupeiro, cómoda, moldura e uma cadeira, nova; e um móvel estante de três elementos, linhas direitas, preto com frentes lacadas a branco, com portas e gavetas.

Barreiro, 3 de Julho de 1981
O Juiz de Direito,
a) José Tavares Paiva

O Escrivão de Direito,
a) António da Silva Cardoso

Lisboa, 26 de Maio de 1981
O Juiz de Direito,
a) Abílio Maria Peres
O Escrivão Adjunto,
a) José Galante.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52520	57520
ALEMANHA FED. (marco)	26585	27595
ÁUSTRIA (xelim)	3375	3595
BELGICA (franco)	13489	13689
BRASIL (cruzeiro)	3409	3659
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	53395	55395
(notas de 5 a 1000)	54545	56545
DINAMARCA (coroa)	8560	9500
ESPAÑA (peseta)	6331	7331
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	65800	67500
(notas de 5 a 1000)	65850	67550
FINLÂNDIA (marka)	14830	14850
FRANÇA (franco)	11810	11890
HOLANDA (florin)	24820	25820
INGLATERRA (libra)	117500	121500
IRLANDA (libra)	98820	102820
ITALIA (lira)	3049	3059
JAPÃO (yene)	2255	2290
NORUEGA (coroa)	10375	11325
SUECIA (coroa)	12345	13055
SUIÇA (franco)	31300	32310
VENEZUELA (bolivar)	12395	13395

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

- 13 a.

WEST SIDE STORY

c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- N. ac. men. 18 a.

LENNY

c/ Dustin Hoffman

Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

LUCKY LUKE A BALADA DOS DALTON

c/ Elliot Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder

Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30

- Int. men. 18 a.

E TUDO O FUMO LEVOU

c/ Cheech Marin e Tommy Chong

Um filme de Lou Adler

4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 21.30

OS MALUCOS DO SUPERMERCADO

15.30 18.30

AS MINHAS PISTOLAS

Não acons. men. 13 anos

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

GENTE VULGAR

Com Donald Sutherland, Mary Tyler

Não acons. men. 13 anos

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

O VERÃO MÁGICO

do PATO DONALD

Falado em português

5.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Não acons. menores 13 anos

FRANKSTEIN JÚNIOR

2.ª semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

3.ª semana

A PRIMEIRA NOITE

24 h

RESGATE

Não acons. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407

R. Actor Tabor, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

Interdito a menores 18 anos

FELICIA

Pornográfico

24 h

O EMISSÁRIO DO DIABO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Não acons. menores 18 anos

VESTIDA PARA MATAR

Um filme de Brian de Palma

16.ª semana

Às 24 h - Não ac. men. 13 anos

A GRANDE CORRIDA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

Não acons. menores 13 anos

O BANDO DE TIENG

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

A mais cômica parêntese dos anos 80

DOIS AMIGOS EM APUROS

Com Gene Wilder, Richard Pryor

Às 23.45 h - Int. men. 18 anos

INSERTS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos

AVENTURA NAS

CARAIBAS

Realização Philippe Mannier

(Colorido)

5.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

Joseph Olita, Geoffrey Keen e Thomas

Baptiste em

ASCENSÃO E QUEDA

DE IDI AMIN

Um filme de Shrad Patel - colorido

ESTÚDIO 555134

Alm. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

O CAÇADOR

Com Robert de Niro

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFIS-

SÃO DO MUNDO

Com Mion Mion e Maria Schneider

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

A mais cômica parêntese dos anos 80

Gene Wilder, Richard Pryor

DOIS AMIGOS EM APUROS

Filme de qualidade

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DAS 9 ÀS 5

c/ Jane Fonda, Lily Tomlin

e Dolly Parton

7.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Inter. menores 13 anos

AMOR SUBLINE

(Satyari, Shivam, Sunderame

Com Shashi Kapoor e Zeenat Aman.

Technicolor

A última grande obra de Raj Kapoor

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

2 sessões: 15.15, 21

Não acons. men. 13 anos

UM VIOLINO NO TELHADO

Topol e Norma Crane

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 15.30, 19 e 21.30

Para todos

Walt Disney Productions apresenta

AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE

Um filme de Vincent McEveety (Tech-

nic.)

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

Interdito men. 13 anos

A PRIMEIRA FESTA

(La Boum)

Um filme de Claude Pinoteau

com Claude Brasseur, Brigitte Fossey e

E. Grey

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15, 21.30

Não acons. men. 18 anos

16 ANOS

A vingança de uma adolescente

2.ª semana



Amante ou marido... Enredada numa teia de paixão! Lee Remick e George Peppard em «ENTRE DOIS AMORES», filme de Delbert Mann em exibição no cinema STAR

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ

Colorido com Clint Eastwood e Patrick

McGoohan

2.ª semana

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

O grande filme destas férias!

Bud Spencer em

NÃO HÁ NADA QUE NÃO ME ACONTEÇA

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30

Interdito menores 13 anos

VIVA ZAPATA

Real. Elia Kazan

SALA 2

Às 15, 17, 19, 23.30

Interdito a menores 18 anos

Contém cenas eventualmente chocantes

DOROTHEA

R. Peter Fleischmann

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30

Interdito a menores 18 anos

FEIOS, PORCOS E MAUS

Real. Ettore Scola

Filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30

Maiores de 18 anos

TAXI DRIVER

Real. Martin Scorsese

Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

15.15 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

O HOTEL NA PRAIA

Colorido

2.ª semana

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Hoje e todos os dias 4 sessões: às 15,

17, 19 e 21.30 h

Em estreia do maior êxito de gargalhada

dos últimos tempos!

A TURMA DOS REPETENTES

2.ª semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. menores 13 anos

A TURMA DOS REPETENTES

com Michael Galabru e Maria Pacome.

Colorido

2.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

Oscar da Academia 1981

Melhor interpretação feminina Sissy

Spacek

19.ª semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao

Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24



DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENAISSANCE GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agências, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5

PORTE
PAGO



últimas

HAXIXE NO CACÉM, ALGUEIRÃO E QUELUZ passou a ser mais difícil de adquirir desde ontem quando a Judiciária desmantelou a rede que operava naquela zona. Foram detidos quatro traficantes todos portugueses, com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos, incluindo o encarregado de contrabandear a droga desde Epanha. Apreensão diminuta: 30 gramas e pequenas doses de cocaína, remanescente da última importação. Apreendida foi também toda a gama de instrumentos para a respectiva comercialização.

AZORES EXPORTOU PEIXE para o continente, Canadá e diversos países europeus, num total de 914 toneladas no segundo semestre do ano findo, revelou a Secretaria Regional do Comércio e Indústria. O peixe havia sido pescado nos mares do arquipélago.

A ORDENAÇÃO DO NOVO BISPO-AUXILIAR de Braga foi marcada para o próximo dia 10 de Outubro no Santuário de Braga. O novo bispo é D. Joaquim Gonçalves.

DOIS FOGOS SUSPEITOS de terem origem criminosa deflagraram ontem nos arredores da Guarda: um palheiro na Catraia do Sortilhão e outro no mato numa extensão bastante grande em Menespora. A chuva que caiu providencialmente colabora com as corporações de bombeiros na extinção dos incêndios.

O GRUPO DESPORTIVO DA JNF (Junta Nacional de Frutas) situado na Rua Barata Salgueiro, 52, em Lisboa, foi a noite passada alvo de assalto, tendo os intrusos feito um saque de 400 contos entre bebidas, mercearias incluindo bacalhau, máquinas e vestuário. A entrada verificou-se por uma janela previamente arrombada.

EQUIPAMENTO DA RDA destinado à Associação Portugal-República Democrática Alemã no valor de 3 000 contos foi esta noite furtado de uma viatura de marca IFA, matrícula IH-84-28, estacionada junto ao Museu do Trajo em Paço do Lumiar, Lisboa.

Construção da «Space Tower» 2000

Los Angeles nos limites da vertigem

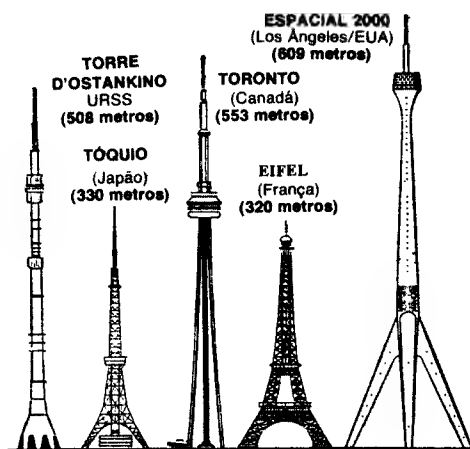
Seiscentos e nove metros para uma ficção de aço que amanhã será bem real: a Space Tower 2000 que em breve deverá ser erguida em Los Angeles. É esse o projecto em que um engenheiro francês trabalha há já longos anos e que as autoridades da cidade resolveram defender.

Assim, a capital californiana, que este ano festeja o seu bicentenário, disporia enfim da realização tecnológica e simbólica que lhe faltava. Quando se pensa nas grandes metrópoles internacionais, o nome de um monumento, de uma praça, de um parque, de um museu, ocorre-nos imediatamente. É certo que Los Angeles é o feudo incontestável do cinema Mundial e toda a gente conhece Hollywood. Mas é certo que essa cidade sofre da ausência de um símbolo facilmente identificável, a foto tão reproduzida pelas capas das revistas.

Tudo isto talvez seja reparado com a construção da Space Tower 2000 concebida por André Pollack, engenheiro que criou o atomium de Bruxelas e cujos brevets foram comprados em 1972 por Jean-Claude Destievan, promotor e construtor francês, que defende o seu projecto à volta do mundo há já quatro anos.

Assim, os americanos estariam, o que não causa espanto, em vésperas de começar a construção da torre Eiffel do segundo milénio. Ronald Reagan já possui uma réplica dessa torre, recebida no dia do seu aniversário, e que tem, bem à vista, em cima da secretária. Jean-Claude Destievan pensa que tudo pode começar este ano, porque é no Outono que deve ser formado o consórcio de todos os parceiros.

No ventre do monstro de aço mais alto do mundo (36 metros de diâmetro na sua parte mais larga, uma superfície de 60 000 metros quadrados poderá ser ocupada por três grandes hotéis, seis restaurantes, um centro comercial, internacional, uma exposição permanente das indústrias e do comércio, um centro cultural internacional, escritórios. A



concepção da torre permitiria, para mais, a instalação de um emissor de televisão, de rádio, de um serviço de vigilância de radar, de um transmissor para os satélites, etc.

Junto à torre prevê-se a criação de um vasto parque de atracções de ficção científica, com foguetão gigante, jogos electrónicos, e toda a espécie de coisas.

O custo total do projecto está hoje calculado em 500 milhões de dólares, 200 dos quais para a construção e o arranjo da torre, 120 para o «space park» e 180 para o parking, os anexos e os hotéis. O custo da torre já estaria coberto pelas somas pagas por certas empresas interessadas no projecto, entre elas uma cadeia de televisão.

Se este for levado a efeito, o que segundo Jean-Claude Destievan parece certo, a Space Tower 2000, rebaptizada «Torre da Paz», deverá estar construída na altura dos Jogos Olímpicos que em 1984 decorrerão em Los Angeles. Uma bela desforra a tirar sobre Moscovo 1980...

(Le Monde)

«Sarita» atingido por temporal

O pesqueiro «Sarita» da praça de Sines, retido há cerca de um mês na Mauritânia, foi atingido por um violento temporal no porto de Nuadibu, onde se encontra ancorado, ficando com a proa praticamente destruída. Enquanto isto, os seus vinte e um tripulantes chegaram no último do-

mingo a Lisboa foram ontem à tarde recebidos pelo director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, tendo-lhe solicitado que procure, com a máxima urgência, obter a libertação do mestre da embarcação, João Abenta, bem como dos seus dois camaradas, ainda detidos em

Nuadibu. Falando para os jornalistas, o contramestre do «Sarita», Aníbal Castela, responsabilizou o Governo pela situação vivida, na medida em que, disse, não existem acordos para os pescadores portugueses irem actuar nos mares do Senegal, Marrocos ou da Mauritânia.

«Guernica» já está em Espanha

A «Guernica» de Picasso, chegou hoje a Madrid, num avião da companhia Ibéria.

No avião que transportou o quadro viajou também o ministro espanhol da Cultura, Inigo Caverio, que negociou com as entidades norte-americanas a ida para Espanha de «Guernica».

«Guernica», porventura a obra mais representativa da pintura deste século, representa um protesto contra a guerra, inspirado, de acordo com testemunhas directas de amigos de Picasso, na destruição da vila espanhola de Guernica durante a Guerra Civil de Espanha.

Picasso iniciou a pintura do quadro em 1 de Maio de 1937, quatro dias depois de Guernica ter sido bombardeada por aviões nazis. Picasso pintou este quadro com 3,49 metros de altura e 7,76 de comprimento em dois meses, depois de ter tentado oito situações diferentes.

As formas descompostas que aparecem no quadro em cores negras cinzentas e branco reflectem o sofrimento, o terror e a catástrofe.

Em Espanha, «Guernica» ficará no «Cason del Buen Retiro», edifício anexo ao Museu do Prado, protegida por vidros antibalas e medidas excepcionais de segurança.

Jacques Lacan morreu ontem em Paris

O psicanalista Jacques Lacan morreu ontem em Paris. Tinha 80 anos e vitimou-o um tumor abdominal. Familiares confirmaram a morte, anunciando que haverá inumação do corpo, mas na mais estrita intimidade.

Lacan é nome de topo de referências do pensamento contemporâneo, e o mais importante no âmbito da psicanálise, depois de Freud, cujas teorias, enriqueceu singularmente, beneficiando de informações decisivas provenientes de conquistas noutros domínios das ciências humanas a linguística, nomeadamente.

Além de Freud - se assim se pode resumir (mal, por certo) o fundamental do seu pensamento, renovador e inovador - Lacan defendia que o inconsciente estrutura-se como linguagem, e o seu conhecimento é possível pela análise do significante. Há um desfazamento entre o inconsciente e a linguagem social. A psicanálise dedicava-se a esse desfazamento, tomando por objecto o discurso.

Lacan apareceu no mundo da psicanálise nos fins dos anos 30, mas tornou-se talvez mais conhecido quando foi expulso da Sociedade Francesa de Psiquiatria e dos círculos tradicionais: acusavam-no de trair Freud.

Mas Lacan preconizava o regresso a Freud. E foi nessa base que prosseguiu seus estudos na Sorbonne e na ESNP, até 64, ano em que fundou escola própria: a Escola Freudiana de Paris. Levou com ele os principais discípulos.

Aqui, em 80, teve um gesto cujo significado deve perdurar pela inversão que representa: rompendo a tradição segundo a qual são os discípulos que «cortam» com os mestres, é ele que «corta» com a maioria dos discípulos, dissolvendo a Escola.

Deixa um legado fundamental para o desenvolvimento da psicanálise. Mas, tal como notava esta manhã a France Press em telegrama de Paris, a sua morte deixa um vazio que não se vê ainda quem poderá ocupá-lo.

O fundamental do pensamento de Lacan está reunido em «Escrits». Há edição de bolsa, francesa, em três volumes.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 8 295 - 30 000 CONTOS
 2.º PRÉMIO - 15 077 - 6 000 CONTOS
 3.º PRÉMIO - 3 471 - 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 19.º PRÉMIO

8 294 - 431.400\$00
 8 296 - 431.400\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

117; 6 163; 8 664; 8 701; 8 845; 10 506; 10 544; 11 059; 12 936; 13 191; 13 571; 15 802; 16 300; 19 697; 19 709; 20 522; 21 467; 22 187; 25 123; 27 263; 28 093; 31 325; 34 168; 35 888; 36 966; 40 688; 41 771; 44 892; 46 003; 46 165; 47 172; 49 186; 50 646; 51 083; 53 100; 54 195; 54 756; 57 217; 57 503; 58 601; 59 754; 61 256; 61 851; 64 798; 65 782; 67 769; 70 405; 71 287; 74 371; 74 781.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000\$00 - 004; 036; 191; 340; 382; 436; 559; 722; 918 e 987.
 12.000\$00 - 077; 295 e 471.
 6.000\$00 - 11 e 45.
 2.400\$00 - 5 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)

3 401 a 3 500; 8 201 a 8 300 e 15 001 a 15 100.

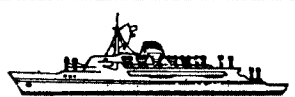
NOTA: O direito aos prémios prescreve em 10/03/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 10/09/81

MINI-CRUZEIRO A GIBRALTAR E CEUTA

A bordo do moderno paquete
FUNCHAL
 Classe única - Serviço de 1.ª cl.



28 a 31 Outubro/81
 (LISBOA A LISBOA)

Preços
 excepcionais
 desde

11.400s

Vantajosas compras em Portos Francos

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
 PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO



OUTRO STRINDBERG

Deus, Pátria e Mafia

Em 1886, aos 37 anos, August Strindberg declarava ao seu amigo Isidor Kjellberg: «O meu programa é eliminar a classe superior! Depois, ver-se-á!».

Vinte cinco anos mais tarde, às portas da morte, o tom só varia na violência, que é maior: «O Estado é uma prisão cujos carcereiros são os defensores da pátria; a sociedade um manicómio guardado pelas autoridades e a polícia; a família um concubinato, a ciência uma mafia, os capitalistas exploradores e gatu-

livros). É pena e é um erro, já que a frequência da sua obra nos poupa outras infinitas leituras, pálidas glosas do que ele magistralmente antecipou.

Sobre Strindberg, continuam por esse mundo fora a sair livros de especialistas: monografias contendo os lugares-comuns de sempre e calando aspectos essenciais da sua vida e obra, particularmente os relacionados com as suas polémicas intervenções sociais e políticas. Das batalhas travadas nos anos que

campo da fotografia a cores, à prática da «celestografia» (fotografia astronómica), a reevocações minuciosas dos ciclos da história sueca, ao estudo do chinês e do japonês, a investigações sobre a origem da linguagem, à fundação de dois teatros em que aplicou as regras de uma nova dramaturgia e fez representar as suas peças; apesar disso tudo e de três casamentos falhados que o devastaram, levando-o por vezes ao limite da demência, ao culto de um indivi-

mediatamente entregue às organizações operárias do seu país), enquanto milhares de trabalhadores desfilavam com flâmulas e bandeiras vermelhas debaixo da varanda da sua casa.

Não é de estranhar, portanto, que Gorki tenha escrito: «August Strindberg é o escritor que me foi mais próximo na literatura europeia, o autor que mais poderosamente inspirou os meus sentimentos e ideias.»

Falando de Strindberg, disse Arthur Adamov que havia duas espécies de homens irredutíveis uma à outra: a dos que se sentem bem na sua pele e a dos que se sentem mal; a daqueles para quem pensar não é nada, ou apenas um passatempo (a mais «nobre» das actividades, como costumam dizer), e a dos outros, para os quais **tudo o pensamento é doloroso.**

Strindberg, bem entendido, era desta última raça, e como não podia deixar de ser todas as suas descobertas foram outros tantos confrontos com o discurso oficial sobre o conhecido, o aceite e o normal (assim como transgredir é confrontar-se com



pior neste Ocidente infernal. Em vez de atribuir a cada indivíduo (cada objecto...) um valor mercantil único, o sistema estabelece-lhe um perfil, um conjunto de coordenadas que o posiciona e avalia. A hierarquia perde assim o seu carácter de forma dominante das relações sociais. O essencial já não é que a gente tenha chefes e subalternos, mas que seja atravessada por múltiplas relações impostas, que nos cercam e nos mantêm no nosso lugar, e cuja resultante estatística forma a pretensa igualdade democrática.

Mas isso são outros contos... Sobre Strindberg, digamos ainda que a série de crises extremamente graves que atravessou radicaram nas tensões que teve de enfrentar para resolver as suas dificuldades psíquicas, e que a estas não são alheias as perseguições que o Kapital e todos seus avatares movem aos homens de espírito e de vontade puros.

Hoje, se Strindberg fosse vivo, concordaria em que tudo está

ERNESTO SAMPAIO



Strindberg assistindo a um ensaio da Tempestade. Croquis de Gunnar Widholm para o

Jornal Stockholms Dagblad. precedem a crise místico-teosófica de «Inferno», que assinala, na biografia do grande escritor, a passagem da acção à renúncia, quase nada se sabe. Contudo, a literatura do seu tempo (rusa incluída) poucos exemplos oferece de ataques tão violentos às instituições existentes como os que estão patentes no «Pequeno Catecismo para a Classe Inferior», um libelo de Strindberg datado de 1884, espantoso de lucidez, coerência, coragem e frescura. Apesar dos lances penosos que marcaram a sua vida, de duros trabalhos, de interesses que o levaram do estudo e da prática do budismo, a experiências alquímicas, botânicas, parapsicológicas, a descobertas no

nos, as belas-arts uma merda inútil e amalucada, a literatura blá-blá-blá estampados, a indústria luxos, mariquices, futilidades, as comunicações meios de tortura, a luz eléctrica uma ruína para os olhos; todas as benções da cultura são superfluas ou não passam de maldições. Para fazer andar esta máquina infernal, sacrificam-se legiões de homens desgraçados nas minas e nas fábricas, privando-os de luz, ar, das mínimas condições de vida materiais e ideias; quanto aos camponeses, as plantas que os rodeiam vivem melhor do que eles...»

Strindberg é um destes autores que as pessoas se dão ao luxo de não ler (nem na Suécia se encontram alguns dos seus

dualismo incondicionado, de um exibicionismo frequentemente a confinar no cómico — nunca lhe desfaleceu a vontade de se opor aos interesses constituídos, à ordem assente na distinção e separação entre oprimidos e opressores, a uma moral baseada na violência, na hipocrisia, no dinheiro.

Até ao fim, foi sempre um rebelde, um homem incómodo. Por isso, sendo o escritor de maior renome da sua pátria, lhe negaram o Nobel. Mas no dia do seu último aniversário, a 22 de Janeiro de 1912, o povo sueco, conhecedor das dificuldades económicas com que Strindberg se debatia, doou-lhe uma soma fabulosa, recolhida através de uma subscrição nacional (por ele

ESTADOS UNIDOS

A «saison» do «Hotel Branco»

Uma temporada literária assemelha-se a uma paisagem móvel composta de cumes salientes, de um número maior de colinas e encostas, de folhagens densas que se confundem; em plano secundário, amontoados imponentes de resíduos industriais fumegantes ameaçam deitar a perder o ambiente do quadro.

Esta paisagem é artificial, definida mais pelos ritmos da distribuição comercial do que pelo valor da actividade criadora. É impossível descrevê-la totalmente, pois a sua topografia é móvel e o seu aspecto depende inteiramente do ângulo em que nos colocamos.

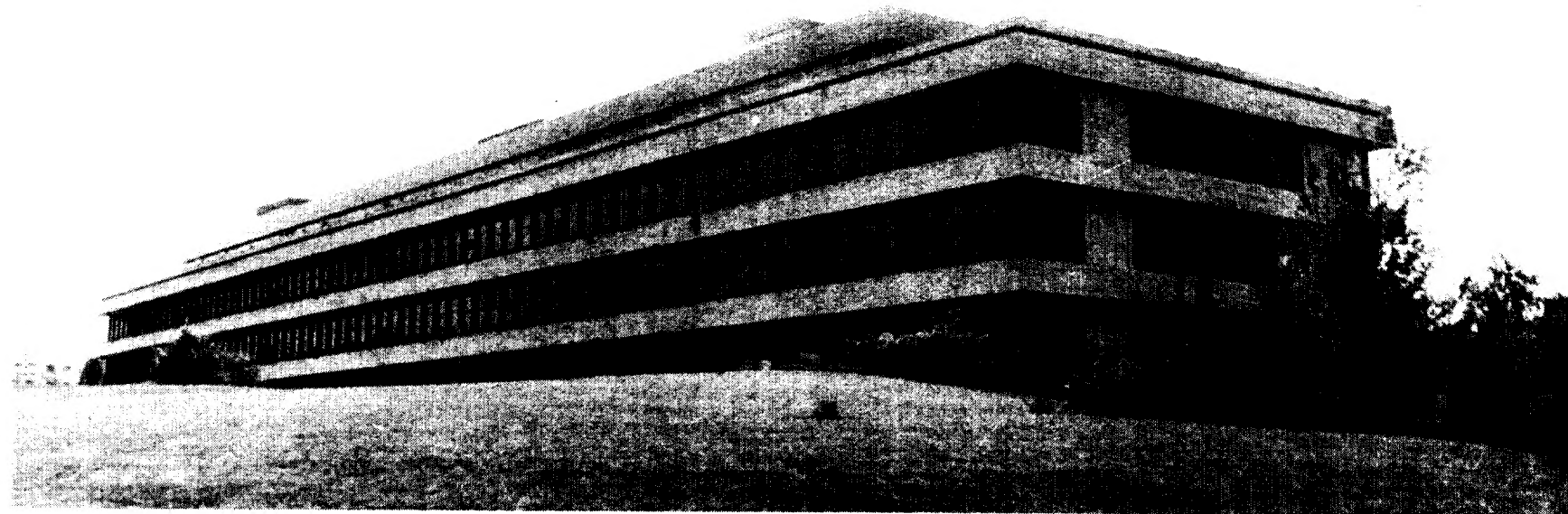
Como escolher alguns dos livros mais importantes publicados nos Estados Unidos desde o ano passado? A «importância» é um critério evasivo que pode pregar partidas. Se há livros importantes porque se fala muito deles ou porque os seus autores são célebres, então é preciso referir Ernest Hemingway (que morreu em 1961), cuja correspondência escolhida foi apresentada pelo seu biógrafo, Carlos Baker, mas também Vladimir Nabokov, (morto em 1977) cujas «Lectures on Literature» (conferências sobre literatura) — a sua produção universitária — foram publicadas pela primeira vez

Continua na pág. 4



Gulbenkian das 13 às 15

Armando S



Pitágoras dizia que é preciso ser prepotente com os prepotentes, sábio com os sábios, intrépido com os intrépidos, terrível em situações terríveis. Provavelmente também, mas isso ele não acrescentou, medíocre entre os medíocres.

E isto que parece tão simples e simultaneamente pragmático para quem sobrevive neste fim de Verão que já sabemos se escaida, a não ser através os incêndios, ocorre-me num lugar «aberrativo» em que os regatos, entre pedras artificialmente colocadas, vão dar a um lago um tanto sujo, restos que são de imitações de jardinagem à japonesa ou de propósitos favoráveis à ecologia.

A Gulbenkian dos feitos eleitorais computarizados, dos congressos científicos, das grandes mostras de pintura, poiso curto de celebridades da música e da dança é, entre as 13 e às 15 de um dia de Agosto, um apertado e decadente parque onde bocejam reformados e as folhas apodrecem numa água turva, inquietante até para os garotos que se afoitam numa tentativa frustrada de potenciais narcisos. É certo que as construções metálicas de Gargallo e os blocos de H. Moore, em fase de adaptação, trazem cá para fora a profunda melancolia que se desprende dessas coisas de arte arrecadada nas salas climatizadas dos inte-

riores. Alguns patos mergulham e deslizam o bico por entre as penas com a naturalidade que se sobrepõe às arremetidas da maquinaria operosa que vai fazendo cerco ao verde, aos erráticos pares de viúvos e a algum soldado que haja trocado; por engano, a deambulação democrática que o Campo Grande ainda lhe pode proporcionar, entre galhofas com empregadas domésticas e um mundo estudantil já duvidoso de tudo.

Lá dentro a arte repousa. Aborrece. E dorme. Suposto foi que tivesse a sedução indispensável aos impulsos do homem e da mulher diários para se furtarem a um quotidiano cada vez

amis sufocante e imerso em tédio. Mas todos eles fazem já parte dessa sociedade de massas contemporânea, sociedade que desfruta há muito tempo a obra de arte, tal como dos objectos utilitários, de modo «aberrante» relativamente às tradições culturais e à mais elementar das lógicas de função. Essa sociedade que ignora a «especificidade artística» e a consome de uma forma que a publicidade e outras técnicas de venda podem desencadear mas não podem previr na sua totalidade de simulacro.

Surge-nos assim um lugar de privilégio que não permite incursões espontâneas a quem se

senta a fazer crochet com um talento neurótico e vegetativo ou põe ao léu as descarnadas e brancas pernas sob um sol piedoso e já de fim de vida. Houve um tempo em que se esparramavam na relva, estudantes machos e fêmeas para entre si trocarem lições de química e altas matemáticas com certas práticas amorosas de relativo pudor. Entrava-se no parque e logo as cabeças crespas e os tecidos vivos enchiam o olhar de uma vaga esperança entre despeitada e quase aprovadora.

Hoje resta-nos um lugar mental para o incongruente. Para vagos pensamentos sobre o que há de inútil e de equívoco nos

materiais de luxo bem arrecadado e disposto nas salas vazias de um edifício mecenas para com uma cidade perversa e que

lhe volta as costas. E cai-se facilmente nas razões primeiras, como seja a morte e decomposição de um imaginário sem quaisquer suportes para memórias sofridas apenas — e já é bastante — no microcosmos da loiça do almoço e dos incidentes da telenovela, com muita lágrima colhida pelos cantos mais escondidos de uma casa de hóspedes.

Alguém disse também que a arte pela arte não passa duma teologia com seus devotos e fanatismos e sua corte de dogmáticos que encham certas tardes os interiores do edifício Gulbenkian. Mas visto assim de fora, o olhar pousado nos ombros descaídos dum marceneiro reformado e que conta miudezas de mão adestrada à plaina e ao martelo, toda essa acumulação de ícones heterodoxos não passa dum armazém proibitivo a humores de bairro que encham de pequenas nódoas a tarde solhenta.

Aquilo que se designa por património cultural nos noticiários e artigos de fundo só pode ganhar sentido quando se estabelecer uma ligação de fulcro com este homem que se senta sobre a sua vida num banco de pedra e deixa vir ao cimo o seu desejo mais fundo, por mais fluido que seja o seu passado e inerte o seu dia presente. O curioso arqueológico que muitas vezes substituiu o espanto frente a uma tábuia pin-

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS

EURICO DE SOUSA: este nome é capaz de dizer qualquer coisa aos mais familiarizados com referências do segundo e terceiro planos dos anos 50. Numa revista que então, em 56, se publicou no Funchal, «Búzio», ele aparecia a assinar três poemas, na companhia de António Afonso, David Mourão-Ferreira, e Herberto Helder. É um exemplo, mas deve-se dizer que não haveria muito mais. Porque, pouco tempo depois, em 59, Eurico de Sousa embarcou para o Brasil e por lá ficou até 73: Regressaria, ficando no Funchal, onde actualmente vive e trabalha como arquitecto. Ao longo destes anos, entretanto, foi escrevendo, e muito. E aqui há dois decididos a publicar. Em Junho último, um grosso livro de cerca de 400 páginas começou a chegar aos jornais e às livrarias (embora não tenhamos visto ainda em nenhuma de Lisboa). O título: «A Festa Sendo em Agosto». Traz chancela da editora Eco do Funchal, e até por isso seria uma novidade — porque, muito diferentemente do que se passa nos Açores, na Madeira parece não haver qualquer vida literária ou cultural assinalável — embora por aqui se saiba sempre que lá vivem pelo menos António Aragão e Vieira de Freitas. E Eurico de Sousa, fica desde já registado. As proporções desta estreia em livro (por volta dos 50 de idade) exigem uma referência mais atenta — que se há-de fazer neste suplemento.

A RAIZ E O FRUTO é o título do terceiro e último livro da trilogia «Raiz Comovida», de Cristóvão Aguiar, e acaba de ser

publicado em Angra do Heroísmo, na colecção Galvota, da SREC. os dois primeiros livros tinham saído na Centelha, e o primeiro, «A Semente e a Selva», rapidamente esgotado nas livrarias pela procura causada sobretudo pela atribuição do Ricardo Malheiros, da Academia de Ciências, foi não há muito reeditado na Bertrand. De «Vindima de Fogo», o segundo, ainda há exemplares à venda. Eventuais reedições serão feitas pela Galvota.

ÁFRICA, dois anos e poucos meses depois do seu aparecimento, está com nove números publicados. E a revista é trimestral, o que quer dizer: a revista está em dia, mais, bem feitas as contas, vai com um número de avanço sobre o tempo. No número 9, que mantém a estrutura original, há peças sobre as literaturas e as culturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Brasil, Nigéria. E outras coisas, que o leitor fiel já viu — e o menos fiel pode ver, que a revista está nas livrarias. A tiragem está nos 7 800 exemplares, e o preço é 180\$00.

MANUEL MARIA, porventura o mais importante nome da poesia galega actual, deu à estampa mais um livro: «Poemas da Labareda Estremecida». A obra de Manuel Maria é já numerosa de títulos (cerca de trinta) e este conjunto de poemas aparece motivado por circunstâncias particulares: os 50 anos de idade do autor, 30 de actividade pública como poeta, e ainda 30 de vida com a companheira, Saleta, a quem o livro é dedicado. Por isso a edição (chancelado pela Xistral,

de Santiago), sendo embora de 81, traz a data de 80, que foi, para o poeta, o ano de tais celebrações. Assinalámo-lo aqui oportunamente: em fins de 80, a mesma Xistral fez sair uma volumosa antologia da obra poética de Manuel Maria sob o título de «Poemas de Trinta Outonos». As edições da Xistral não chegam a Portugal, mas a referência justifica-se: Manuel Maria é talvez, depois de Rosalia de Castro, o nome da poesia galega mais familiar do público português, e o poeta é o que se pode dizer um bom amigo de Portugal. Nos anos 70, uma editora do Porto entretanto desaparecida, a Razão Actual, publicou-lhe uma antologia, «Noventa e Nove Poemas», e um original, «Odes num Tempo de Paz e de Alegria».

ANGEL GUINDA: aqui há tempos numa entrevista ao «Jornal de Letras, Artes e Ideias», o poeta e ensaísta Angel Crespo falava da poesia espanhola actual e citava-lhe o nome entre três ou quatro que considerava representativos das tendências e inflexões mais recentes. Guinda é de Saragoça, onde nasceu em 1949, e tem, até à data, três livros publicados: «Vivir en Vida», «Aniquilaciones» e «Órbita sin Sein». Esgotados. Mas, recentemente, uma chancela de Saragoça, a Olifonte, reeditou-os num só volume, com o título de «Vida Ávida». Uma oportunidade para o leitor português. Os livros da Olifonte costumam chegar à Sá da Costa, em Lisboa.

BORIS VIAN é o co-autor do próximo título da Série Negra da Regra do Jogo: «Morte aos

Felões». Vian escreveu-o de parceria com Vernon Sullivan.

JOAQUIM BENITE: um livro de poemas dele poderá sair brevemente na Contexto. Aqui há algumas semanas este suplemento «Ler e Escrever» publicou, de Benite, um poema avulso que poderá pertencer ao futuro livro. A ideia ainda não está assente, todavia. Benite, que se conhece como director de teatro, foi jornalista durante largos anos e o livro, agora, se vier a sair, nem será rigorosamente uma estreia, embora seja o seu primeiro livro individual. Nos princípios de 60, ele publicou, de parceria com Deodato Santos (este presentemente no Algarve, onde, em Portimão, está a fazer o jornal «Barlavento»), um caderno titulado «Andaime».

AS EDICIÓS DO CASTRO, da Corunha lançaram uma nova colecção de poesia, a Liminar. Os dois primeiros títulos: «Os Bosques Encendidos», de Xavier Seoane, e «Ábrelle a Porta ó Dia», da Dário Xohan Cabana. Xavier Seoane (n.º 1954, Corunha) é um nome praticamente desconhecido, apesar de já ter um livro e outras coisas publicadas no activo, Dário Xohan Cabana, este nome associamo-lo à vaga de «novíssimos» dos anos 70 (com Lois Dieguez, Maragarita Andion, e outros). A poesia galega de hoje é certamente muito pouco conhecida entre nós. Quanto a estes livros, as suas qualidades patentes justificariam o interesse eventual do leitor português. As Edições do Castro colocam habitualmente os seus livros na

livraria Sá da Costa, em Lisboa.

A FACA NO PÃO é o título do novo livro de poemas de Edgar Carneiro, e o quarto na bibliografia deste autor que se estreou em 1934 com «Caminhos de Fogo», esteve depois em silêncio até reaparecer em 78 com «Poemas Transmontanos», e ainda no ano passado publicaria mais uma colectânea: «Tempo de Guerra». Natural de Chaves, e residindo actualmente em Espinho, Edgar Carneiro (por curiosidade, pai do poeta Eduardo Guerra Carneiro) chegou à idade da reforma quase completamente desconhecido da generalidade dos leitores de poesia, e, como se pode ver pelas datas, com obra numerosa guardada na gaveta para melhor ocasião de publicar. A edição é patrocinada pela chancela E ETC.

ALGUNS ANOS DE PASTOR, poemas de Ivo Manuel Machado. É uma das últimas propostas da Galvota, de Angra do Heroísmo. Trata-se da estreia dum autor de pouco mais de vinte anos, e dos Açores. Patentes algumas qualidades.

A COLECÇÃO TEXTOS LITERÁRIOS, da Seara Nova/Intervenção, que está a ser dirigida por Maria Alzira Seixo, é — pode-se dizer, sem reservas — uma das melhores iniciativas editoriais que actualmente se regista na cena editorial portuguesa, principalmente pelos cuidados pedagógicos que a assistem, e também por motivos valorizadores como uma criteriosa escolha de autores seleccionados, a qualidade dos textos de apresentação (feitos, em re-

gra, por jovens assistentes das Faculdades de Letras), a concepção da antologia inovada com sugestões de leitura. Outro aspecto relativamente inovador desta colecção é o facto de ela se dedicar não apenas aos «clássicos» — clássicos modernos, e inclu-



Iva Carvalho

tada no Japão ou a uma prata lavrada por mãos árabes é acicatado pela dose de informação colhida num catálogo que o vento faz desandar até aos nossos pés.

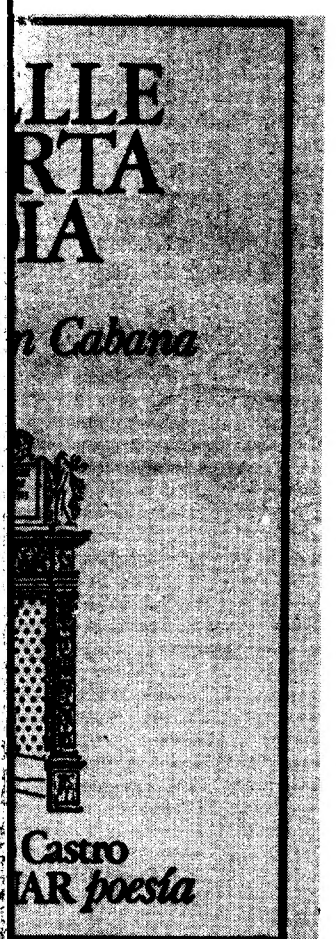
Já ouvi alguém explicar por meio de fórmulas matemáticas complexas um quadro de Velasquez, em que a perspectiva, o jogo da luz e da sombra, as posições das figuras serviam de simples pretexto para a equação final cheia de parênteses. A esse alguém o enigma a decifrar, politicamente falando, nunca fora a vida passada a pastel pela mão do mestre. Ele já embarcava nessa furiosa tensão de desintegrar a matéria plástica e os investimentos nela através de relações geométricas puras e abstractas. Ou seja, vencer a sedução pelas armas dum especulativo egoísmo, mediante uma espécie de orgasmo organizado e lento, face à perplexidade indifferente dos indigentes disciplinares e candidatos ao academismo.

E é isso a que se reduz hoje uma vida e seus incidentes infelizes. Um parêntese entre outros mais que o mundo mental de um curioso se lembrou de descrever num quadro preto.

Mas deixemos os jardins da Gulbenkian onde o Mecenaz, sentado, parece aliviar-se finalmente sabe-se lá de que dores intestinas e voltamos ao trabalho de criar simulacros. Agora são 15 horas. Continuemos a pensar como Pitágoras dizia — no meio dos seus teoremas. Das suas equações, afinal.

EM DIA

sivamente a autores de hoje. Um exemplo é o volume recentemente publicado e dedicado a Carlos de Oliveira. Mas anunciam-se volumes idênticos dedicados a Jorge de Sena, Vitorino Nemésio, António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade e José Rodrigues Miguéis.



LETRAS

FRANCESAS ACTUAIS

— a qualidade perde-se na quantidade

Há vinte anos, Julien Gracq chegou à conclusão de que a literatura francesa respirava mal. Desde então, o estado da literatura francesa agravou-se. É de temer que na próxima «saison» se não verifiquem melhoras, muito embora o número de romances anunciados (cerca de 165) seja superior aos aparecidos em 1980 e 1979, respectivamente 132 e 129.

Este número tão alto de livros não incita ao optimismo pelo simples motivo de se ver nele um encorajamento à mediocridade. Quando o género romanesco sobreleva os outros géneros (o

ensaio, a poesia, a novela, o diário íntimo) é sempre de reear palavras e só palavras. Muitos livros são publicados exorbitando de qualquer necessidade interior. Basta alguém saber construir e contar a sua «pequena história» para que consiga ser editado. Impera o narcisismo em lugar da exteriorização do ego, e uma exposição feita de qualquer maneira substitui o verdadeiro trabalho literário. Um certo à vontade menospreza o rigor e uma certa parcimónia substitui qualquer sincera ambição.

As razões desta quebra nas



letras francesas são diversas. Mas a importância adquirida pelos prémios literários explica, em parte, a complacência que preside à actual situação das letras. Para alcançar um dos muitos galardões literários de que o Outono é pródigo, os editores atiram cá para fora com o maior número de concorrentes, sem que verdadeiramente se tenham debruçados sobre os méritos das obras de certos autores, pelo que estes, por sua vez, se coíbem de um olhar mais crítico sobre os textos.

Assiste-se, então, todos os anos, pelo Outono, a um entu-

siasmo efémero por obras que conseguiram um ou outro prémio. Entretanto, a literatura estrangeira faz o papel de parente pobre, assim se explicando como um Andrés Soares ou um Joe Bousquet passam despercebidos. Ao mesmo tempo, os grandes escritores franceses vivos não dados ao romance são brindados com uma audiência restrita. Alguns nomes: Cioran, Michel Leiris, René Char, Henri Michaux, Edmond Jabès...

Alimente-se, no entanto, a esperança de que a próxima «saison» desminta este pessimismo, e que novos escritores sejam, na

verdade, revelados. Mas estamos em crer que a maior parte dos romances a publicar no decorso das próximas semanas irá ser vítima desta fuga de tempo que tão dolorosamente caracteriza a nossa época. Alguns livros farão uma breve e obscura passagem pelos escaparates das livrarias, quanto mais não seja para que dêem lugar aos livros seguintes... A qualidade perder-se-á na quantidade. Unicamente se tornarão notados os romances que porventura obtenham os favores de moda. Assim sendo, a literatura continuará a respirar mal.

François Bott

As palavras perdulárias

José Manuel Mendes

Passei de táxi, junto ao Tejo, anemiado pelo sol do meio-dia. Olhei os barcos, as aves, a distância. Ali perto, uma pequena multidão observava as manobras destinadas a remover o Tollan: escura carcassa da tristeza às portas de Lisboa.

O motorista quebra o silêncio com um voz de vidros a estilhaçar: — É assim. Três ou quatro a trabalhar e quatrocentos vadios a ver. Como é que este País há-de andar prá frente!

Relanceei, fatigado, em redor. No tablier, tarjado a negro, Sá Carneiro rivalizava com um dístico colorido por mão hábil: FAVOR NÃO FUMAR.

Não fumei, claro.

Aliás, já me esquecia, eu nunca fumo.

Toda a tarde com o Carlos de Oliveira: Finisterra (Finisterra, Paisagem e Povoamento, como ele gostava de dizer), uma e outra vez relido. Da surpresa (dúvida, encantamento) da primeira abordagem, logo entretecida da inventariação do renovo, da descoberta dos signos medulares, à rededificação, em sucessivas alvoroadas etapas, do «pequeno e claro enigma (Drumond)», como lhe chamou o autor na dedicatória dum dos exemplares que me ofereceu, sempre este romance se me afigurou dos maiores do nosso tempo.

Reassumi hoje, novamente, o grande desafio estético de Finisterra. Chego ao fim de olhos clareados, qualquer coisa de fascinante preenchendo-me os espaços sensíveis. É então que a voz de Carlos de Oliveira vem, lúcida e viva, advertir-me, como em tantas horas sortidas: «é sempre preciso recomçar. Custa, não é?» E, após o silêncio intervalar, no seu encolher de ombros a meio sorriso triste: «Mas que se há-de fazer?»

No regresso a Lisboa paramos, por alguns minutos, para descer ao interior das Grutas da Moeda e de Santo António. Lindas de se ver. Como o tempo (longo, longo) alambica as formas e como a frouxa imaginação dos exploradores turísticos as associam a nomes, eventos e coisas duma mitologia religiosa sem raízes na cultura popular. Admiramos as peças mais belas (estalactites, estalagmites, anónimos rendilhados calcários, altas e irregulares paredes nacaradas por onde a humidade escorre) e sentimo-nos subitamente inquietos: que aguçadas filigranas, ácidos objectos de inconjunctável beleza formarão, daqui a milhares, milhões de anos, nossos ossos calcinados? Ou seremos tão imprestáveis que nem as mãos da natureza, tão pródiga e acolhedora, aproveitem a massa (hoje animada) do que fomos?

Fragil sobre este denso fio de eternidade, medindo-me com o suor dos séculos nas rugas das formações pluriformes, não deixo, todavia, de pensar no quanto a perenidade de todos se faz da precaridade de cada um. Gota a gota, no decurso de gerações, como esta coluna branca rompendo do chão e que os olhos relembram deslumbrados.

Eis, pois, a grandeza das obras colectivas a que damos força com o pobre sopro das nossas vidas.

LIDO E A LER

INTRODUÇÃO À LEITURA DE «UMA ABELHA NA CHUVA»,

de Carlos Reis. O livro salu há mais de um ano, mas um ano não é razão para que não o consideremos ainda como novidade. E a morte de Carlos de Oliveira, aqui há três meses, parece que velo (como habitualmente acontece) suscitar uma vaga de interesse pela sua obra como talvez só se tenha verificado quando da publicação de «Micropaisagem», ou «Entre Duas Memórias», e «Finisterra». Este estudo de Carlos Reis é porventura excessivamente «técnico» para o leitor não especializado ou especialmente interessado na leitura do romance — que não tem a obrigação de conhecer e ter em conta bibliografia deste alto teor como apoio de que talvez nem precise para fazer uma leitura da obra sem mais sobresaltos do que os próprios do prazer mediano. Todavia, os planos de percepção duma obra são sempre inúmeros em implicações, e qualquer análise com um mínimo de estruturação e fecundidade de perspectivas descobertas não pode nem deve ser considerado de modo algum despiçando, antes passará a ser tido como factor indissociável do processo de envolvimento a que, a dada altura, a obra se encontra, se não submetida, pelo menos referida — no seu centro e simultaneamente nas suas margens. Por outras palavras, a história ou a existência dum texto não é muito mais do que toda a sucessão de textos que suscitar e de que se torne pretexto ou objecto, abarcando isto um pouco tudo, da recensão breve ao ensaio longo, da crítica à tese de centenas de páginas. Neste caso, estamos em presença dum exercício de mestria analítica e só é pena que a exposição se processe numa escrita tão severamente vigiada, e que

o engenho estruturante da interpretação se recuse a grande risco que lhe ponha em causa a eficácia, pelo menos, formal. O livro proporciona uma reflexão sobre a distância que vai do comentário ou da recensão como desempenho de breves e ligeiras tarefas de jornal a uma concepção de crítica como actividade científica. O leitor médio pode fazer essa reflexão e optar pela segunda, passando a prezar ou estimar menos a primeira. Mas também pode concluir que a segunda lhe é inacessível, ou enredar-se nos esquemas que ela lhe propõe. E, neste caso, não é impossível que se lhe crie como que um sentimento de insegurança ou desconfiança em relação a tudo quanto aqui está envolvido, a começar e a acabar no romance de CO. De onde: a questão não é esta, e não cabe numa nota de jornal qualquer sentencioso juízo de valor acerca dum trabalho como este. Evidentemente, apreciável, e estimável. E outras coisas, ainda, e por vezes muito mais do que isso. (Almedina)

A POESIA DE CARLOS DE OLIVEIRA, de Manuel Gusmão. Conciliar, na crítica, no ensaísmo crítico, as exigências pedagógicas com a procura necessária dum ponto de vista diferente (sem o qual toda a leitura se limita a repetir o já dito, redito, e mais ou menos sabido é capaz de não ser das tarefas mais fáceis. Mas é possível, e o autor deste trabalho consegue-o aqui, apesar das limitações dimensionais que por certo se lhe impuseram — e até poderão ter sido uma razão para mais empenhamento no rigor analítico e na síntese interpretativa. Haverá talvez uma exigência menor na aceitação de determinada fase da obra de CO, a dos anos 40. Mas também isso se nos justifica em conta do

que mais tarde CO veio a escrever e publicar. Sem reservas, o trabalho de Gusmão é excelente, tanto na visão de conjunto da obra do autor como na análise da obra livro a livro (e de livro para livro, em reincidências pontuais sobre aspectos da chamada evolução). As «sugestões de leitura» — escapam-nos a extensão e o alcance, ou os limites, ou as limitações que poderão ter. Melhor do que nós não há-de sabê-las aqueles leitores, fundamentalmente os escolares de literatura, a quem o livro em princípio parece que mais se destina. (Seara Nova-Intervenção).

SETE (DESEN)CANTOS, de Manuel Alberto Valente. É o que se pode dizer um salto qualitativo que o autor dá no processamento da sua obra, e se tivermos em conta os livros precedentes (até o último, «Os Olcos de Passagem»). Valente desembaraça-se aqui de certas formalidades obrigatórias na poesia de intenção social que vinha escrevendo resignadamente, e faz a opção que pode ser lançamento decisivo para uma afirmação de maioridade, adulez: avança sem hesitação para o longo-discursivismo, ganha largo terreno ao lugar comum — em luta com o lugar comum — no campo da metafórica e da imaginística, enfrentando inúmeros riscos, inclusive o da inconsequência (que, todavia, é sempre um risco diverso dos que não implicam mais do que a monotonia e a igualdade da repetição, do fazer de percursos já feitos por outros). Uma surpresa, esta breve mostra a partir da qual há uma forte expectativa que se levanta quanto ao que doravante vai fazer o autor. Um romance? Há alusões a tal, nesta mostra de sete peças líricas anunciador de qualquer grande livro no futuro. (Inova).

L.M.R.



Walt Whitman

Continuação da pág. 1

(Nabokov foi professor de Literatura em Wellesley e em Cornell, até 1958, ano do êxito de «Lolita»).

Na sua correspondência, Hemingway revela-se mais loquaz do que os seus romances pouco efusivos fariam supor, mas as suas cartas raramente o revelam em «dia sim». O essencial deste volume fora já publicado na biografia de Baker. Quanto ao livro de Nabokov, mostra-nos, o que é pouco comum, um grande escritor assumindo grande humildade perante romances como os de Dickens, Flaubert, Proust e Joyce.

Se um livro é importante somente pela sua influência imediata, então o grande livro do ano é «Wealth and Poverty» (Riqueza e Pobreza), de George Gilder, um hino lírico à glória da livre iniciativa que se tornou «best-seller» depois de Ronald Reagan o ter recomendado aos membros da sua administração, por ser o modelo do seu pensamento económico.

Uma direita organizada

O trabalho de Gilder, mais polémico que conceptual (como o próprio Reagan) é comparável ao dos «novos filósofos», em França. Começa assim: «O acontecimento mais importante da história recente das ideias é a morte do sonho socialista.» Embora Gilder acrescente paradoxalmente que «os sonhos morrem logo que se tornam realidade», a sua análise dificilmente se pode aplicar às recentes eleições presidenciais francesas. Gilder esforça-se por dar ao sistema capitalista um fundamento moral e filosófico, diferente da avidez desenfreada e do egoísmo.

Como este livro demonstra, a direita americana não está só bem organizada politicamente, mas organiza-se intelectualmente — elaborando uma ideologia de que anteriormente nunca sentira necessidade. Fortunas passam por «reservatórios do pensamento» como o American Enterprise Institute e a Hoover Institution para lançar «investigações» cujas conclusões são em geral facilmente previsíveis. Durante esse tempo, a esquerda em plena confusão, acha mais reconfortante virar-se para o passado. Dois grandes jornalistas, Victor Navasky, chefe de Redacção de «The Nation», e Ronald Steel, editorialista do «The New Republic», publicaram dois impressionantes estudos históricos sem grande relação com a política actual.

Realizado a partir de numerosas entrevistas, o livro de Navasky, «Naming Names» (Citando Nomes) acrescenta muito ao que nós conhecemos da lista negra de Hollywood e da «caça às bruxas» nos anos 40 e 50. Navasky interroga-se sobre os problemas que se colocavam aos que «davam» os nomes dos amigos e sobre os sofrimentos que mais tarde padeceram os informadores e as suas vítimas. Apesar do nome, «Naming Names» é menos um estudo político que uma obra de reflexão moral sobre o traumatismo de um passado recente.

Elementos da mesma ordem relativos a um drama pessoal

aparecem na incisiva biografia política de Ronald Steel, «Walter Lippman and the American Century» (Walter Lippmann e o século americano). Este poderoso jornalista talhou a opinião pública e o pensamento de elite durante os mandatos de nove presidentes, de Woodrow Wilson a Lyndon Johnson. Através deste livro, a vida de Lippmann revela-se mais interessante que tudo quanto escreveu. Vê-mo-lo jovem socialista, depois homem de ideias e de acção, extraordinária silhueta nos bastidores do poder. Mas a parte mais interessante do livro diz respeito à relação apaixonada de Lippmann com a melhor amiga da sua mulher, assim como a sua hipersensibilidade em relação ao judaísmo. Esta hipersensibilidade impediu-o de protestar contra o holocausto por medo de ser publicamente identificado com as vítimas de Hitler. O livro de Steel termina com a derradeira batalha do velho homem — contra a guerra do Vietname — que fez dele um «outsider» azedo, ao fim de cinquenta anos de uma influência sem par.

Duas outras biografias lançam nova luz sobre o passado. Nos últimos anos, a erudição feminista ajudou a descobrir as vidas de muitas mulheres anteriormente «ignoradas». Um dos melhores frutos dessa investigação é a nova biografia assinada por Jean Strouse, de Alice James, a irmã — brilhante, neurasténica e desconhecida — de Henry e William James. Muitas vezes doente e só, Alice James, como as outras vitorianas, punha todo o seu talento ao serviço das suas conversas e do seu diário. O livro de Strouse, muito bem escrito, sublinha, a justo título, o papel que a doença e as nevroses desempenharam na vida das mulheres da classe média no século dezanove.

serva uma influência vivificadora nas letras americanas.

Um Roth menor

Se um livro é importante por causa da sua intensidade e da reflexão angustiosa que o autor faz sobre a sua própria vida, então há que distinguir dois romances recentes: um de Philip Roth, «Zuckerman Unbound» (Zuckerman sem peias) e o outro de Leonard Michaelis, «The Men's Club» (O clube dos homens). Mas estes dois livros não pertencem à melhor veia dos seus autores.

A obra de Philip Roth é uma série de aventuras muito autobiográficas de um personagem descoberto em «My life as a Man» (1974) (A minha vida de homem) e «The Ghost writer» (1979) (O escritor fantasma). Com «Zuckerman Unbound», Roth escreveu um romance que lembra «Portnoy's Complaint» (Portnoy e o seu complexo). Ele debate-se como um belo demónio para lutar contra dois novos fardos vacilantes: a celebridade e a riqueza. Poucas pessoas podem dar-se ao luxo de se pôr este problema. É a razão pela qual uma grande parte do público ficou chocado no ano passado com o filme mediocre e egocêntrico de Woody Allen, «Stardust Memories». A maior parte das pessoas imagina que as vantagens do êxito compensam os seus inconvenientes. Por isso detestam ver um artista lamentar-se ingratamente do seu público e pedir desculpa pelas suas melhores obras. «Zuckerman sem peias» poderia chamar-se «Celebridade rebelde». Há alguns bons momentos neste livro, mas quase não chega a ser romance e é, definitivamente, um Roth menor. O livro de Leonard Michaelis per-

mas. É uma obra grosseira e violenta cheia de sentimentos detestáveis. Mas o problema de Michaelis é outro: ele é essencialmente novelista. O primeiro capítulo de «The Men's Club» (O clube dos homens) foi inicialmente publicado sob a forma de uma novela. E o livro não o ultrapassou.

Se a importância de um romance deriva do significado do seu tema, da grandeza, da sua concepção e do seu alcance histórico, então a palma tem que ir para livros como «Loon Lake», de E. L. Doctorow, «How German is it?/Wie Deutsch ist es?» (Até que ponto é alemão?), romance americano a despeito do seu título bilingue, assinado por Walter Abish, ou «The White Hotel», (O hotel branco) de D. M. Thomas (esta obra vem-nos da Inglaterra, mas é, por certo, o melhor romance de língua inglesa publicada este ano).

Com o «Livro de Daniel» (1971) e «Ragtime» (1975), Doctorow contribuiu para reintroduzir a história e a política na ficção americana, utilizando nos seus romances verdadeiras personagens históricas. Em «Loon Lake», elabora uma fábula cujos protagonistas são um poeta mediocre, um riquíssimo industrial e um jovem vagabundo que vem a tornar-se filho adoptivo e herdeiro do industrial. A acção passa-se durante o período da Depressão, mas reporta-se por vezes aos grandes conflitos operários de 1920. Certas cenas com traços da história social — um assunto negligenciado — são muito fortes. Mas a fragmentação formal de Doctorow torna a fábula obscura, o que não impediu o livro de se tornar um best-seller.

O romance de Walter Abish, que era quase desconhecido antes de obter um prémio literá-

O tema do livro não é nada original. Abish lembra que a prosperidade germânica assenta sobre uma massa de túmulos anónimos. Evoca também os compromissos do pensamento alemão com o hitlerismo.

Mas o tom e a minúcia do autor são verdadeiramente admiráveis.

veis. O livro está escrito num estilo linear — lento, interrogativo, repetitivo, irónico — através de

uma voz neutra. Esta voz fala muitas vezes em nome da Alemanha actual que recusa as recordações excessivamente «desagradáveis». É um livro obsi-

O CREPÚSCULO AMERICANO

O escritor americano John Gardner, nascido em 1933, na Batavia, no Estado de Nova Iorque, obteve no seu país uma notoriedade justificada.

O que as suas obras de conteúdos muito diferentes têm em comum é um humor constante uma ironia muitas vezes amarga, sempre inquietante. John Gardner interroga-nos constantemente: a ficção romanesca, torna-se conto filosófico. E os seus pequenos brancos de Bermont como em «Luz de Outubro» encerrados nas neves de inverno ou sofocando ao Sol escaldante do Verão confrontados com a banalidade do quotidiano e subitamente dilacerados por crises furiosas e sobressaltos repentinos, elevam-se ao nível das ideias, inscrevendo-se num debate universal sem que por isso deixem de ser gente comum.

Como resumir «Luz de Outubro»? Numa quinta do Vermont vivem dois velhos, irmão e irmã. Têm uma discussão. Ele parte o aparelho de televisão. Ela fecha-se no quarto e decide não sair mais de lá. Entre eles há faltas de dinheiro, destinos destroçados, ruína, abandono. Um filho suicidou-se, outros desperdiçam-se em uniões infelizes. Ele mantém-se fiel aos velhos princípios republicanos: rigor, trabalho, nada de descomedimentos, a «América para os americanos»... Ela, a velha, no quarto, rumina as suas queixas: gostaria de ouvir as mulheres falar, acolher a mudança permitir-se alguns descomedimentos.

Mas há mais. No quarto, em que ela se encerrou, a velha lê um romance do estilo «Série Negra». É um volume onde faltam páginas ao acaso. Nós lemo-lo com ela, ao mesmo tempo que ela. É uma história de droga, de sexo, de violência. Desenrola-se em grande parte na costa do México e põe em cena os traficantes de marijuana, uma rapariga ninfomaniaca, um marinheiro tendendo para o suicídio, um negro filósofo e dois velhos homicidas. Nada tem de comum com a planície do Vermont onde a velha está encerrada e onde o irmão se emborracha num motel. Entretanto, à medida que avançamos na leitura dentro da leitura, os fantasmas aproximam-se e cria-se uma espécie de turbilhão que se transforma em sorvedoiro e nesse sorvedoiro se desmora — cómica e tragicamente — a civilização ocidental: é isso a luz de Outubro. O assunto do livro de John Gardner, romance com um toque de demoníaco, mais que o crepúsculo americano.

Hubert Juin



Norman Mailer

No pólo oposto de Alice James encontra-se a omnipresente silhueta de Walt Whitman que, durante cerca de quarenta anos, modelou a sua imagem do mesmo modo que mais tarde desenharia o seu imponente túmulo no cemitério de Camden. Whitman é um sujeito impenetrável que tudo diz e tudo dissimula sobre si. A biografia de Justin Kaplan contribui para separar a lenda e o homem. Muito mais que Hemingway, Whitman con-

tence a um género igualmente contestável, a resposta do macho ao movimento feminista. Obras tão diferentes como «Prisioneiro do sexo», de Norman Mailer, e «A cidade das Mulheres», de Fellini, mostram as posições defensivas e arbitrárias que o artista pode adoptar quando as suas prerrogativas masculinas são postas em questão pelo novo feminismo. A narrativa de Michaelis põe em cena homens que descrevem os seus fantas-

mas, compõe-se de uma trama histórica mais complexa que «Loon Lake». A obra evoca a nova Alemanha e as suas relações com a Alemanha mais antiga, bem esquecida e enterrada, a do período nazi. A história situa-se principalmente numa nova cidade em pleno desenvolvimento, construída sobre as ruínas de um campo de concentração e baptizada com o nome de um eminente filósofo que tem por modelo Heidegger.

dante; é difícil fazer-lhe justiça em meia dúzia de frases.

Ficção e realidade

«The white hotel» trata precisamente do holocausto, embora o essencial da narrativa se desenrole na Viena de Freud, pouco depois da II Guerra Mundial. Muito justamente, «The white hotel» é o romance de que mais se fala este ano. Os seus principais personagens são, o que é bastante de admirar, o próprio Freud e uma jovem cantora cujo itinerário macabro conduz do divã de Freud à ruína de Babí Yár. É um livro em que falam várias vozes. Freud escreve sobre uma mulher cujo «dossier» psicanalítico é directamente imaginado a partir de alguns dos mais famosos textos do psicanalista.

Da parte do autor é uma bela façanha este livro narrado à moda do «partiche» com os elementos mais conhecidos da vida de Freud e os seus próprios textos, que são integrados na ficção.

Mas eu pergunto-me se as cenas finais do genocídio, insuportáveis de ler, não desequilibraram o romance. A menos que elas tenham por fim a sua não justificação... Este livro trata vários temas: os fantasmas e a sua interpretação... o mal, as relações pais-filhos, o modo como os fantasmas podem por vezes preceder a realidade... Uma temporada literária que produz «The white hotel» é seguramente uma temporada de êxito.

Morris Dickstein
(autor de «Gates of Eden», estudo sobre a cultura americana dos anos 60)